

**A Expressão Plástica e as crianças:  
um percurso do Pré-escolar ao 1º  
Ciclo**

**Relatório de Estágio apresentado para a obtenção do grau de Mestre  
em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico**

**Raquel Maria de Carvalho Neves**

**Orientadora:**

**Professora Doutora Maria João Cardona**

**2019, julho**

## **Agradecimentos**

Pelo apoio incondicional, pelo amor, pela força, pela paciência, pela confiança, e porque sem eles não teria sido possível chegar até aqui, aos meus pais toda a minha gratidão e amor.

À minha avó, aos meus irmãos, aos meus sobrinhos por estarem sempre presentes, nos momentos bons e nos menos bons, sempre com palavras de carinho e motivação.

Aos meus peludos, pela paz e calma que me transmitiram nos momentos de incerteza, pela companhia durante o percurso.

Aos amigos que estão no coração e que desejaram, com a mesma força que eu, ver esta etapa terminada.

A todas as colegas de curso, pela partilha, entreeajuda e desafios. Tudo me ajudou a crescer.

A todos os docentes cooperantes ou não, ao pessoal não docente, que se cruzaram comigo por onde fui passando. Com todos aprendi muito, a minha gratidão e apreço.

A todos os participantes, que prontamente se disponibilizaram a contribuir para este trabalho, o meu agradecimento.

Às crianças com as quais tive a oportunidade de aprender e sentir-me mais próxima de um sonho.

Finalmente, à Professora Doutora Maria João Cardona, pela orientação, ensinamentos, confiança e pela paciência também, ao longo de dois anos de curso e orientação, grata.

A todos, um grande bem-haja!

## Resumo

O presente relatório final de estágio “A Expressão Plástica e as crianças: um percurso do Pré-Escolar ao 1º Ciclo” surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino de 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) e é composto por duas partes: numa primeira parte são apresentados os estágios realizados e, numa segunda parte, a componente de pesquisa desenvolvida.

Na primeira parte, o relatório contempla uma reflexão sobre o percurso realizado nas práticas de ensino supervisionado em Creche, Jardim de Infância e 1º CEB. Na segunda parte, o relatório dedica-se ao percurso investigativo, onde se pretende estudar alguns docentes (duas educadoras e duas professoras), percebendo qual a importância que atribuem à Expressão Plástica, quais as suas estratégias na realização de atividades desta expressão e se reconhecem ou não as potencialidades educativas da Expressão Plástica, no desenvolvimento das aprendizagens das crianças.

A pesquisa iniciou-se no segundo estágio curricular, através da observação e avaliação dos momentos de intervenção e também por entrevistas semiestruturadas. No sentido de traçar o caminho do trabalho de pesquisa, foram colocadas três questões orientadoras: de que forma a Expressão Plástica é promotora das aprendizagens? qual o papel do educador/ professor enquanto dinamizador da Expressão Plástica? qual é o contributo da Expressão Plástica no desenvolvimento e aprendizagens das crianças?

Os dados recolhidos, através das entrevistas às quatro docentes, permitiram analisar o que foi dito por educadoras e professoras. Após a organização e análise dos dados e uma revisão de fundamentação teórica, pode chegar-se a algumas conclusões pertinente à pesquisa. É de destacar que, independentemente do grau de ensino, existe o reconhecimento dos docentes (educadoras e professoras) quanto às potencialidades da Expressão Plástica como promotora das aprendizagens das crianças, apesar de não existir uma estratégia única na forma de trabalhar as atividades desta área. Apesar disso, há sim, critérios que devem ser respeitados em cada estratégia, considerando sempre que, cada grupo é um grupo e que, cada criança é única, respeitando as capacidades, a liberdade e individualidade de cada uma.

**Palavras-chave:** Expressão Plástica; Aprendizagem; Pré-escolar; 1º Ciclo

## Abstract

This final internship report on the "Plastic Expression and Children: A Pre-School to 1st Cycle" traineeship is presented in the framework of the Master's Degree in Pre-primary and Primary Education (CEB) and consists of two parts: in the first part are presented the stages realized and, in a second part, the research component developed.

In the first part, the report contemplates a reflection on the course carried out in supervised teaching practices in Kindergarten, Kindergarten and 1st CEB. In the second part, the report is dedicated to the investigative process, where it is intended to study some teachers (two educators and two teachers), realizing how important they attribute to Plastic Expression, what their strategies are in carrying out activities of this expression and recognize or not the educational potential of Plastic Expression, in the development of children's learning.

The research began in the second stage of the curriculum, through observation and evaluation of intervention moments and through semi-structured interviews. In order to trace the path of research work, three guiding questions were posed: how is Plastic Expression a promoter of learning? what is the role of the educator / teacher as the enabler of Plastic Expression? what is the contribution of Plastic Expression in the development and learning of children?

The data collected, through interviews with the four teachers, allowed to analyze what was said by educators. After the organization and analysis of the data and a review of theoretical basis, some conclusions can be reached pertinent to the research. It should be noted that, regardless of the degree of teaching, there is the recognition of teachers (teachers and educators) as to the potentialities of Plastic Expression as a promoter of children's learning, although there is no single strategy in how to work the activities of this area. Despite this, there are yes, criteria that must be respected in each strategy, always considering that each group is a group and that each child is unique, respecting the capacities, freedom and individuality of each.

**Keywords:** Plastic Expression; Learning; Preschool; 1st cycle

## Índice

<b>Agradecimentos</b> .....	i
<b>Resumo</b> .....	ii
<b>Abstract</b> .....	iii
<b>Índice de Quadros</b> .....	v
<b>Índice de Figuras</b> .....	v
<b>Índice de Anexos</b> .....	vi
<b>Lista de siglas</b> .....	viii
<b>Introdução</b> .....	1
<b>Parte I- Os estágios realizados</b> .....	2
<b>1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche</b> .....	2
1.1. Caracterização do contexto institucional.....	2
1.2. O ambiente educativo.....	3
1.3. O grupo.....	4
1.4. Projeto de estágio e desenvolvimento.....	5
1.5. Avaliação.....	8
<b>2. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância</b> .....	9
2.1. Caracterização do contexto institucional.....	9
2.2. O ambiente educativo.....	10
2.3. O grupo.....	11
2.4. Projeto de estágio e desenvolvimento.....	12
2.5. Avaliação.....	15
<b>3. Prática de Ensino Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico-1ºano</b> .....	17
3.1. Caracterização do contexto institucional.....	17
3.2. O ambiente educativo.....	18
3.3. O grupo.....	19
3.4. Projeto de estágio e desenvolvimento.....	20
3.5. Avaliação.....	24
<b>4. Prática de Ensino Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico-4ºano</b> .....	26
4.1. Caracterização do contexto institucional.....	26
4.2. O ambiente educativo.....	27
4.3. O grupo.....	28
4.4. Projeto de estágio e desenvolvimento.....	29
4.5. Avaliação.....	32
<b>Parte II- Trabalho de pesquisa realizado</b> .....	34
<b>1. Problemática e objetivos</b> .....	34

<b>2. Enquadramento teórico.....</b>	<b>35</b>
2.1. A Expressão Plástica, as crianças e o lúdico.....	35
2.2. As características da Expressão Plástica potenciadoras de aprendizagens.....	38
2.3. O papel do educador/professor.....	42
<b>3. Metodologia.....</b>	<b>45</b>
3.1. A investigação qualitativa.....	45
3.2. Contexto e participantes do estudo.....	47
3.3. Procedimentos para recolha de dados.....	47
<b>4. Apresentação e discussão de resultados.....</b>	<b>48</b>
4.1. O que dizem educadores de infância e professores do 1º CEB.....	48
4.1.1. A formação e experiência profissional.....	60
4.1.2. A importância da Expressão Plástica nas aprendizagens das crianças.....	62
4.1.3. O papel do educador/professor nas atividades de Expressão Plástica.....	63
4.1.4. As características da Expressão Plástica potenciadoras de aprendizagens .....	66
<b>5. Reflexão Final .....</b>	<b>68</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>71</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>74</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>81</b>

### Índice de Quadros

<b>Quadro nº1</b> Guião da entrevista.....	<b>46</b>
<b>Quadro nº 2-</b> Análise de conteúdo das entrevistas.....	<b>48</b>

### Índice de Figuras

<b>Figura 1</b> Crianças a explorar livro manipulável.....	<b>6</b>
<b>Figura 2</b> Criança a sentir tinta na mão.....	<b>6</b>
<b>Figura 3</b> Criança a pintar com decalque de folha seca.....	<b>6</b>
<b>Figura 4</b> Criança a pintar com decalque de mão.....	<b>6</b>
<b>Figura 5</b> Quadro sensorial.....	<b>7</b>
<b>Figura 6</b> Grupo a explorar o quadro.....	<b>7</b>
<b>Figura 7</b> Criança a abrir o fecho de guizos.....	<b>8</b>
<b>Figura 8</b> Criança a puxar fitas coloridas.....	<b>8</b>
<b>Figura 9</b> Criança a sentir o algodão.....	<b>8</b>
<b>Figura 10</b> Criança a pintar.....	<b>13</b>
<b>Figura 11</b> Crianças a pintar.....	<b>13</b>
<b>Figura 12</b> Desenhos coloridos com encarregado de educação.....	<b>13</b>
<b>Figura 13</b> Exposição dos trabalhos das crianças.....	<b>14</b>

<b>Figura 14</b> Criança a jogar.....	14
<b>Figura 15</b> Jogo da separação no final.....	14
<b>Figura 16</b> Desenho dos ecopontos.....	15
<b>Figura 17</b> Crianças a pintar os ecopontos.....	15
<b>Figura 18</b> Poema da letra L.....	22
<b>Figura 19</b> Exercício feito pelos alunos.....	22
<b>Figura 20</b> Exercício de recorte e colagem.....	22
<b>Figura 21</b> Recorte de casos de leitura com só uma ilustração.....	23
<b>Figura 22</b> Recorte de casos de leitura com cinco ilustrações.....	23
<b>Figura 23</b> Ficha de casos de leitura.....	24
<b>Figura 24</b> Ficha de leitura da letra N.....	24
<b>Figura 25</b> Alunos a preparar a massa do pão.....	31
<b>Figura 26</b> Pão cozido.....	31
<b>Figura 27</b> Banda desenhada e história do pão.....	31
<b>Figura 28</b> Aluno a mostrar a produção do seu grupo.....	31
<b>Figura 29</b> Alunos a fazerem a capa da compilação.....	31
<b>Figura 30</b> Banda desenhada de um grupo.....	32
<b>Figura 31</b> Capa da compilação.....	32

## Índice de Anexos

<b>Anexo I-</b> Planta IPSS.....	82
<b>Anexo II-</b> Planta da sala.....	83
<b>Anexo III-</b> Planificação 6/1/17.....	84
<b>Anexo IV-</b> Grelha de avaliação de 6/1/17.....	85
<b>Anexo V-</b> Planificação de 19/1/17.....	86
<b>Anexo VI-</b> Grelha de avaliação de 19/1/17.....	87
<b>Anexo VII-</b> Atitudes do educador no plano de rotina em Creche.....	88
<b>Anexo VIII-</b> Atitudes do educador no plano de rotina em JI.....	90
<b>Anexo IX-</b> Planificação de 11/5/17.....	92
<b>Anexo X-</b> Grelha de avaliação de 11/5/17.....	93
<b>Anexo XI-</b> Planificação de 12/5/17.....	94
<b>Anexo XII-</b> Grelha de avaliação de 12/5/17.....	95
<b>Anexo XIII-</b> Planificação de 16/5/17.....	96
<b>Anexo XIV-</b> Grelha de avaliação de 16/5/17.....	97
<b>Anexo XV-</b> Imagens da sequência didática “Girassóis”.....	98
<b>Anexo XVI-</b> Planificação de 23/5/17.....	99
<b>Anexo XVII-</b> Grelha de avaliação de 23/5/17.....	101

<b>Anexo XVIII-</b> Planificação de 19/5/17.....	102
<b>Anexo XIX-</b> Grelha de avaliação de 19/5/17.....	103
<b>Anexo XX-</b> Planificação de 24/5/17.....	104
<b>Anexo XXI-</b> Grelha de avaliação de 24/5/17.....	105
<b>Anexo XXII-</b> Planificação de 25 e 26/5/17.....	106
<b>Anexo XXIII-</b> Grelha de avaliação de 25 e 26/5/17.....	107
<b>Anexo XXIV-</b> Imagens da sequência didática “Reciclagem”.....	108
<b>Anexo XXV-</b> Plano do projeto “Nós e o mundo”.....	109
<b>Anexo XXVI-</b> Planificação de 28/11/17.....	110
<b>Anexo XXVII-</b> Planificação de 16/1/18.....	114
<b>Anexo XXVIII-</b> Materiais construídos.....	116
<b>Anexo XXIX-</b> Grelhas de avaliação.....	117
<b>Anexo XXX-</b> Planificação de 3/5/18.....	120
<b>Anexo XXXI-</b> Escala de avaliação de sequência didática.....	121
<b>Anexo XXXII-</b> Apresentação digital “Texto instrucional”.....	122
<b>Anexo XXXIII-</b> Planificação de 23/5/18.....	124
<b>Anexo XXXIV-</b> Apresentação digital “Banda desenhada”.....	125
<b>Anexo XXXV-</b> Imagens de outras atividades.....	128
<b>Anexo XXXVI-</b> Apresentação digital “Qualidade do ambiente”.....	129
<b>Anexo XXXVII-</b> Protocolo ético de participação.....	133
<b>Anexo XXXVIII-</b> Pedido de autorização para o registo fotográfico.....	134
<b>Anexo XXXIX-</b> Transcrição integral das entrevistas de EA, EB, PA e PB.....	135

## Lista de siglas

EE	Encarregado de Educação
IPSS	Instituição Particular de Solidariedade Social
JI	Jardim de Infância
CEB	Ciclo do Ensino Básico
OCEPE	Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
NEE	Necessidades Educativas Especiais
CAT	Centro de Acolhimento Temporário



## Introdução

O presente Relatório surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino de 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Santarém. Este trabalho documenta o percurso de dois anos de mestrado, contemplando o desenvolvimento profissional, as aprendizagens e dúvidas que surgiram.

Este relatório encontra-se dividido em duas partes: na primeira é apresentado trabalho realizado nos estágios desenvolvidos ao longo da Prática de Ensino Supervisionada (PES) em Pré-Escolar e 1º Ciclo do ensino básico; na segunda parte é apresentado o trabalho de pesquisa desenvolvido, que se debruça sobre a Expressão Plástica: um percurso do Pré-Escolar ao 1º Ciclo.

Relativamente à 1ª parte apresentam-se os quatro contextos de estágio, realizados no âmbito de PES. Nesta parte, é possível verificar a caracterização da instituição, do ambiente educativo e do grupo, sendo, posteriormente, apresentado o projeto desenvolvido durante o estágio e a sua avaliação, considerando a forma como fui ultrapassando as dificuldades sentidas e as principais aprendizagens que fui realizando.

Na 2ª parte do Relatório é apresentada a prática de pesquisa realizada, com o objetivo de dar a conhecer qual a importância dada, por educadores e professores, à Expressão Plástica, quais as suas estratégias na realização de atividades desta área e quais as vantagens de recorrer a esta expressão. A escolha do tema tem subjacente os pressupostos de que uma educação que recorre às expressões, é uma educação que contempla a criatividade, a sensibilidade estética, a imaginação e a integração dos vários saberes. Esta parte está então dividida nos seguintes tópicos: (1) problemática e objetivos; (2) enquadramento teórico; (3) metodologia adotada, onde consta o tipo de estudo, contexto e participantes e procedimentos investigativos; (4) apresentação e discussão de resultados, onde encontramos a interpretação dos dados de educadoras e professoras, recolhidos nas entrevistas e que termina com uma análise comparativa dos dados obtidos dos participantes. Finalmente, podemos encontrar uma reflexão final, que se centra no percurso desenvolvido, as considerações finais retiradas do estudo e também futuras investigações e o contributo do relatório para a formação profissional e pessoal.

A componente de pesquisa permitiu aferir que, apesar das diferenças entre Pré-escolar e 1º ciclo, em termos do peso curricular que a Expressão Plástica tem, tanto as educadoras como as professoras, reconhecem a importância que esta área tem no desenvolvimento das aprendizagens das crianças e que deve ser utilizada como ferramenta válida na promoção da interdisciplinaridade. O educador/professor deve, como em todas as áreas, ter um papel ativo, atento e estrategicamente diverso, respeitando cada criança, de forma a poder atender às necessidades de cada uma.

## **Parte I- Os estágios realizados**

### **1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche**

O estágio em creche, realizado no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada, decorreu na cidade de Santarém, numa instituição com valência de creche e JI (Jardim de Infância), durante o ano letivo 2016/2017.

#### **1.1. Caracterização do contexto institucional**

Este foi o primeiro estágio curricular do Mestrado e decorreu de 6 de dezembro de 2016 a 27 janeiro de 2017. A instituição onde se realizou o estágio era uma IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social), situava-se no centro da cidade de Santarém e com as valências de creche e JI. Esta IPSS dispunha de sala de berçário, sala de 1 ano, sala de 2 anos e sala familiar (sala com crianças de um e dois anos), para a valência de creche. Para a valência de JI podíamos encontrar a sala 3 três anos, sala dos 4 e sala dos 5 anos.

No rés-do-chão existia uma zona de receção com elevador, escadas de acesso ao 1º andar, duas salas de jardim-de-infância – a sala dos 3 e dos 4 anos – uma casa de banho e também uma porta de acesso ao exterior. No 1º andar, existia uma zona de cabides e uma despensa para guardar o material pedagógico, gabinete da direção, sala de reuniões e as salas de creche. Existia também, um refeitório, uma copa e uma casa de banho comum às duas valências (anexo I- planta da IPSS).

O corpo docente da IPSS era composto por três educadoras, três auxiliares de ação educativa, três auxiliares de serviços gerais, três cozinheiras, uma coordenadora/diretora.

O espaço físico apresentava todas as condições de segurança necessárias, no entanto, verifica-se a inexistência de um espaço exterior com condições. O espaço exterior tinha duas áreas: uma parte com estruturas fixas e uma parte verde. Era quase sempre utilizado o polivalente, uma grande sala, toda envidraçada, que permitia uma excelente luminosidade, com todas as paredes pintadas com motivos alegres, onde se encontrava um baloiço (pequeno e móvel), triciclos, brinquedos diversos. Contudo, em dias de chuva, o espaço ficava molhado nalguns sítios, sendo necessário cobrir o chão com grandes tapetes.

O horário de funcionamento da instituição era das 7h30 às 19h30.

Havia alguns objetivos apresentados pela instituição, como garantir os cuidados essenciais à criança no que diz respeito à alimentação e higiene; acompanhar o pleno desenvolvimento da criança, em colaboração estreita com a família, promovendo um ambiente que permita o seu

desenvolvimento pessoal e social, no respeito pelas suas características individuais; colaborar no despiste precoce de qualquer inadaptação ou deficiência, assegurando o encaminhamento adequado (Santa Casa da Misericórdia de Santarém, 2017).

O projeto educativo da Creche contempla “Os Direitos das Crianças”, de referir que os Princípios I, III, VI e X, são os princípios que se pretendiam trabalhar através de histórias, conversas e atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo.

## **1.2. O ambiente educativo**

Um ambiente de aprendizagem ativa para bebés e crianças mais novas encoraja a sua necessidade de olhar, ouvir, gritar, rebolar, gatinhar, escalar, baloiçar, descansar, comer, fazer barulho, agarrar ou roer ou deixar cair coisas, e sujar de vez em quando.

(Post, J., & Hohmann, M., 2011)

A prática foi realizada na sala familiar, onde existia uma porta de entrada, bastante luz natural devido ao facto de termos o polivalente a fazer fronteira com a sala e claro, devido às janelas que possui. O espaço da sala era um pouco reduzido tendo em conta o número de crianças (17 crianças). Ao contrário de algumas salas, esta não se encontra dividida por áreas (ver anexo II- planta da sala). Nas paredes da sala podíamos encontrar o mapa dos aniversários, logo à entrada e noutra parede, alguns registos fotográficos de atividades realizadas pela educadora cooperante.

Não existiam muitos brinquedos dentro da sala familiar, nem a sala se encontrava dividida por áreas, sendo que os momentos de brincadeira livre eram feitos, sempre que fosse possível no polivalente contíguo.

Ao lado da sala, existia também uma casa de banho de apoio, com três sanitas pequenas, três lavatórios pequenos, um lavatório grande, um poliban e armários de arrumação com toalhas e rolos de papel higiénico. Esta casa de banho era usada exclusivamente pelas crianças da sala familiar. Por cima dos autoclismos existiam sempre histórias, para que as crianças usem caso sintam essa necessidade.

O projeto da educadora, “Eu e os Outros- Passo a passo Crescemos e aprendemos!”, surgiu da problemática identificada: adaptação ao ambiente educativo (rotinas e atividades), conhecimento do Eu, relacionamento com os Outros (partilha e interação), já que a sala familiar é constituída por um grupo de crianças que nunca frequentou a creche. Sendo que os dois primeiros meses são de adaptação a todo o ambiente educativo, é necessário que se mantenha um relacionamento de confiança para que as crianças se sintam seguras. A educadora cooperante

tinha como linha orientadora a metodologia de projeto assente no modelo curricular High Scope, que privilegia a aprendizagem ativa da criança.

### **1.3. O grupo**

A sala familiar era composta por um grupo de 17 crianças, com idades entre os 12 e os 24 meses de idade, sendo que 8 são de sexo feminino e 9 do sexo masculino. Todas as crianças estão pela primeira vez na creche, pelo que se tornou um grupo muito desafiante, já que ainda se encontravam em fase de adaptação e ajuste às rotinas e ao espaço. Uma das crianças (com 2 anos) está sob a supervisão da educadora, pois, apesar de perceber tudo o que se diz (por exemplo um pedido ou uma indicação), não fala.

Em conversas informais durante o período de observação, foi referido pela educadora cooperante, que a sala familiar é considerada, pela comunidade educativa, como um espaço cujo principal intuito é integrar as crianças, pois a maior parte destas, ainda se encontra em período de adaptação, sendo que se pretende que o grupo passe momentos lúdicos, promovendo um ambiente divertido e de ternura. Para ajudar a estruturar a intervenção, realizei um quadro com as atitudes do educador no plano da rotina em creche, que pode ser consultado no anexo VII. Estes fatores têm extrema importância nos primeiros anos de vida da criança, tal como referiu a educadora cooperante. Era de forma geral, um grupo muito curioso, que explorava brinquedos e espaço físico com interesse e motivação. Alguns elementos do grupo apresentavam já relativa autonomia nas idas à casa-de-banho, mas a maioria ainda estava em fase transitória. O mesmo se aplica em termos de autonomia na hora da refeição.

Em termos de principais interesses e potencialidades do grupo de crianças, de acordo com as observações – o grupo de crianças gostava de brincar com jogos de encaixe, nomeadamente legos, com os bonecos, dando-lhe comida e muito mimo; gostam de ouvir histórias que tenham referências a animais, ainda que algumas não permaneçam muito tempo no tapete; têm consciência dos seus comportamentos, sabendo que se comportam bem e quando cometem erros, nomeadamente quando retiram um brinquedo ao “amigo”.

No que diz respeito às famílias, a maioria das crianças do grupo vivem com a sua família nuclear (mãe, pai, irmãos), existindo apenas dois casos em que as crianças vivem numa família desestruturada. Uma delas reside ora com a mãe, ora com uma das avós, outra delas vive no Centro de Acolhimento Temporário.

#### 1.4. Projeto de estágio e seu desenvolvimento

O projeto de estágio tinha como objetivos contemplar as rotinas e atividades e o relacionamento com o Outro (partilha e interação), seguindo as linhas orientadoras da metodologia adotada pela educadora cooperante. Hohmann et al. já referiam que “(...), a afirmação primordial da obra de Piaget destinada a educadores é a de que o professor é um auxiliar do desenvolvimento e que, deste modo, o seu objetivo principal é promover a aprendizagem ativa por parte da criança.” (1984, p.14).

Assim, “**À descoberta das sensações**”, foi criado com o **objetivo de promover experiências lúdicas, contemplando as interações/relações com o Outro, através de atividades que passassem pela exploração sensorial**. De acordo com, os “Bebés e crianças até aos 3 anos aprendem com todo o seu corpo e todos os seus sentidos (...) aprendem porque querem (...) comunicam aquilo que sabem (...) aprendem num contexto de relações de confiança” (Post & Hohmann, 2007, pp. 22-23).

O projeto foi avaliado partindo da observação direta, grelhas de observação, registos fotográficos, o trabalho final, diários de bordo e a avaliação oral das crianças.

Do conjunto de atividades realizadas durante o estágio, serão destacadas duas: “**Livro manipulável do Bolinha**” e o “**Quadro Sensorial**”.

A **primeira atividade** decorreu no dia 6 de janeiro de 2017 (anexo III- planificação 6/1/17) e tinha como **objetivos manipular o livro, explorando as suas figuras destacáveis e pintar a capa para o mesmo, através da técnica do decalque**, neste caso da mão e de folhas secas.

Depois do bom dia e da bolacha, foi apresentado ao grupo o livro manipulável do Bolinha. A história “Onde está o Bolinha?” tinha sido lida por mim no dia 3 de janeiro, pelo que o grupo já conhecia a história, mas ainda assim, foi feito o reconto da mesma e foi sendo mostrado ao grupo cada animal, fazendo referência às características de cada um. Feito com páginas de feltro e figuras plastificadas (figura 1) se colavam nos respetivos esconderijos com velcro. Fez-se circular o livro pelo grupo, que se encontrava no tapete, o que fez com que todos quisessem manipular o livro ao mesmo tempo. Isto não permitiu que cada criança explorasse o livro o tempo que quisesse e da forma mais enriquecedora. Assim, se tornasse a fazer esta atividade, escolheria fazê-la com uma criança de cada vez, respeitando o tempo de cada criança, permitindo que cada uma explorasse o livro durante o tempo em que se sentisse envolvida.

A segunda parte da atividade, foi dedicada à pintura de uma capa para o mesmo livro, recorrendo à técnica de pintura através do decalque, nalguns casos da mão (figura 4), noutros casos de folhas secas (figura 3) Foi a primeira vez que as crianças fizeram esta atividade de pintura com decalque. Duas das crianças reagiram com estranheza (figura 2) quando sentiram o

pincel a pintar-lhes a mão e preferiram fazer o decalque com a folha seca, mas a maioria das crianças gostou.

Esta parte da atividade foi feita no período de brincadeira livre. As crianças foram sendo chamadas uma de cada vez a fazer a pintura. Penso que teria sido mais positivo ter organizado este momento de forma a que pudessem pintar mais crianças de cada vez. Pois, o facto de experimentarem várias crianças ao mesmo tempo, pode promover a vontade de experimentar nas crianças que se sentiram mais desconfortáveis, nomeadamente a pintar a própria mão. Nesta atividade os objetivos não foram todos atingidos (anexo IV- grelha de avaliação 6/1/17).



*Figura 1- Criança a explorar livro manipulável*



*Figura 2- Criança a sentir a tinta na mão*



*Figura 3- Criança a pintar com decalque de folha seca*



*Figura 4- Criança a pintar com decalque da mão*

A **segunda atividade** escolhida, realizou-se no dia 19 de janeiro de 2017 (anexo V- planificação 19/1/17) e foi dedicada à exploração do “**Quadro sensorial**”. Escolhi destacar esta, pois em oposição à anterior, esta foi a atividade que considero ter corrido melhor.

Foi um quadro (figura 5) construído de raiz para a atividade e que contemplava a **exploração sensorial através do tato, da visão, da audição bem como a promoção e desenvolvimento da motricidade fina**, tão importantes nesta faixa etária. As diferentes cores, texturas, sons, os fechos, os botões apelaram à curiosidade das crianças.

Depois do momento da bolacha, chegou a hora de colocar o quadro à disponibilidade dos protagonistas na mesa redonda. Depressa as crianças rodearam a mesa e começaram a descobrir o que o quadro tinha por revelar. Enquanto umas puxavam pelas fitas, outras descobriam as cores nas formas geométricas transparentes, outra entreteve-se a sentir e puxar as bolinhas de algodão. Poucas revelaram curiosidade pelo que escondiam os fechos e pelas pétalas abotoadas da flor. Outras descobriam os fantoches de dedo e sentiam as pedras frias e coloridas. A atividade decorreu sem pressas e durante o período que durou o interesse das crianças pelo quadro, respeitando o seu tempo. No final, eram visíveis os sinais de desgaste de algumas partes do quadro, como por exemplo das bolas de algodão (que foram todas arrancadas) e algumas das pedras coloridas que, pelos dedos curiosos das crianças, foram removidas.

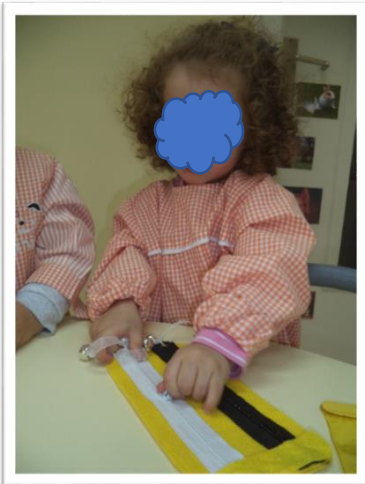
Isto fez com que percebesse que seria necessário repensar algumas das componentes do quadro, por questões de segurança. Apesar disso, a supervisão durante toda a atividade foi uma constante. Foi essencial a ajuda da educadora cooperante e da auxiliar de ação educativa. Considero que os objetivos desta atividade foram atingidos (anexo VI- grelha de avaliação 19/1/17) e que terá sido a melhor conseguida deste estágio.



*Figura 5- Quadro sensorial*



*Figura 6- Grupo a explorar o Quadro*



*Figura 7- Criança a abrir o fecho dos guizos*



*Figura 8- Criança a puxar as fitas coloridas*



*Figura 9- Criança a sentir o algodão*

### **1.5. Avaliação**

De forma geral, pode dizer-se que o projeto implementado foi positivamente recebido pelas crianças e os objetivos propostos foram maioritariamente atingidos. No entanto, como é de se esperar, há pontos que podem ser melhorados. Teria aproveitado melhor cada momento do dia, para promover aprendizagens, sendo que nesta faixa etária, não podemos desvalorizar a importância da rotina; teria tentado promover mais atividades de expressão plástica, pois senti que foram muito poucos os momentos em que esta expressão foi trabalhada.

Foi um percurso construído gradualmente, enriquecido pelas semanas de preparação de planificações, reuniões com a supervisora de estágio e com a educadora cooperante, construção de materiais e muita pesquisa. O processo não foi fácil, foi intenso, mas de facto foi enriquecedor.

Algumas dificuldades eu já antecipara, como a questão de planificar para crianças com alguma diferença de idades, outras dificuldades surgiram no caminho, como a forma de reagir a comportamentos desestabilizadores/agressivos nas crianças. No sentido de ultrapassar a dificuldade com as planificações, foram fundamentais as sessões com a nossa supervisora de estágio, que nos guiou em cada fase do processo, sendo que, posteriormente foi mais familiar pensar/re-alizar uma planificação. No sentido de ultrapassar a outra dificuldade com que me deparei, relacionada com os comportamentos desestabilizadores, decidi também procurar aprender a lidar melhor com estes momentos, tentando perceber o que motivava esses comportamentos nas crianças. Ao longo da intervenção, percebemos que todo o processo de planificação é essencial e dinâmico, que deve adequar-se e sofrer alterações sempre que se considere relevante. Segundo Zabalza, “Não há caminhos iguais de preparação/planificação de aulas e cada qual tem de criar os seus próprios modelos, com a consciência de que todos os caminhos são possíveis, mas nem

todos são igualmente bons.” (1994, p.6). No final de cada atividade, mesmo ainda no decorrer da atividade, é possível identificar pontos fortes e pontos que podem ser melhorados. Quando digo melhorados quero dizer adaptados. É esta dinâmica que permite avaliar a atividade, como está construída, como está pensada, quais os objetivos, e por isso é tão importante.

Contudo o educador é mais do que isso. A nível emocional, trabalhar com este grupo de crianças foi muito compensador, já que construí com a maioria (há crianças que faltaram muito) uma relação afetuosa e particular. Da mesma forma, a relação com todo o restante corpo educativo foi fácil e sempre me senti bem recebida e vi as minhas ideias serem bem acolhidas pela educadora cooperante.

A educadora cooperante, foi também uma preciosa ajuda em todo o caminho, já que nos ia sempre dando o seu *feedback* acerca das nossas atividades, dava sugestões, falava das suas experiências e tudo isso enriquece o nosso percurso, pois aprendemos muito nesta partilha.

Todo o processo, como disse, foi intenso. Mobilizar conhecimentos, construir materiais, fazer avaliações, contruir grelhas e pensar em projetos, tudo de forma a proporcionar experiências diversificadas e aprendizagens ativas àquele grupo particular de crianças. Foi possível perceber a quantidade de trabalho que antecede uma atividade, durante e depois da mesma. Das mais simples às mais complexas, todas as atividades podem conter aprendizagens. Fazer a leitura de um livro, recorrendo a fantoches de dedo, pode ser tão rico como um quadro sensorial.

## **2. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância**

O estágio em JI, realizado no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada, decorreu na cidade de Santarém, numa instituição com valência de pré-escolar, durante o ano letivo 2016/2017.

### **2.1. Caracterização do contexto institucional**

O estágio decorreu numa IPSS, localizada no centro da cidade de Santarém, entre 19 de abril e 2 de junho de 2017.

Este estabelecimento era composto por um piso térreo, onde podíamos encontrar: receção, a sala de 3 anos com WC, duas salas de 4 anos com WC, duas salas de 5 anos com WC, copa, refeitório, despensa, sala de arrumação, WC para os funcionários, gabinete de Recursos Humanos, cozinha, lavandaria, espaços exteriores parcialmente cobertos, *atelier* (onde decorrem atividades extracurriculares como inglês, música e dança), ginásio e gabinete da coordenadora pedagógica. Na parte exterior coberta, encontravam-se escorregas, estruturas de escalada, cas-

telo, círculo de blocos, alguns carros, casinha e onde podíamos encontrar também, na parte descoberta, jogos pintados no chão. Era frequente as crianças poderem levar alguns dos brinquedos da sala para o espaço exterior, como legos, carrinhos ou bonecos.

Sendo que o estabelecimento se encontrava num local muito central, perto de muitos pontos comerciais e numa zona residencial, pode afirmar-se que o estacionamento era pouco, o que dificultava a circulação nas horas de início e fim do dia, não só aos encarregados de educação como ao pessoal docente e não docente da instituição.

O corpo docente era constituído por 4 educadoras, sendo que uma delas conciliava a titularidade de um grupo com a função de coordenadora pedagógica. Existiam, no corpo não docente, 4 auxiliares de ação educativa e 4 ajudantes de cozinha.

Durante o período letivo, o horário de funcionamento do estabelecimento era das 7h30 às 19h.

O Projeto Educativo da Unidade, com o tema “Educar para a Vida”, tem como base a problemática da preservação do meio ambiente, sendo que, as Educadoras de Infância das respetivas valências elaboraram o seu Projeto Pedagógico de Sala e o seu Plano de Atividades, de acordo com os interesses e necessidades específicas de cada grupo de crianças. A problemática escolhida tem como objetivo principal fomentar nas crianças atitudes de respeito e de valorização crítica pelo meio ambiente, bem como na inter-relação com os seus pares.

## **2.2. O ambiente educativo**

*O ambiente da sala de aula é muito mais do que um lugar para armazenar livros, mesas e materiais. Cuidadosamente e organizadamente disposto, acrescenta uma dimensão significativa à experiência educativa do estudante, atraindo o seu interesse, oferecendo informação, estimulando o emprego de destrezas, comunicando limites e expectativas, facilitando as atividades de aprendizagem, promovendo a própria orientação e apoiando e fortalecendo através destes efeitos o desejo de aprender.*

*(Loughlin & Suina, 1987, citado por Forneiro, 2005, p. 237)*

A sala onde decorreu o estágio em JI era ampla, com muita luz natural (revestida de janelas nas duas paredes paralelas) e estava organizada por várias áreas. Tinha duas portas por onde se podia circular, sendo que uma delas era a da entrada (com acesso ao hall do estabelecimento) e a outra era mais usada quando se saía para o exterior ou para o refeitório (acesso ao corredor).

Podíamos encontrar imediatamente do lado esquerdo o tapete, onde se fazia o acolhimento. Nesta área estavam dispostos na parede: os mapas do estado do tempo, das presenças, do responsável do dia, da data (dia da semana, dia do mês, mês e ano) e das alturas de cada criança; as árvores das letras e dos números; cartões das áreas. Depois, tínhamos ainda a área

da garagem, da casinha, da loja, dos jogos de tapete, dos jogos de tabuleiro, o cantinho da leitura, o computador, o cantinho da pintura e finalmente o cantinho do recorte e colagem.

A multiplicidade de áreas na sala é importante, pois se por um lado, dá a possibilidade às crianças de escolher para onde querem ir brincar, escolher com quem querem ir, por outro, promove o desenvolvimento da autonomia e sentido de responsabilidade. Cada área tinha um número de limite de crianças, para ajudar na organização do espaço, sendo que cada criança colocava o seu cartão na respetiva área escolhida. Por norma, acabavam sempre por se revezar e iam trocando de áreas a cada dia.

Nas paredes da sala estavam expostos trabalhos das crianças, bem no exterior da sala. Os cabides estavam dentro da sala, logo à entrada, do lado direito. No *placard*, ao lado dos cabides, afixavam-se recados para os EE. A sala tinha um tamanho adequado ao número de crianças, muitos recursos e materiais disponíveis, que permitia que qualquer trabalho pudesse ser realizado com relativa facilidade.

O Projeto Curricular de Grupo definido pela educadora, “Educar para saber sorrir”, contemplava as capacidades das crianças, as suas experiências, necessidades e interesses, sendo que cada criança é diferente e com necessidades e interesses distintos e está inserido no Projeto Educativo da Unidade. Considerando que cada criança é um ser único, há que respeitar as diferenças, aplicando uma pedagogia diferenciada, visto que o projeto se destina a crianças com 4 e 5 anos de idade.

### **2.3. O grupo**

A sala 1, era uma sala heterogénea, onde existem crianças entre os 4 e 5 anos de idade. São ao todo 22 crianças (14 meninos e 8 meninas). Devido às diferentes faixas etárias e seus ritmos e necessidades de desenvolvimento, estas crianças trocam experiências entre si, que ajudam a um desenvolvimento enriquecedor. Duas das crianças estavam com apoio uma vez por semana, sendo que só uma estava referenciada como aluno com necessidades educativas especiais. Todas as crianças são de nacionalidade portuguesa e a maioria tem um irmão ou mais.

Eram crianças naturalmente curiosas, exploradoras, ativas e comunicativas, cujas principais competências são: independência razoável ao nível da realização das suas tarefas e nos períodos de refeição, dominar as regras básicas do funcionamento do jardim-de-infância e são cooperantes na realização de tarefas com o adulto e com quem necessita.

O grupo mostrou-se motivado e interessado em relação às várias áreas de conteúdo. Contudo, as atividades que implicavam movimento, ou seja, que envolvem a expressão motora (dança, ginástica, jogos), pareciam promover maior envolvimento e motivação nas crianças.

## 2.4. Projeto de estágio e desenvolvimento

Durante o período de observação e após algumas conversas com a educadora cooperante, começou a surgir o projeto “**Girassol: das artes ao ambiente**”. No sentido de abordar as artes plásticas e as questões ambientais, comecei a desenvolver o projeto e surgem as primeiras propostas de atividades. As Artes e o Ambiente serviram de base, para promover e dinamizar a área das expressões (plástica, motora, dramática), de forma a atingir os objetivos propostos: **desenvolver as capacidades expressivas e criativas; desenvolver a consciência ambiental: respeito e valorização pelo ambiente natural; desenvolver a linguagem oral.**

Foi considerada a metodologia adotada pela educadora cooperante na realização deste projeto: **a pedagogia diferenciada**. O objetivo principal da diferenciação pedagógica é que todos aprendam juntos, independentemente das diferenças que possuem. Deste modo, é necessário criar "Um clima de apoio interpessoal [...] para a aprendizagem ativa, porque esta é, basicamente, um processo social interactivo" (Hohmann & Weikart, 2011, p. 63). Assim, o sucesso educativo resulta das estratégias de diferenciação pedagógica, uma vez que “[...] diferenciar não significa individualizar o ensino [...]”, mas sim “[...] que as regulações e os percursos devem ser individualizados num contexto de cooperação educativa que vão desde o trabalho contratado ao ensino entre pares” (Benavente cit Resendes, *in* Gomes 2001, p. 28).

Na educação pré-escolar, as crianças devem desenvolver competências, aprendam regras e valores, no sentido de formar cidadãos conscientes, cooperativos e solidários.

Para ajudar a estruturar a intervenção, realizei um quadro com as atitudes do educador no plano da rotina em JI, que pode ser consultado no anexo VIII.

O projeto foi sendo avaliado, pelo estagiário, pelas avaliações semanais, registos fotográficos, observação direta, grelhas de observação do envolvimento das crianças, próprias produções das crianças, exposição dos trabalhos e diálogos com as crianças.

Do conjunto de atividades realizadas ao longo do projeto, destacam-se duas, pelo potencial (conduziram a sequências didáticas- anexos XI, XII, XIII, XIV XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXI, XXII, XXIII e XXIV) e relevância, sendo estas “**Girassóis**” (anexo IX- planificação 11/5/17) e “**Reciclagem**” (anexo XVI- planificação 23/5/17).

**A primeira atividade** (anexo IX) surge no seguimento da abordagem às artes, feita no início da semana e tinha como objetivos promover a **visualização de várias formas e obras de arte, desenvolver a sensibilidade estética e a criatividade, desenvolver a motricidade fina, envolver a família na atividade e promover o contacto com materiais de pintura**. Nesse momento, foi feito um levantamento inicial das concepções prévias das crianças em relação ao que é Arte. Confirmou-se que algumas crianças têm algumas noções de várias formas de arte, mas a maioria das crianças menciona apenas uma ou duas formas. Depois disto, no cantinho do

computador, a estagiária mostrou um conjunto de pinturas, de diferentes estilos e representativas de diferentes contextos. Houve um debate sobre as obras visualizadas, sobre as cores que as compunham, que sentimentos transmitiam, que movimentos.

Sendo que as crianças já tinham visto a estagiária a entrar na sala com um ramo de girassóis, quando a pintura de Monet ("O Ramo de girassóis") aparece, surgem também as primeiras associações. Então, sugere-se ao grupo que se faça uma pintura inspirada nos girassóis de Monet. Todas as crianças aceitaram com entusiasmo a ideia, exceto E. que dizia que não era capaz. No entanto, depois de ver a F. a começar e de um pouco de motivação lá deitou mãos à obra (figura 10).

Enquanto o grande grupo foi brincar para as áreas, as crianças foram duas de cada vez (figura 11), pintar os girassóis numa tela no cavalete da sala e todas participaram. No final do dia, a estagiária distribuiu pelas crianças, uma fotocópia da obra de Monet, para que fosse colorida em casa com os encarregados de educação (figura12). As obras de arte ficaram expostas em duas partes: no mural da sala e no mural do corredor (figura13).



Figura 10- E. a recriar os girassóis



Figura 11- Crianças a pintarem as suas telas nos cavaletes



Figura 12- Desenhos coloridos com encarregados de educação/familiar

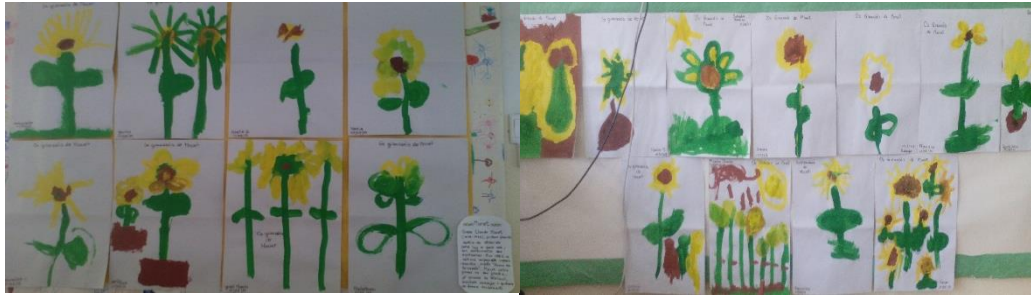


Figura 13- Exposição dos trabalhos das crianças

Esta atividade teve um balanço muito positivo, pois as crianças gostaram muito de participar e o entusiasmo com que viveram esta atividade, salta à vista nas suas produções. Para além disso, os objetivos propostos na planificação foram atingidos. Foi gratificante perceber que, depois da atividade as crianças mostravam os seus trabalhos às crianças doutras salas, que a maioria lembrava o nome do pintor que tínhamos abordado e que a E. conseguiu superar o seu bloqueio inicial.

Na **segunda atividade** destacada (anexo XVI- planificação 23/5/17), “Reciclagem”, foram abordados conceitos conhecidos pela maioria das crianças: reciclagem, ecoponto, reciclável. Esta atividade tinha como objetivos: **sensibilizar as crianças para a preservação do ambiente; fomentar a aquisição de conhecimentos; motivar as crianças para a reciclagem; promover o envolvimento familiar.**

Relembrámos, primeiramente, o que foi dito no dia 19 de maio (anexo XVIII). Num debate introdutório, foi possível perceber que algumas crianças estavam mais familiarizadas com os termos do que outras, da mesma forma que foi perceptível que somente em alguns dos lares se procedia à separação do lixo, como se poderá ver no registo dos pré-conceitos (anexo XIX).

Depois deste momento, a estagiária mostrou a uma criança de cada vez, uns mini-ecopontos (verde, amarelo, azul e vermelho-figura 14) e a respetiva lista de objetos/embalagens que devem ser colocados em cada um deles. De seguida, a estagiária foi buscar um saco de “lixo” que trouxe de casa, para que o grupo pudesse ajudar a separar, colocando no ecoponto correto. As listas ficaram disponíveis, para o caso de alguma criança precisar consultar, durante o jogo.



Figura 14- Criança a jogar



Figura 15- Jogo da separação no final



Figura 16- Desenho dos ecopontos



Figura 17- Crianças a pintar o ecoponto da sala 1

Quando terminou o jogo (figura 15), o grupo foi para as mesas onde fez o desenho dos ecopontos (figura16). Conforme iam terminando o desenho, a estagiária chamou, dois a dois, para procederem à pintura das caixas, dando início à construção do Ecoponto da sala 1 (figura 17).

## 2.5. Avaliação

Antes de começar a realizar o projeto, senti necessidade de pesquisar informação e realizar algumas leituras acerca dos objetivos do pré-escolar, sobre educação ambiental, sobre a importância das expressões, formas de avaliação, de forma a consolidar os conhecimentos. Este estágio foi também um desafio, pelo facto de ter sido a primeira vez que estive sem par de estágio, sendo que isso gerou alguma ansiedade.

Para realizar o projeto de intervenção, foi fulcral ter conhecimentos sobre a instituição onde estava a estagiar, assim como o meio que a rodeia, pois, estes fatores podem influenciar o modo como trabalhamos e interagimos com as crianças. Era também muito importante conhecer o grupo das crianças e as suas rotinas para poder perceber quais as capacidades que já têm adquiridas, o seu grau de desenvolvimento, as suas potencialidades e fragilidades, de modo a ter a perceção do que já poderemos e devemos trabalhar mais aprofundamento com elas de modo a potenciar ou ajudar em determinadas áreas. Segundo Hohmann e Weikart, a aprendizagem pela ação, ou seja, “a experiência direta e imediata de objetos, pessoas, ideias e acontecimentos é uma condição necessária para a reestruturação cognitiva e para o desenvolvimento” (2003, p. 22).

Ao longo de todo este processo, verifiquei a existência de pontos que podem ser melhorados, tais como as grelhas de avaliação e registos de observação. Primeiramente, tinha optado por utilizar listas de verificação, de forma a ajudar-me a focalizar a atenção, especialmente quando eram vários itens a ser observados. No entanto, verifiquei que faltava alguma coisa, que este tipo de observação tinha uma desvantagem, visto que não observava tudo o que estava a

acontecer poderíamos perder informação pertinente. Deste modo, optei por mudar e começar a utilizar até ao final do estágio, grelhas que contemplem o bem-estar das crianças, e um espaço para colocar registos/comentários das crianças. É difícil conseguir registar tudo. É imperativo criar uma ordem, quanto ao que se pretende observar/registar, bem como de que criança, ou seja, a observação tem de ser estruturada, ou pode perder-se muita informação.

Para além das dificuldades sentidas pelo facto de estar sozinha ou nos momentos de avaliação/observação, achar uma linha condutora no projeto, que levasse à exploração das artes e conduzisse até à educação ambiental também não foi fácil. Consegui superar essa dificuldade e criar um projeto que permitiu trabalhar as várias áreas de conteúdo, com o apoio essencial da educadora cooperante, com quem, aliás, aprendi imenso.

Quanto aos pontos positivos, posso destacar a construção de planificações, que neste estágio, se fez já de forma mais autónoma e natural, em oposição ao estágio anterior. A atitude perante o grupo e o aumento de confiança, enquanto futura profissional também progrediu, ao longo do percurso. A relação afetiva estabelecida com o grupo, foi também um ponto positivo. A nível emocional, trabalhar na sala 1 foi muito compensador, já que construí com a maioria (há crianças que faltaram muito) uma relação afetuosa e particular com cada um deles. Da mesma forma, a relação com todo o restante corpo educativo era familiar e sempre me senti bem recebida e vi as minhas ideias serem bem acolhidas pela educadora cooperante. Se no início, havia um sentimento de insegurança, ele foi de facto sendo atenuado ao longo do estágio, com o desenvolvimento do projeto de estágio e sua concretização.

A educadora cooperante foi uma ajuda preciosa em todo o caminho, já que me ia sempre dando o seu *feedback* acerca das nossas atividades, das planificações, das estratégias, dando sugestões, falando das suas experiências e tudo isso enriquece o nosso percurso, pois aprendemos muito nesta partilha.

Relativamente ao maior desafio que encontrei neste momento de aprendizagem foi, sem dúvida, o facto de realizar esta etapa sozinha.

Globalmente, o projeto foi concretizado e os objetivos propostos foram atingidos. Hoje, vejo que teria sido muito importante a construção, com o grupo, de um portefólio das aprendizagens que decorreram do projeto, teria melhorado os momentos de expressão motora e tentado envolver mais a família em partilhas pontuais.

Todo o processo, como disse, foi intenso. Mobilizar conhecimentos, construir materiais, fazer avaliações, construir grelhas e pensar em projetos, tudo de forma a proporcionar experiências diversificadas e aprendizagens ativas, àquele grupo particular de crianças. Fazer este percurso sem par de estágio, foi para mim uma prova, às vezes difícil, mas igualmente necessária, pois só reconhecendo as nossas dificuldades é que as podemos ultrapassar e crescer.

É de referir que, foi durante este estágio que começaram a surgir questões em relação à área da Expressão Plástica, e que, permitiram começar a traçar o caminho da componente investigativa, que ao longo do Mestrado foi sendo desenvolvida e aprofundada. Quais as potencialidades das atividades de Expressão Plástica? Qual a importância dada pelos docentes à Expressão Plástica?

### **3. Prática de Ensino Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico- 1ºano**

O estágio no 1º ano, realizado no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada II, decorreu na cidade de Santarém, numa escola pública, durante o ano letivo 2017/2018.

#### **3.1. Caracterização do contexto institucional**

O estágio decorreu entre 29 de novembro e 19 de janeiro. Foi realizado numa escola pública, localizada no centro da cidade de Santarém e pertencia a um agrupamento de escolas do concelho.

Esta escola dispunha de dez salas de aula, diversas estruturas de apoio, sala da Unidade de Ensino Estruturado e Unidade Especialização para alunos com Multideficiência. A escola tinha uma biblioteca; um gabinete de reprografia, com uma fotocopiadora a funcionar; uma sala de professores com três computadores, máquina de café; gabinete da coordenadora da escola; casas de banho para adultos, casas de banho para alunos; refeitório e cozinha; polivalente.

O espaço para o recreio era amplo e rodeava todo o edifício. Aí, encontrava-se um pequeno parque de diversão, equipado com um baloiço e um escorrega, que podiam ser utilizados durante o recreio. Olhando mais criticamente, o piso do exterior era de terra batida, o que, em caso de quedas, pode potenciar as feridas e havia casos pontuais de algumas crianças atirarem terra a outras.

Junto à entrada principal, até à entrada do edifício existia um pequeno alpendre, onde as crianças se abrigavam de condições meteorológicas adversas. Em dias de chuva, todas as crianças passavam os intervalos no polivalente, que ficava, nessa altura, pequeno para acolher tantas crianças e onde o barulho se tornava muito difícil de suportar.

No que diz respeito ao quadro docente, é constituído por oito professores do 1º ciclo do Ensino Básico, duas professoras de ensino especial, uma professora de inglês, uma professora de Expressões. A coordenadora, exerce funções na escola em regime de co docência, na disciplina de Português na turma do 1º ano (minha turma de estágio).

Uma vez conhecidas e identificadas algumas das especificidades das funções de algum pessoal docente e não docente, tornou-se mais fácil o desempenho da prática pedagógica, na

medida em que, nos sentíamos membros integrantes desta equipa de trabalho. Além disso, ficámos a conhecer todo o “mecanismo de funcionamento”, para eventuais necessidades que possam ocorrer durante e após o estágio.

O PEA (Projeto Educativo de Agrupamento), têm em consideração três princípios orientadores. Em primeiro lugar, a diferenciação das aprendizagens, nomeadamente através de um processo de formação de cidadãos responsáveis, tolerantes e integradores; em segundo lugar, a criação nos alunos de atitudes e hábitos de relação e cooperação, sobretudo através de interação social de aprendizagem e, por fim, assegurar às crianças com dificuldades as condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades, proporcionando momentos de interação e cooperação com alunos que possuem um nível de desempenho considerado mais elevado.

### **3.2. O ambiente educativo**

A sala do 1º ano, na qual me encontro a realizar a prática pedagógica, situa-se no 1º andar e partilha o *hall* com a sala do 4º ano e com a sala de recursos. A sala não é muito ampla, sendo que as suas dimensões dificultam a organização das mesas, não permitindo que se altere a disposição das mesmas de forma a tentar reorganizar a turma. Tem muita luminosidade natural, dispõe de ar condicionado que nesta altura está sempre ligado. Tem um quadro interativo ao lado do quadro de giz, que se usa diariamente.

No que concerne aos recursos materiais, a sala de aula possui uma secretária e uma cadeira da professora, localizada ao lado do quadro, à frente do quadro interativo. Entre a mesa e a parede estava um armário onde estão resmas de papel, computador com *internet* e algum material de apoio. À entrada do lado esquerdo, dois armários grandes de madeira (destinados à arrumação de materiais diversos da professora titular), depois um móvel com cadernos diários, manuais e cadernos de fichas. Existia um móvel idêntico no outro extremo da sala, sendo que cadernos de fichas e pastas de recursos estavam divididos entre meninos num móvel e meninas no outro (destinados a trabalho autónomo).

As mesas eram dispostas em U (8 mesas), no centro estão mais duas filas (2 mesas cada), sendo que à fila da frente estão juntas duas mesas (4 lugares). A parede do ‘fundo’ da sala tem mesas encostadas, onde se encontravam *dossiers* com material, estantes com material didático e recursos pedagógicos e onde também se encontram os dossiês dos alunos. Nas paredes ao fundo da sala e ao lado direito do quadro, encontramos placas de cortiça, onde estavam afixados *posters* didáticos, informações relativas à turma. Não existe um calendário de aniversário dos alunos, como encontrávamos no pré-escolar. O restante espaço foi destinado à exposição de cartazes que abordem os conteúdos lecionados (matemática, português e estudo do meio).

No *hall* de entrada das salas do 1º, 4º ano e sala de recursos, existia uma bancada com lavatório, o que podia facilitar, o desenvolvimento de atividades na área da plástica ou de outras que exijam a higienização das mãos e de materiais.

Não existia um Projeto de Trabalho ainda definido na altura em que decorreu o estágio.

### **3.3. O grupo**

Em primeiro lugar, é importante referir que toda a informação apresentada neste ponto resulta das observações realizadas, da análise documental dos processos individuais dos alunos e de conversas com a professora cooperante.

A turma A do 1º ano era composta por 25 alunos, 10 do sexo masculino e 15 do sexo feminino. Desses alunos, todos se encontravam matriculados no primeiro ano, pela primeira vez, sendo que, a maioria dos alunos já se conhecia desde a pré-escola. Dos 25 alunos, apenas dois tinham 5 anos no início do ano letivo, sendo que agora se encontram todos com seis anos.

A turma apresentava algumas evidências de inquietação, provavelmente potenciada pelo facto de os alunos já se conhecerem desde o pré-escolar, o que gera assim, mais proximidade e à vontade entre eles. Aliada a este facto, a incontornável questão de se tratar de um primeiro ano e de este ser um ano de transição e adaptação a toda uma nova realidade de funcionamento escolar. Havia momentos em que o grupo está mais focado, (mais facilmente durante a realização de tarefas de matemática ou nas expressões). Portanto, estava perante um grupo agitado, com tendência para as “conversas laterais” não relacionadas aos temas tratados, para levantar sem pedir, não respeitar o silêncio quando a professora ou estagiária pedem.

A nível das aprendizagens, podia dizer-se que a turma se dividia em três grupos, sendo que o primeiro (16 alunos), acompanhava as aprendizagens com relativa facilidade, necessitando apenas de um reforço que é feito sempre durante as aulas. Um segundo grupo (4 alunos) sentia mais dificuldade, sendo que o reforço positivo e apoio são dados e com mais frequência e intensidade, de forma a conseguir manter estes alunos envolvidos e motivados.

A professora cooperante recorria a técnicas de pedagogia diferenciada, variando nas tarefas e propostas de exercícios com este grupo de alunos, adequando as experiências ao seu nível de desenvolvimento, de maneira a que estes conseguissem realizar as tarefas, com sucesso. Este método era aplicado, ainda, ao último grupo (5 alunos), que se encontrava num nível de desenvolvimento mais autónomo e avançado. Eram alunos que já conseguiam ler com alguma autonomia e que faziam as tarefas propostas em sala, normalmente, num período mais reduzido. Dessa forma, era permitido a esses alunos que avançassem para outras tarefas, enquanto se espera que todos terminem o trabalho proposto.

De acordo com Perrenoud (2000), a pedagogia diferenciada é uma abordagem centrada na criança e no seu percurso de aprendizagem. Implementar uma “educação sob medida” é “um sonho de todos aqueles que acham absurdo ensinar a mesma coisa no mesmo momento, com os mesmos métodos, a alunos muito diferentes” (p. 9). Assim, adequar o ensino às características de cada aprendiz não é só uma questão de bom senso pedagógico, como também uma questão de respeito à pessoa. No entanto, isso não significa que o educador/professor, deva fornecer um ensino diferente para cada criança, mas sim diferenciar a forma como ensina. É na planificação da prática pedagógica, que se deve ter em consideração cada criança, para que todos tenham oportunidade de aprender.

Dos 25 alunos, a professora cooperante pensava em sinalizar dois casos que se destacam na sala. Primeiro o caso do A., que revelava muitas dificuldades de concentração, sendo que se levantava constantemente, fosse para afiar o lápis, para ir ter com outro colega, brincar com material da secretária, distraíndo-se pintando o seu caderno diário e durante a realização das tarefas. Normalmente, não terminava todos os exercícios, querendo passar para outros, saltando os que não quer fazer. No caso deste menino, se estivesse sentada ao pé dele, ajudando-o e motivando-o, percebia que conseguia estar mais envolvido, mas o seu tempo tem outro ritmo, e sinto que ele tinha necessidade de um acompanhamento muito mais personalizado para o ajudar a manter-se focado e a adquirir/desenvolver aprendizagens.

O segundo caso era de uma menina, a K. Esta aluna não fala. Apresenta, de acordo com a professora titular, aquilo que é um caso de mutismo, não sei se grave ou não. De acordo com a professora cooperante esta menina, fora do contexto escolar, ou seja, em casa, falava ‘pelos cotovelos’. No entanto, com os colegas ou com as professoras, a única forma de comunicar com ela é através do olhar, sendo que, às vezes, ela também acena com a cabeça quando está a confirmar alguma coisa. Na última semana, a K. vinha sempre ter comigo (levantava-se do lugar e vinha mesmo ter comigo) quando tinha dúvidas, ou para mostrar o que já tinha feito. Antes nunca saía do seu lugar, e esta correção e orientação ia sendo feita conforme a professora/estagiária fossem passando pelos alunos. Apesar do seu mutismo, a K. é uma aluna que entende e acompanha a matéria lecionada sem dificuldades de maior.

### **3.4. Projeto de estágio e desenvolvimento**

O projeto “**Nós e o mundo**” (anexo XXV- plano de projeto) surgiu depois de, nas semanas de observação, ter sido detetada uma necessidade ao nível do desenvolvimento da consciência fonológica. Para além desta questão, foi também pensado, enquanto **objetivo geral do projeto, abordar a formação pessoal e social bem como atividades de expressões e interdisciplinares**. Para além destes, estavam contemplados objetivos específicos: normalização dos

comportamentos na sala de aulas; aquisição das competências previstas e a criação do gosto pela leitura e pela escrita; organização da prática pedagógica atendendo às dificuldades que alunos apresentam; recursos a atividades diversificadas que mobilizem o interesse dos alunos; recursos a suportes visuais e materiais didáticos; desenvolvimento da capacidade de interpretação; desenvolvimento da capacidade de concentração, realizando atividades de curta duração, respeitando o ritmo próprio de cada aluno; apoio aos alunos na construção da sua autonomia.

Estas ideias foram apresentadas à professora cooperante, que concordou, pois, a turma demonstrava algumas dificuldades em distinguir sons e grafemas. O facto de existirem dificuldades a nível da consciência fonológica, obrigou a um maior reforço no trabalho de aprendizagem das letras, associação do grafema ao som, reconhecimento da grafia minúscula e maiúscula.

No sentido de melhor responder às necessidades de criança, durante o projeto, foram privilegiadas as interações em grande grupo, pequeno grupo e individuais, recorrendo como mencionado no ponto acima, a técnicas de pedagogia diferenciada. Aliás, é este o modelo que mais me identifico para abordar a turma, uma vez que a mesma, como já foi referido anteriormente, demonstra ser heterogénea quanto aos ritmos e dificuldades de aprendizagem. Foi importante que os alunos adquirissem aprendizagens através da ação e da experimentação. Deste modo, foi necessário que as aulas não se baseassem em métodos puramente transmissivos, mas sim métodos ativos. Para que se verifique esta participação ativa, foi preciso recorrer ao diálogo, pois, segundo Antão,

sejam quais forem a formação, o perfil pedagógico e a idiosincrasia do professor/educador, e independentemente do avanço e recuos das didáticas e das pedagogias, estamos convictos de que a transmissão/aquisição de conhecimentos e valores tem de estar alicerçada numa eficaz comunicação na aula (1997, p. 7).

Para a avaliação deste projeto, a estagiária recorreu a grelhas de aquisição de conhecimentos, registos das crianças e da estagiária, observação direta e as produções das crianças. Neste estágio, houve muita dificuldade em fazer registos fotográficos, pois a turma exigia muita dedicação durante as atividades atencidas.

Assim, as duas atividades que serão aqui destacadas são os “**A letra L**” (anexo XXVI-28/11/17) e “**Casos de leitura- an, en, in, on, un**” (anexo XXVII- planificação16/1/18). Destacam-se estas atividades pela distância temporal que as separa (primeiro dia de intervenção e final de estágio) e também porque foram atividades nas quais o grupo se envolveu facilmente e demonstrou bem-estar.

A **primeira atividade**, consistiu na abordagem a uma nova letra através de um conjunto de 5 tarefas, com vários objetivos: **distinguir grafema maiúsculo e minúsculo, associar som**



A **segunda atividade, “Casos de leitura”** (ver anexo XXVII), aconteceu já numa fase final do estágio. Neste momento, os alunos trabalhavam, muito mais, com recursos (fichas e atividades) elaboradas pela estagiária para os conteúdos propostos. Esta atividade vem na sequência da aprendizagem da letra N, feita na semana anterior com a professora titular.

Foi, como a anterior, composta por um conjunto de tarefas. Começamos por lembrar a letra N, que aprenderam na semana anterior, registando no quadro o na, ne, ni, no, nu. A estagiária pediu ao grupo que dissesse palavras com essa letra e, conforme foram sendo ditas, ária organizou-as no quadro em duas colunas (uma para os sons na, ne, ni, no e nu e outra para os ditongos nasais an, en, in, on, un), questionando os alunos para o motivo das palavras estarem separadas. Foi feita a explicação à turma e distribuídos recortes com o caso de leitura, que os alunos colaram no caderno (figura 21). De seguida, depois de copiarem o caso de leitura da figura 21, a estagiária deu aos alunos o recorte da figura 22. Neste, foi pedido à turma que rodeasse cada caso de leitura nas palavras e copiasse as mesmas para a linha correspondente. Finalmente, no sentido de consolidar os conhecimentos aprendidos nesta atividade, os alunos fizeram uma ficha, construída prévia e especificamente para o momento (figura 23). Levaram ainda para casa, no sentido de praticarem a leitura, a ficha da letra N (figura 24).

Esta atividade foi também muito bem aceite pelos alunos. Considero que ter trabalhado com recursos graficamente apelativos, com imagens bem conhecidas pelos alunos, foi uma vantagem. Os alunos não sentiam tanto que estavam a trabalhar, pois havia uma certa ludicidade nas tarefas apresentadas.

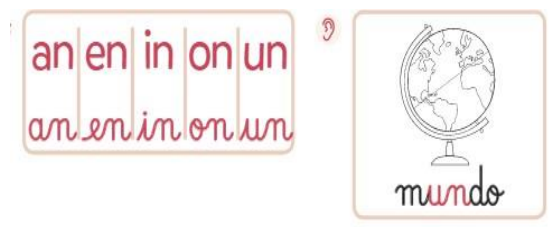


Figura 21- Recorte com os casos de leitura com só uma ilustração.



Figura 22- Recorte com os casos de leitura com as 5 ilustrações

Nome \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1- Rodeia nas palavras as sílabas **an, en, in, on, un.**



2- Legenda as imagens.



3- Ordena as palavras e forma frase.

monte. ao índio O vai ponte pela

Figura 23- Ficha dos casos de leitura

Vamos treinar a leitura

n	a	e	i	o	l	l	m	ll	o	o	n	n	
na	ta	la	da	ma	oa	na	on						
ne	te	le	de	me	oe	ne	en						
na	ta	la	da	ma	oa	na	on						
ne	te	le	de	me	oe	ne	en						



nave 	menina 	novelo 
piano 	navio 	nota 
violino 	nó 	dominó 
pena 	panela 	dente 

Treina outras palavras:

noite	neve	pano	noiva	nada	manta	vento
neto	nódoa	lvone	nova	dono	nome	mano
pepino	Nélia	duende	nata	ponte	pinta	pinto

Texto 1

O avô Nuno deu uma nota à Nádía.  
A Nádía põe a nota nova na mala.  
Vai ao monte e leva a mana.  
Na vila, a Nádía vê muita neve.

Texto 2

Na aula da Tena, o António toca piano.  
O piano é novo. A Tena ouve-o.  
A menina Tena toca violino.  
Uma novidade!



Figura 24- Ficha de leitura da letra N

### 3.5. Avaliação

Foram sete semanas de desafios, de colaboração, de reconhecimento de dificuldades e potencialidades, mas sobretudo, sete semanas de aprendizagens.

Por forma a fazer esta autoavaliação, permiti-me seguir alguns pontos orientadores: integração na instituição; conceção; planificação; operacionalização; relação e ação educativa; dimensão ética e desempenho profissional; avaliação e reorientação.

Primeiramente, considero que a minha integração na instituição foi de maneira geral boa, sendo que destaco alguns pontos fortes e outros que considero que posso melhorar. No que diz respeito aos pontos fortes, a pontualidade, assiduidade, a postura de colaboração e cordialidade com todo o envolvente educativo são de destacar. Por outro lado, a participação na vida, gestão e projetos da instituição não foi concretizada na sua totalidade. O facto de ter estado a trabalhar durante todo o período do estágio, limitou a capacidade de me envolver mais a este nível, sendo que doutra forma, poderia ter tirado mais proveito e contribuído mais ativamente. Ainda assim, consegui ajudar na festa de Natal, ficando encarregue de fazer os registos fotográficos e filmar a participação dos professores

No que diz respeito às planificações, a ajuda da professora cooperante foi fundamental no desenvolvimento da minha capacidade de planificar. A colaboração entre professora cooperante e estagiária é essencial para que a planificação seja feita, o mais possível, contemplando as aprendizagens e capacidades dos alunos. A planificação é uma ferramenta útil na preparação

dos conteúdos a serem lecionados, que me permitiu estruturar as sequências didáticas de acordo com o que estava já estipulado de ser abordado. Inicialmente, senti alguma dificuldade em preparar as planificações, no sentido de sequenciar as tarefas para explorar os conteúdos, ou no sentido de preparar recursos variados para a exploração das mesmas. Isso levou a que recorresse mais ao uso dos manuais adotados (incluindo suportes multimédia disponíveis), para explorar os conteúdos propostos, no momento inicial do estágio. Um ponto positivo que destaco nas planificações é o número de tarefas propostas para abordar os conteúdos. Penso que consegui ser clara nas competências e objetivos a desenvolver nas planificações.

Verifiquei, particularmente na última semana, que a inclusão de mais tarefas e diferenciadas teria sido uma mais valia. Houve momentos, em que alguns alunos terminaram todas as tarefas previstas por mim e senti a necessidade de pensar na altura noutra atividade que pudessem fazer, que não estava planificada. Nestes momentos, a ajuda da professora titular foi essencial, pois ajudava-me a encontrar recursos extra que podiam ser utilizados. Pude assim perceber, que a planificação não previa esta situação: alunos que avançam com mais facilidade e rapidez nas tarefas. Compreendo que é um ponto a ser melhorado e trabalhado por mim: contemplar a existência de materiais ou tarefas alternativas.

Na última semana, consegui preparar os meus próprios materiais (anexo XXVIII) com mais clareza, conseguindo abordar conteúdos de diversas aprendizagens sem recorrer tanto aos manuais. Durante a conceção e desenrolar de atividades, respeitou-se o Projeto Pedagógico, diferenciando cada aluno e respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem, passando pela adequação de comunicação a cada um deles. Ainda durante o percurso das atividades, orientei os alunos no sentido dos objetivos pretendidos e fiz alterações nas tarefas ou ordem de realização das mesmas, de acordo com as necessidades.

No que diz respeito à obtenção dos objetivos para este projeto (desenvolver a consciência fonológica dos alunos; promover a formação pessoal e social- cidadania; promover atividades de expressões e interdisciplinaridade; promover a consciencialização da turma para o mutismo seletivo, foram parcialmente atingidos/conseguidos. Os objetivos que foram concretizados/atingidos estão relacionados com o desenvolvimento da consciência fonológica e no âmbito da formação pessoal e social.

A desejar ficou: a exploração de momentos na área das expressões e a consciencialização da turma para o mutismo seletivo. Em relação a este último objetivo, também não sei até que ponto teria sido benéfico para aluna K., rever-se na abordagem da questão do mutismo. Dessa forma, também eu não me senti preparada para trabalhar a questão em grupo, apesar das leituras feitas sobre o tema.

De referenciar a pressão que senti para que se dessem os conteúdos programáticos. Talvez me tenha condicionado para tarefas mais normativas. Gostaria de ter realizado mais atividades interdisciplinares, bem como atividades de expressão plástica.

Conseguí manter uma relação com todos os alunos, contudo, percebo que às vezes senti dificuldade em manter o grupo focado e em gerir a comunicação entre eles. Sempre respeitei cada um dos alunos e a sua diversidade, alertando para a tomada de atitudes de respeito perante o outro dentro e fora da sala.

Senti dificuldades da gestão de tempo das tarefas, isto é, às vezes ficavam tarefas ou conteúdos por abordar, sendo que foram sendo adiados para a sequência didática seguinte.

Em termos da avaliação, o facto de me encontrar a trabalhar durante o tempo de intervenção fez com que só me fosse possível fazer a avaliação de cada dia, ao final da semana. Isso condicionou a reorientação, tornando-a menos imediata. Contudo, fazer a avaliação de todo o grupo ao tempo é muito difícil. Por isso, foram criadas grelhas com os objetivos específicos, que foram sendo preenchidas parcialmente ao longo do estágio (anexo XXIX).

De forma geral, pode dizer-se que os objetivos do projeto foram atingidos. Houve aprendizagens feitas pelo grupo de alunos, houve aprendizagens feita pela estagiária. O facto de tomar uma atitude reflexiva e de partilha constante com a professora cooperante, permitiram identificar as fragilidades e as potencialidades enquanto futura profissional de educação.

#### **4. Prática de Ensino Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico-4ºano**

O estágio em primeiro ciclo (4º ano), realizado no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada II, decorreu na cidade de Santarém, numa escola pública, durante o ano letivo 2017/2018.

##### **4.1. Caracterização do contexto institucional**

A Escola Sede de Agrupamento recebeu a 17 de maio de 2005, o galardão “Pilar da Paz”. Este símbolo empenha, cada vez mais, a expressão do envolvimento do agrupamento em iniciativas que estreitam os pilares estruturantes da formação dos alunos. Desta forma, sendo a Escola Sede do Agrupamento uma Escola associada da UNESCO, por sua vez, todas as Escolas do Agrupamento têm possibilidade de participar em projetos da UNESCO. O galardão implica a aceitação de valores e ética que expressem o espírito universalista de paz e tolerância, assente no respeito pela diversidade cultural.

O Agrupamento tem uma visão da escola dinâmica, inovadora e inclusiva, que espelhe um ensino de excelência e de rigor, traduzindo as aspirações e as expectativas da comunidade

educativa e de promover o talento e o espírito crítico, adaptando o exercício de uma cidadania responsável e ética às novas exigências da sociedade global. Seguindo esta visão, o Agrupamento defende uma que missão que passa por: dotar as crianças e os jovens, em sinergia com a comunidade, de saberes e competências, valorizando o conhecimento, a importância da aprendizagem ao longo da vida, a autonomia, o sentido de responsabilidade, o espírito criativo e empreendedor e a dimensão colaborativa, promotores de uma cidadania ativa e responsável.

O estágio decorreu de 19 de abril a 2 de junho de 2018, num centro escolar localizado na cidade de Santarém. O estabelecimento foi inaugurado em 2011 e conta com instalações construídas de raiz (de cariz sustentável) e equipamentos novos ao dispor das 8 salas do 1º ciclo e 3 salas de JI, que funcionavam no presente ano letivo. Um espaço moderno, amplo, luminoso e com recursos (físicos e materiais) para professores e educadores poderem potenciar e desenvolver a sua prática educativa.

Desde o espaço exterior equipado com ringue desportivo (dedicado ao 1º ciclo), aos baioços e recreio do JI, no interior das instalações podíamos encontrar a biblioteca, sala de material didático, ginásio, cozinha e refeitório, *hall* de entrada, sala de professores (equipada com mesas, micro-ondas, frigorífico e computador), sala de pessoal não docente (auxiliares), gabinete da direção, sala de apoio especial, casas-de-banho (para adultos e para os alunos), 8 salas de 1º ciclo, 4 salas de JI, “áreas sujas” (espaço comum entre salas de 1º ciclo) com despensa, onde existe material de trabalhos manuais, lavatórios, embalagens, tintas, e materiais que poderão ser facilitadores à realização de tarefas plásticas ou experiências científicas.

#### **4.2. O ambiente educativo**

É uma sala grande, cheia de luz natural, devido às grandes janelas que perfazem toda a parede para o exterior (sobranceira ao ringue). Toda a sala tinha expostos trabalhos/projetos que espelham o desenvolver de saberes e aprendizagens, desde a área das expressões, às ciências. Toda à volta da parede, um friso, quase à altura do teto, que representava a evolução cronológica da existência de vida (como a conhecemos), desde o *Big Bang* (início do friso), à formação do sistema solar, às primeiras formas de vida, primeiras civilizações, até aos dias de hoje. Este friso lembra o genérico de uma conhecida série de humor, “A teoria do *Big Bang*”, pois concentrava os maiores acontecimentos que o Homem teve a possibilidade de desvendar/assistir/criar na história da Humanidade. No teto, um gigante móbil (ocupa espaço de meio teto) que representa o nosso sistema solar, feito com pormenor, onde vemos pendurados planetas, o sol até a cintura de asteroides.

A sala dispunha de 2 quadros brancos, sendo um deles o interativo, computador, projetor, armários com material didático (jogos, livros), prateleiras com manuais dos alunos. É uma sala rica visualmente e em termos de recursos pedagógicos e material de trabalho.

Entre esta sala e sala do lado, ficava a zona “suja”, espaço comum às duas salas, onde encontramos lavatório grande, duas mesas de apoio e bancadas com trabalhos que vão sendo feitos. Daí, tinha-se acesso também a uma despensa, cheia de material de desperdício e trabalhos realizados, o que facilita a execução de quaisquer tarefas que se queiram realizar.

As mesas dos alunos estavam dispostas de uma forma tradicional, assim, há três filas de mesas. Cada fila com 4 ou 5 colunas. As mesas têm 2 alunos em cada e estão orientadas para os quadros.

Alguns dos objetivos traçados no Plano de Trabalho passam por centrar a ação educativa na aprendizagem dos alunos, resolver carências e problemas detetados, participar em atividades da e na comunidade escolar e realizar aprendizagens interdisciplinares utilizando novas técnicas.

### **4.3. O grupo**

A turma de 4.<sup>o</sup> ano é constituída por 26 alunos, com idades compreendidas entre os nove e os dez anos. Fui bem recebida e acolhida quer pelo corpo docente, não docente e pelos alunos. Conheci os alunos e a professora na semana anterior ao início de estágio.

A professora cooperante mostrou-me a sala, enquanto conversámos sobre a minha intervenção, conteúdos que estão a ser lecionados, o contexto geral da turma. Neste momento a professora colocou ao meu dispor o Plano de Trabalho, que posteriormente consultei. A partir da análise deste documento, foi possível perceber, de forma mais detalhada, as características contexto familiar, de saúde, nível de formação dos encarregados de educação. A maioria dos encarregados de educação dos alunos tinha formação superior, encontram-se empregados e têm idades compreendidas entre os 30 e os 55 anos de idade. De acordo com a professora titular, os encarregados eram participativos e interessados na vida escolar dos alunos e manifestavam vontade de aprender também.

Era um grupo com extremo à vontade entre todos, pois já se conhecem desde o JI, verificou-se, por isso, a existência de um ambiente familiar. A professora às vezes brincava, dizendo que eles são os peões num tabuleiro de xadrez (que é a sala) e que sentia dificuldade em mudar os peões de sítio quando há necessidade de fazer alguma troca para reduzir as “conversas paralelas”, pois todos se davam bem e se conheciam há muito. Apesar do à vontade entre todos, era um grupo geralmente muito bom, que respeita a voz do professor, muito autónomos na execução das suas tarefas e as dificuldades maiores prendem-se com questões interpretativas. Um

grupo muito participativo, inquisidor, atento e curioso. Com muita vontade de fazer coisas novas e de descobrir o que iria ser feito ao longo do estágio.

No que diz respeito ao aproveitamento escolar da turma, esta apresentava resultados muitos positivos, sendo que apenas se verificou no início do ano letivo 3 negativas a Matemática, num total de 26 alunos. Ao longo do ano essas dificuldades foram sendo ultrapassadas. De entre os 26, havia um a beneficiar de apoio educativo (C.-1 hora/semana), sendo que existia outro caso de dislexia (M. C.- que não recebeu código para o artigo 3/2008). Havia 4 alunos que necessitavam de maior apoio na sala, ainda assim, todos eram cheios de capacidades e, muito importante, dispostos a pedir ajuda e a entreatajudar-se no desenvolvimento das tarefas. Alguns dos objetivos traçados no Plano de Trabalho passavam por centrar a ação educativa na aprendizagem dos alunos, resolver carências e problemas detetados, participar em atividades da e na comunidade escolar e realizar aprendizagens interdisciplinares utilizando novas técnicas.

#### **4.4. Projeto de estágio e desenvolvimento**

Este **projeto de estágio** veio no seguimento do Plano de Trabalho de Turma e tentou contemplar alguns dos objetivos gerais traçados no mesmo e outros mais específico, estipulados em concordância com a professora cooperante. As **aprendizagens dos alunos através de momentos de trabalho colaborativo**, privilegiando a **interdisciplinaridade**, a **realização de experiências** e a **expressão plástica** como ferramenta potenciadora de aprendizagens significativas, serviram de linhas orientadoras à construção e desenvolvimento do projeto.

Era importante desenvolver uma aprendizagem global sobre a qual se refere a articulação das diferentes áreas de conteúdo, em diferentes categorias, como a interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade. Isto é, à luz de Alonso, em maior ou menor grau, esta articulação deve ser utilizada sempre que a "organização e os processos de aprendizagem nos permitam abordar e analisar os temas (...) na sua realidade relacional" (Alonso, 2002, p. 413).

É preciso partir da realidade das crianças, as temáticas e os problemas trabalhados devem ser investigados em cada uma das disciplinas/áreas de forma articulada, para que assim cada conteúdo a ser abordado esteja contextualizado nesse tema.

A realização de experiências, desde tenra idade, é uma mais-valia para a aprendizagem das crianças uma vez que desenvolve, no mesmo, hábitos de observação, análise e reflexão. "Debater ciência não é apenas um professor a falar acerca da ciência, mas os alunos a criarem, aprenderem e comunicarem, através de uma linguagem e de um processo especializado" (Abrams, 2000, p. 268).

Finalmente, a prática das atividades expressivas contribui bastante para a formação da personalidade, para a estruturação do pensamento e formação do caráter. A expressão plástica

aparece ainda intimamente ligada ao ensino das ciências, pois é uma mais valia utilizar a arte como instrumento de formação na Educação já que esta influencia a percepção, estrutura o pensamento, proporciona uma linguagem expressiva permite desenvolver a criatividade estimulando a fantasia e a imaginação. Atalay (2007) e Zamboni (2006), autores contemporâneos, apontam a importância da aproximação das duas áreas de conhecimento: arte e ciência. Os estudos dizem-nos que existe novos caminhos que levam à reaproximação delas, que ficaram distanciadas por interpretações “errôneas” ou divisões cartesianas realizadas no decorrer dos séculos posteriores ao Renascimento. Para essa aproximação o primeiro passo é a compreensão da natureza delas, ambas abrangem um amplo espectro interdisciplinar.

Posto isto, do conjunto de atividades realizadas ao longo do estágio, serão destacadas duas neste momento do trabalho, sendo que, outras também relevantes, estarão identificadas em anexo. Pelo seu caráter experimental e interdisciplinar, destaque para a atividade da “**Confeção do pão**” e, pelo recurso à Expressão Plástica, à interdisciplinaridade e à cooperação, a atividade “**Banda desenhada**”.

A **primeira atividade** (anexo XXX- planificação de 3/5/18) surge como forma de complementar os conteúdos que estavam a ser lecionados em Estudo do Meio (**principais atividades produtivas nacionais; ciclos de produção; profissões; matérias-primas**), Português (participar em atividades de expressão oral; **tipos de texto- a receita e banda desenhada**) e Matemática (**medidas de capacidades e massa**).

Num primeiro momento, a estagiária relacionou a temática abordada a Estudo do Meio com a confeção de pão de modo a promover o envolvimento dos alunos, que foram, desde início, bastante participativos. De seguida, com a participação dos alunos, fez-se o registo numa tabela no quadro, dos diferentes setores, atividades económicas, profissões e produtos agrícolas envolvidos na confeção do pão. Depois da tabela preenchida, apontou-se no quadro a receita do pão (ingredientes e procedimentos) e fez-se um breve exercício de conversão das medidas de massa (kg para g).

Posto isto, passámos então à preparação dos ingredientes, em grande grupo à roda de uma mesa grande, para que todos vissem e pudessem participar. Os alunos estavam ansiosos por amassar e, durante o processo, foram sempre fazendo questões acerca dos procedimentos, sendo que acharam particularmente curioso o uso e o cheiro do fermento, pois a grande maioria desconhecia o ingrediente. Todos participaram na atividade e, estando a massa pronta, foi deixada a levedar durante um tempo, antes de se colocar a cozer. Ficou pronto à hora de saída, mesmo a tempo da hora do lanche.

Foi uma atividade muito bem conseguida, pois todo o grupo estava envolvido, participativo e curioso. Foram contemplados diversos conteúdos numa só atividade, provando que a interdisciplinaridade é possível. Ainda mais, que quando bem estruturada e aliada à possibilidade de envolver a prática, se torna tão mais enriquecedora e significativa.



Figura 25- Alunos a preparar a massa do pão



Figura 26- Pão cozido



Figura 27- Banda desenhada e história do pão

A **segunda atividade** destacada (anexo XXXIII- planificação de 23/5/18) é a “Banda desenhada” e surge depois de ter sido trabalhado em sala o conto “A princesa e a ervilha”. Começamos por recordar o conto trabalhado durante os dias anteriores e, de seguida, fez-se a projeção da apresentação digital sobre banda desenhada (anexo XXXIV). Organizou-se a turma em grupos de três e quatro alunos. Dessa forma, trabalhando em conjunto, os alunos construíram, primeiro o diálogo entre nas personagens e, numa fase final, a banda desenhada.

Foi uma atividade que correu bastante bem, onde se verificou a existência de uma boa relação de trabalho colaborativo. De salvaguardar que dentre todos os grupos, em apenas um existiu uma situação onde, inicialmente, não se estava a verificar a aceitação do contributo de um dos elementos. Contudo, depois de uma breve conversa com o grupo, tudo fluiu. Todos os grupos conseguiram realizar a atividade de forma positiva. No final, compilaram-se todas as bandas desenhadas num só livro.

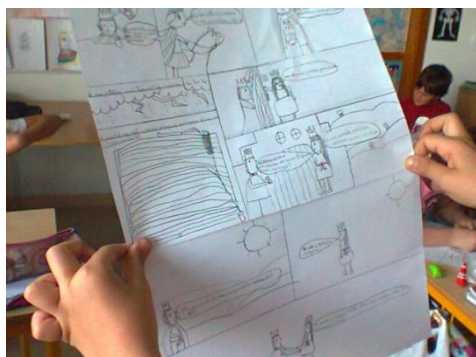


Figura 28- Aluna a mostrar a produção do seu grupo

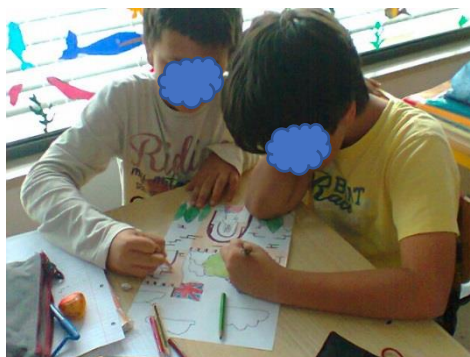


Figura 29- Alunos a fazerem a capa da compilação



*Figura 30- Banda desenhada de um grupo*



*Figura 31- Capa da compilação*

#### **4.5. Avaliação**

Todas as atividades envolveram o trabalho colaborativo, em grupos de 3 a 5 alunos, a pares e outra em grande grupo. Uma das atividades que considero mais bem conseguida foi a da confeção de pão e que acabou por ser a atividade central desse. Nesta situação, e apesar de ter acontecido no 2º dia de intervenção, senti-me muito tranquila e à vontade durante os vários momentos. Sem dúvida que, uma antecipação de problemas e uma boa preparação dos conteúdos, é meio caminho para o sucesso. Considero que, os alunos estiveram envolvidos na atividade desde início e que, o facto de ter conseguido interligar uma série de conhecimentos que já tinham, facilitou e promoveu a consolidação e criação de aprendizagens significativas. Apesar de esta não ser uma atividade de expressão plástica, o simples facto dos alunos poderem manipular, ou seja, participar ativamente no processo com o uso das suas mãos, é um fator potenciador do envolvimento dos alunos.

De facto, esta sequência serviu de catapulta para o desenrolar de toda minha intervenção, permitindo-me cruzar conteúdos, através de um fio condutor, que assentou no trabalho colaborativo e na interdisciplinaridade. Auxiliei-me de algumas apresentações digitais (anexos XXXII, XXXIV e XXXVI), criadas para estes momentos, apostei em concentrar-me na adoção de uma postura que fosse espelho da postura da professora, no sentido de ir fazendo a ligação com os conhecimentos prévios dos alunos.

A segunda, que ficou um pouco aquém, foi a atividade de medição de capacidades (ver anexo XXXV- outras atividades). Teria feito agora alguns reajustes na estratégia que utilizei, distribuindo por todos ao mesmo tempo as ferramentas necessárias à execução da atividade; assinalando e numerando previamente os recipientes utilizados; procedido a uma explicação inicial

no quadro sobre o preenchimento da folha de registos. Isto levou a uma não consistência nos processos e nos resultados entre os grupos. Apesar disso, é visível na posterior avaliação das atividades, que a maioria dos alunos entendeu e seguiu os procedimentos, conseguindo cumprir a maior parte dos objetivos propostos. Os grupos foram criativos e classificaram os recipientes de acordo com as suas características (forma, cor, função, tamanho). Este foi um momento em que me senti mais receosa, pois estava a perceber que essas falhas estavam a condicionar o desenrolar ótimo da atividade.

No final dos primeiros dias de intervenção sentia-me menos ansiosa, mais certa do meu gosto pelo 1.º Ciclo, mas também por isso mesmo, mais responsável pelo bom desempenho nesta missão que é a educação.

Outros momentos em que foram alcançados os objetivos: na concretização da prenda para o dia da mãe, como foi verificado pelo envolvimento e interesse dos alunos; na construção do decímetro e do metro cúbico; na experiência das chuvas ácidas. Muito aprendi e percebi com o sucesso destes momentos, bem como com o insucesso de outros.

Em todos houve momentos de aprendizagem, de reconhecimento de fragilidades, como é o caso da dificuldade em avaliar todos os momentos. De forma geral, uma revisão diária permite identificar as lacunas e fragilidades, contudo, avaliar individualmente cada um dos 26 alunos provou ser um desafio. Assim, optei por fazer algumas escalas de avaliação semelhantes ao anexo XXXI.

Outra dificuldade com que me deparei, foi o facto de termos tido no início do estágio vários feriados, seguidos de duas semanas dedicadas a revisões e avaliações, que obrigaram a um corte indesejado na continuidade da intervenção pedagógica. Encontrei também a necessidade de adequar as tarefas ao tempo disponível para execução. Pois, havia a ambição de trabalhar o texto dramático, promovendo a dramatização, sendo que foi sugestão dos alunos. Essa ideia ainda deu uns passos, mas foi impossível levar a termo a sua concretização.

De forma geral, os objetivos foram atingidos, pelo que a turma conseguiu trabalhar de forma colaborativa na maior parte dos momentos propostos a isso. Foi possível executar algumas atividades de expressão plástica ao longo do estágio, bem como perceber na prática a importância de criar momentos de interdisciplinaridade como forma de trabalhar conteúdos numa perspetiva mais holística.

Para além destes objetivos propostos inicialmente, foi possível ainda concretizar e fazer parte de um projeto da escola, em cooperação com outra colega que se encontrava a estagiar no mesmo estabelecimento. Conseguimos articular e unir esforços com a Escola Superior de Educação de Santarém, no sentido de promover a pintura de um mural no estabelecimento de estágio. O mural foi desenhado então por nós, sendo que a sua pintura foi feita pelos alunos do 1º ciclo, durante a celebração do dia da criança.

Foi, de facto, o estágio onde me senti mais à vontade, mais realizada. A confiança no meu desempenho aumentou, o amor pelo ensino, também. Com esta sabedoria, veio o peso da responsabilidade e a certeza de querer continuar a aprender a ensinar e ensinar a aprender, com as crianças, sempre. As aprendizagens foram demasiado preciosas e constantes. Foi o mais exigente, por isso talvez, o mais compensador.

## **Parte II- Trabalho de pesquisa realizado**

### **1. Problemática e objetivos**

Ao longo destes dois anos de mestrado, vamos percebendo que a investigação encerra um papel determinante na formação e desempenho de todos os da educação, talvez mais ainda nos profissionais que estão na sua formação inicial.

De acordo com Cortesão e Stoer, ser professor é ultrapassar a simples transmissão de conhecimento científico. É também, assumir uma postura investigativa com características próprias “desenvolvidas na complexidade das relações estabelecidas no tecido sociocultural e psicoafectivo onde ocorre a ação pedagógica” (1997, p.11). Assim, poderá produzir-se conhecimento ao longo do “exercício da ação pedagógica” (1997, p.12). Basta que o educador/professor se assuma também como investigador, sustentado num questionamento permanente, analisando as várias dimensões de sentido daquilo que está a fazer.

No sentido de dar resposta a questões que foram surgindo durante este percurso, mais precisamente no decorrer do estágio em JI, surgiu o mote da componente investigativa: a Expressão Plástica, que potencialidades, que importância e qual o papel do educador/professor?

As questões surgiram da vontade de querer estudar, mais profundamente, o benefício das atividades de Expressão Plástica no desenvolvimento das aprendizagens das crianças, bem como da vontade de querer desfazer alguns preconceitos criados, acerca das diferenças na promoção de atividades de expressões nos dois níveis de ensino (Pré-escolar e 1º CEB). Assim, por um lado, pretende-se investigar sobre o impacto que a Expressão Plástica tem nas aprendizagens das crianças e, por outro, qual o papel que o educador/professor deve ter na promoção de atividades deste domínio, considerando o contributo dos participantes na pesquisa. Desta forma, é do meu interesse, perceber como se posicionam educadores/professores, no que diz respeito à Expressão Plástica.

No sentido de orientar o trabalho de pesquisa, surgiram **três questões orientadoras** e os respetivos **objetivos**:

- De que forma a Expressão Plástica é promotora das aprendizagens?

- Identificar as vantagens do recurso à Expressão Plástica para promover aprendizagens (segundo educadores e professores).
- Qual o papel do educador/ professor enquanto dinamizador da Expressão Plástica?
  - Identificar o papel que o educador/professor deve ter no desenvolvimento destas atividades (segundo educadores e professores).
- Qual é o contributo da Expressão Plástica no desenvolvimento e aprendizagens das crianças?
  - Identificar o impacto que a Expressão Plástica tem no desenvolvimento e aprendizagens e das crianças (segundo educadores e professores).

## **2. Enquadramento teórico**

### **2.1. A Expressão Plástica, as crianças e o lúdico**

Estando muitas vezes associado, limitadamente, a um método de ensino de técnicas artísticas, cujo objetivo final é a criação de artistas, o conceito de Educação Artística ultrapassa essa interpretação castradora. De acordo com Sousa (2003a) “a Educação Artística concebe o termo “Educação” na perspectiva de “Educare-Eductio” e de desenvolvimento da personalidade, o qual só poderá ser efectuado de modo harmonioso se em situação de uma inter-relação social baseada em valores estético-éticos” (p. 44).

Assim, se demarca que esta educação não se encerra em si própria, ou seja, faz sentido que esteja conectada e interligada a outras aprendizagens que se inserem nas várias áreas curriculares do 1º ciclo (área da Matemática, do Estudo do Meio ou do Português) ou nas várias áreas de conteúdo do pré-escolar (área de Formação Pessoal e Social, área de Expressão e Comunicação ou área de Conhecimento do Mundo). É da articulação entre as várias áreas que se pode permitir que crianças/alunos usufruam de melhores e mais significativas experiências de aprendizagem, através do contacto com o mundo que as rodeia.

Aliás, se forem consideradas as competências que devem ser alcançadas ao término da educação básica, então torna-se claro o papel que a Educação Artística desempenha enquanto meio imprescindível para desenvolver a sensibilidade bem como os pensamentos crítico e criativo. Neste sentido, Sousa (2003a) refere que

uma educação eminentemente voltada para objectivos imediatos expressivos, contribui de modo muito significativo para a manutenção de uma vida mental saudável. As actividades educativas expressivas para além do seu inquestionável valor educativo oferecem ainda algo de mais valioso, que é a sua acção homeostática e a influência preventiva em relação a problemas psicológicos. (p.183)

Contudo, e apesar de serem sabidos e aceites os contributos enriquecedores que a Educação Artística tem no processo de ensino-aprendizagem das crianças e no seu desenvolvimento enquanto indivíduos, a mesma continua sendo desvalorizada, vista muitas vezes como uma área que se destina ao entretenimento. Neste sentido, Oliveira expressa claramente como se encara esta área, antecipando que é tida “na nossa sociedade mais como uma forma de distração, do que uma área que possui uma importância determinante para o desenvolvimento pessoal, social e cultural da criança” (2003, p. 40). Seguindo o mesmo raciocínio, cito Pacheco et al, que por sua vez declaram que “a arte é, deste modo, encarada na melhor das hipóteses, como um evento cultural visto pelo lado de um público culto. Na pior das hipóteses, é encarada como um simples entretenimento” (1998, p. 256). Porém, de acordo com Fróis (2000),

Uma das finalidades da arte é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolver a criatividade dos indivíduos. Na Educação, esta finalidade é uma dimensão de reconhecida importância na formação do indivíduo, ampliando as possibilidades cognitivas, afectivas e expressivas. (p. 201)

Posto isto, parece evidente que a Educação Artística deve ocupar um lugar de maior merecimento e destaque, aliando esforços na conciliação às outras áreas do saber, aproveitando as suas potencialidades no desenvolvimento de competências intelectuais, cognitivas, afetivas, sociais das crianças.

De acordo com Vários “o Ensino Artístico deve ser a expressão e o resultado da necessidade de comunicação e de perpetuação daqueles que usam para viver os meios e as práticas consideradas artísticas” (1996, p. 54).

Como já foi mencionado, a minha atenção recairá sobre a Expressão Plástica. Aos olhos de Sousa “o termo «expressão plástica» foi adoptado pela educação pela arte portuguesa, para designar o modo de expressão-criação através do manuseamento e modificação de materiais plásticos” (2003b, p.159). De acordo com este autor, considere-se materiais plásticos o barro, a pedra, o gesso, plástico, metais e outros.

A Expressão Plástica é uma plataforma que permite às crianças, não só observar como manipular materiais e objetos de forma criativa, mas também lhes permite espelhar a visão que têm do mundo que as rodeia, sendo esta plataforma um veículo expressivo de sentimento e emoções. Simultaneamente, a Expressão Plástica “e outras formas de expressão simbólica (...) constituem modos espontâneos de exteriorização da personalidade e das experiências inter-pessoais” (Piaget, 1954, citado por Bahia, 2008). De acordo com Sousa (2003a)

a área de Expressão Plástica surge como “uma atividade natural, livre e espontânea da criança que, desde muito pequena, gosta de mexer em água, areia, barro, tintas e de riscar um papel com um lápis. O seu principal

objectivo é a expressão das emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos. Não se pretende a produção de obras de arte nem a formação de artistas, mas apenas a satisfação das necessidades de expressão e de criação da criança. Desenha-se, pinta-se e molda-se apenas pelo prazer que esses actos proporcionam e não com a intenção de produzir algo que seja «arte». É a acção que interessa, é o acto de criar que é expressivo e não a obra criada. (p. 160)

Neste sentido, deve focar-se a atenção no desenvolvimento das capacidades e necessidades das crianças enquanto criam ao invés do produto final obtido.

No seguimento e sustentando esta ideia, Oliveira (2003) defende o propósito da Expressão Plástica, afirmando que:

Cabe então à expressão plástica enquanto área de aprendizagem, reflectir sobre esta panóplia de imagens, desenvolvendo nas crianças as capacidades necessárias para interactivar com o meio cultural e icónico que nos circunda, desenvolvendo por um lado, a compreensão da arte e por outro lado, fazendo-as participar activamente no processo artístico criando obras plásticas. Então, podemos dizer que a expressão plástica desenvolve a capacidade de compreensão, expressão e criação formando pessoas capazes de apreciar e analisar obras e imagens, assim, como, produzir através de instrumentos e materiais trabalhos artísticos. (pp. 39-40)

Realmente, o que acontece é que a criança, durante a experimentação e descoberta das características dos vários materiais plásticos, entra na dimensão do prazer e liberdade, associados à vivência lúdica. É fundamental, para que aconteçam aprendizagens significativas, que a criança possa expressar e executar livremente as suas ideias, bem como aos seus afetos, as suas emoções. É fundamental ainda, que a criança conheça bem o seu corpo, que se sinta integrada, confortável e segura no espaço escolar, enquanto pessoal individual e social que é.

Sendo que a atividade lúdica acompanha a criança, condicionando e promovendo o desenvolvimento da mesma, estas atividades têm um papel fundamental. Cabe assim, ao adulto, educadores/professores, a tarefa de manterem viva na lembrança a importância que carregam este tipo de atividades, já que estas vão muito para além da brincadeira ou entretenimento, mas permitem dotar as crianças de compreensão acerca daquilo que as rodeia e permitem-lhes sentirem-se realizadas enquanto indivíduos.

Segundo Neto, o “comportamento lúdico tem uma dimensão ancestral independente da cultural ou situação geográfica” (2009, p.19). O autor acrescenta ainda que,

em contextos educativos, as aprendizagens escolares devem fazer apelo a modelos não lineares de apreensão do conhecimento. As crianças devem aprender a pensar e saber interrogar-se sobre os fenómenos da vida humana e do funcionamento da natureza. Trata-se de implementar situações interessantes em todas as áreas de aprendizagem (lógico-matemáticas, linguísticas, motoras, artísticas, etc.), no sentido de aprender a aprender a maneira como se pensa. (idem, p. 28)

De acordo com esta ideia, sendo que para além de promover o desenvolvimento da criatividade nas crianças, devemos recordar que este tipo de expressão é um fundamental meio de comunicação e representação que merece, assim, ser considerada em todo o currículo.

Entenda-se então que, o lúdico é mais do que os momentos de brincadeira, concretiza-se noutros atos, como a leitura e a escrita, a pintura e o desenho, a escultura e construção, um vasto conjunto de atividades que possibilitam à criança compreender e descobrir o mundo. Como defende Condessa (2009),

atividades em que a criatividade, a expressão, o movimento e a ludicidade são privilegiados, a criança apreende também um conjunto de regras e significações sociais dos seus comportamentos que lhe permite adaptar-se à sua cultura e iniciar-se numa prática desportiva, cultural e artística. (p. 39)

Pelos vários motivos apresentados, pela vontade de ver as crianças participando mais nas suas aprendizagens ao longo do seu percurso pedagógico, é pertinente que se reavalie o papel da Expressão Plástica. Pelas suas características lúdico-criativas potenciadoras de competências e aprendizagens, atribuir um carácter de mero entretenimento às atividades de Expressão Plástica é limitar a essência desta forma de expressão.

No sentido de aprofundar o modo como a Expressão Plástica influencia, não só a criatividade, mas também outras competências na criança, surge a próxima secção do capítulo presente.

## **2.2. As características da Expressão Plástica potenciadoras das competências**

Como tem sido referenciado, a riqueza da área da Expressão Plástica, permite potenciar o desenvolvimento de um vasto leque de competências nas crianças/alunos, transversal a diferentes áreas. Esta parte do trabalho focar-se-á neste ponto.

No sentido de sustentar um primeiro olhar a esta verdade, apoiando-me em Oliveira (2003, p. 46), a área da Expressão Plástica estimula o desenvolvimento a vários níveis: o social (dando ferramentas de comunicação e expressão de ideias, sentimento e emoções); o motor (trabalhando as competências psicomotrices) e o cognitivo (através da contemplação de distintas obras plásticas).

Já Sousa (2003b), foca a criatividade, que define como “uma capacidade humana, uma capacidade cognitiva que permite pensar de modo antecipado, imaginar, inventar, prever, projetar e que sucede internamente, a nível mental, de modo mais ou menos consciente e voluntário”, (p. 169). Por sua vez, Feinstein (2011) refere a criatividade como sendo “uma atividade fundamental

do processamento humano de informações”, denotando a existência para duas características: “a capacidade de produzir um trabalho que seja (1) original ou inesperado e (2) útil ou adaptativo” (p. 138). Outro autor, que contribuiu para o conhecimento acerca desta área, foi Lowenfeld (1977, citado por Sousa 2003b), apontando que a Expressão Plástica proporciona à criança “um modo de estimular a imaginação e desenvolver o seu raciocínio. Como se tratam de processos cognitivos, o produto criado (desenho, pintura) incluirá por isso as coisas que a criança conhece, que são importantes para si e o modo como se relaciona com elas” (p. 170).

Tanto a noção de criatividade como de criação surgem associados à Expressão Plástica, apesar disso, segundo Sousa (2003a, p. 190) são conceitos que se devem ter em conta em planos diferentes. Assim, ao ato de criar, deverá ser associado o aparecimento real de alguma coisa, por forma consciente e intencional de um indivíduo. Relativamente à criatividade, esta deverá ser entendida antes como a habilidade, a aptidão de cada indivíduo que se concretiza na criação. Ou seja, dois conceitos distintos e complementares, pois que a competência criativa só se cumpre quando há ação criadora.

De acordo com Maslow (1959, p. 173), podemos abordar o conceito de criatividade de duas formas distintas: a criatividade primária (resultante de uma atividade caracteristicamente lúdica, próxima e voluntária) e a secundária (resultante de uma atividade marcadamente mais orientada, disciplinada e de não lúdica). Em qualquer um dos casos, existe criatividade ativa, sendo que se distinguem pela atitude voluntária ou involuntária ou ainda pela existência ou não de francos rigores estéticos e regras.

Ainda sobre a criatividade, Sousa (2003a, p. 190), fundamentando-se nas notas de Taylor (1957), que a hierarquizou em cinco níveis: Criatividade Expressiva (quando o sujeito se expressa da forma mais original possível); Criatividade Produtiva (quando a criação está limitada por determinadas opções metodológicas, temporais e económicas); Criatividade Inventiva (quando o criador consegue unir características expressivas e produtivas, obtendo resultados únicos e imprevistos); Criatividade Inovadora (quando existe uma modificação geradora de processos, exigindo um nível elevado de abstração); Criatividade Emergente (quando se refere ao nível máximo de elaboração, criando princípios fundamentais totalmente novos).

Gonçalves (1991) argumenta assim que,

a escola de hoje deve procurar estimular no aluno, a criatividade, o prazer pela descoberta, o espírito crítico e a capacidade de intervir. A criatividade desperta-se através do fazer, da experimentação constante. A criatividade apela para uma pedagogia não directiva, ou, pelo menos, flexível e aberta, que permita que seja a criança a descobrir o seu modo de agir e de exprimir, bem como o material e a técnica que melhor se adaptam à sua expressão pessoal. (p. 13)

Entendo assim, seguindo esta linha de pensamento, que a Expressão Plástica e a criatividade existem como duas realidades que se complementam, aliás, que se concretizam uma na outra. À luz do que já foi anteriormente referido, esta expressão tem capacidade de potenciar o desenvolvimento sensorial e cognitivo da criança, enquanto amplia o seu conhecimento no que diz respeito à arte. Acrescentam ainda, Barrocal, Caja e Ramos, que esta área, da Expressão Plástica, tem competências potenciadoras das próximas capacidades: “1. Capacidades percetivas – relacionadas com a educação dos sentidos para «captar, identificar, classificar e interpretar el entorno que nos rodea» que ajudarão a criança a valorizar o sentido estético e o gosto pela arte; 2. Capacidades manipulativas e procedimentais – relacionadas com a manipulação de materiais e a utilização de técnicas; 3. Capacidades criativas – relacionadas com a comunicação, criação e expressão apelando à criatividade e à sensibilidade da criança” (citados por Oliveira, 2007, p. 66). Segundo Sousa (2003b),

as técnicas e o material utilizado estão estreitamente associados ao desenvolvimento emocional, sentimental e cognitivo da criança. À medida que as suas experiências se enriquecem, ela vai tendo uma cada vez maior necessidade de variedade de técnicas e de materiais para se expressar convenientemente. (p. 183)

Desta forma, sendo que decidi priorizar as técnicas mais exploradas ao longo da prática, não obstante a vasta panóplia que a Expressão Plástica oferece, serão contempladas de seguida a pintura, o desenho, o recorte, a modelagem, a colagem e tecelagem.

De acordo com Sousa (2003b), “A pintura é uma forma de arte em que o artista concebe a decoração de uma superfície com pigmentos coloridos e com o auxílio de processos técnicos diversos” (p. 225). A pintura permite ao indivíduo extrapolar a criatividade e imaginação, sendo cada pintura única e diferente da próxima, já que carrega em si o cunho pessoal de cada um. Já Gonçalves (1991) defende que “a espontaneidade da pintura infantil manifesta-se antes da aquisição de uma técnica, ou, por outras palavras, conduz à necessidade de descobrir a técnica, que melhor se adapta ao desenvolvimento desse tipo de expressão imediata”, sendo assim essencial para o progresso artístico da criança (p. 39). Mais uma vez, o educador/professor deve privilegiar as oportunidades dadas à criança para exprimir sentimentos, atentar se a criança sente prazer ao fazê-lo, em vez de tentar aferir se a criança pinta melhor ou pior.

Relativamente ao desenho, Sousa (2003b) argumenta que o desenho é das mais antigas formas de expressão conhecidas pelo Homem. Basta lembrarmo-nos da arte rupestre, o mais antigo registo conhecido, utilizado pelas primeiras civilizações humanas, vivendo em grupo. Assim como a pintura, o desenho tem o poder da imagem e até ao século XVI aparecia associado a outras técnicas como a escultura, a pintura ou arquitetura. Felizmente, ao longo dos tempos, o

desenho infantil foi sendo reconhecido pelo potencial que imprime no desenvolvimento do interesse das crianças, tendo ganho um lugar na Arte Infantil. Sousa (2003b) fundamenta que “A atitude dos adultos em relação ao desenho da criança também se foi modificando ao longo das épocas. Até ao século XVIII, a criança era considerada como um adulto em ponto pequeno, imperfeito, que só melhoraria quando chegasse à idade adulta” (p.193). Posteriormente, começa então a haver um maior entendimento sobre o desenho infantil e que eles são, na verdade, o espelho de sentimentos e pensamentos presentes em cada criança.

Através da expressão livre, a criança não só desenvolve a imaginação e a sensibilização, como também aprende a conhecer-se e a conhecer os outros, aceitando e respeitando a autenticidade de cada um ou o modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações. (Gonçalves, 1991, p. 12).

Passemos então à modelagem: “o acto de dar forma a qualquer matéria plástica, isto é, qualquer matéria que mantenha a forma que se lhe dá” (Sousa, 2003b, p. 225). Esta técnica possibilita a expressão e criação de formas recorrendo a materiais moldáveis. Por seu lado, Barbosa (2009) entende que a modelagem é

uma actividade que proporciona a livre expressão de pensamento, além de garantir um óptimo treino de coordenação motora, muscular e da coordenação visual, compreende alguns elementos visuais como a estrutura, a forma e o volume: desenvolve a noção de espaço e o jogo imaginativo (p. 28).

Finalmente as técnicas de recorte e colagem, que parece andarem sempre juntas, pois ambas são exploradas, na maior parte das vezes, quando se trabalha com papel. Segundo Sousa (2003b), “Os recortes são uma técnica extremamente simples, mas muito do agrado das crianças, podendo dar livre vazão às suas capacidades criativas, usando diferentes tipos de papel, de diferentes cores” (p. 283). De referir aqui que, para além da variedade de papéis, poderá ainda fazer-se o recorte simplesmente com as mãos (leva à técnica da rasgagem) ou utilizando a tesoura.

Utilizar uma tesoura pode parecer uma banalidade, aos olhos de um adulto, contudo é uma competência que necessita de treino quando nos referimos a faixas etárias inferiores (Morris, 2011, p. 62). Ainda de acordo com o autor, a prática de recorte tem vantagens para as crianças: fortalece os músculos da palma da mão; promove o desenvolvimento da coordenação mão-olho e ainda da coordenação bilateral.

Em relação à colagem, Gonçalves (1991) apresenta a seguinte definição: “a livre associação de imagens e de fragmentos de imagens, recortadas em jornais e revistas, permite conceber colagens, que exploram o humor e o insólito” (p. 28).

### 2.3. O papel do educador/professor

Pretende esta secção do trabalho, discorrer sobre qual o papel do educador/professor, considerando-o no contexto da Expressão Plástica. Como se sabe, o educador/professor tem ao seu dispor documentos norteadores quer do currículo, quer da sua prática pedagógica. No entanto, deve ser lembrado, que estes documentos de orientação curricular, sejam as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar ou a Organização Curricular e Programas 1º Ciclo, não se encerram em si próprios, pois devem ser flexíveis e abertos. Está nas mãos de cada educador/professor adequá-los à realidade de cada contexto, respeitando a comunidade, a escola e as crianças.

Estes documentos orientadores, cujos princípios se encontram articulados com objetivos gerais declarados em Leis da Constituição da República Portuguesa, buscam encaminhar práticas pedagógicas defensáveis em princípios pedagógicos éticos, com o objetivo de promover a participação ativa de todas as crianças. Sumariamente, a Expressão Plástica deverá adequar-se ao nível da capacidade de cada criança, assumindo para isso, o educador/professor, práticas de pedagogia diferenciada.

A Educação Pré-Escolar, segundo as OCEPE (Silva et al, 2016), é espaço de brincadeira, expressão, imaginação e criação. No entanto, somos chamados à atenção para o facto deste espaço poder ser, ao mesmo tempo, o primeiro contacto das crianças com o meio escolar bem como com os materiais de Expressão Plástica. Por isso, qualquer aprendizagem que a criança possa alcançar deve ser apreciada e incentivada pelo educador, promovendo assim a sua motivação e interesse tão necessários ao sucesso do seu percurso escolar.

No que concerne a valorização da Expressão Plástica, é indiscutível a importância do papel que desempenha o educador/professor. Neste sentido, há vários aspetos a ter em consideração que irão influenciar o desempenho da criança. Desde o cuidado que o educador/professor coloca na abordagem de uma temática, ao modo como uma atividade é apresentada, aos materiais selecionados e, sem dúvida, a forma como o educador/professor contempla, quer o processo de construção da atividade quer o resultado.

Cabe ao educador/professor facultar à criança, a liberdade de criação, para que o seu trabalho seja realizado de forma significativa, livre de associações representativas estereotipadas que podem comprometer a criatividade e imaginação da criança. Neste sentido, Gonçalves (1991), sustenta que

a criatividade desperta-se através do fazer, da experimentação constante. A criatividade apela para uma pedagogia não directiva, ou, pelo menos, flexível e aberta, que permita que seja a criança a descobrir o seu

modo de agir e de exprimir, bem como o material e a técnica que melhor se adaptam à sua expressão pessoal. (p. 13).

Em linhas gerais, o profissional de ensino deve ter um caráter mediador no processo de ensino-aprendizagem, estimulando e motivando o aluno, promovendo aprendizagens significativas, sendo capaz de aclarar e ajudar o desenvolvimento dos alunos. Como defende Alarcão (2003), “nos dias de hoje o professor deve desenvolver as seguintes competências: criar, estruturar e dinamizar situações de aprendizagem e estimular a aprendizagem e a auto-confiança, nas capacidades individuais para aprender” (p. 4). Que se encare o professor como um facilitador da aprendizagem, que cumpre uma pedagogia efetiva.

No entanto, é sabido que existem francas diferenças em termos de gestão curricular, sendo que um professor de 1º Ciclo do Ensino Básico tem menos liberdade que o educador de infância. Por isso, mesmo, a atitude do professor perante a Expressão Plástica, não deve ser menos carregada de entusiasmo do que a do educador. Se o desenho tem potencial indicador do nível de conhecimento ou do bem-estar emocional da criança, para os educadores, então o desenho não pode ser encarado como um recurso de passatempo no 1º CEB. Desta forma, segundo Zabalza (2001), o professor deve saber selecionar “um conjunto de actividades para um determinado grupo alvo, compostas por conteúdo e objectivos operacionalizados através de metodologias diversificadas que pressupõe consequências educativas” (p. 95).

Pelo reconhecido potencial que a área de Expressão Plástica tem no desenvolvimento da criança, verifiquemos um trabalho feito por Lowenfeld (1977, citado por Sousa, 2003b) que resume algumas orientações a educadores e professores, sobre o que devem fazer:

considerar a expressão plástica da criança como uma projecção da sua personalidade em formação; compreender que, enquanto trabalha, a criança está adquirindo experiências importantes para o seu desenvolvimento; estimular a criança nas suas relações com o ambiente; apreciar o esforço da criança, quando esta consegue expressar a sua própria experiência; compreender que as «proporções erradas» exprimem, frequentemente, uma experiência; compreender que as percepções da criança, a respeito da arte, são diferentes das dos adultos; apreciar os trabalhos artísticos da criança de acordo com os seus próprios méritos; colocar à disposição da criança um local apropriado, onde possa trabalhar; ensinar a criança a respeitar as manifestações de arte dos outros; encorajar o espírito de liberdade, que nasce da própria necessidade da criança se expressar por si mesma; criar um clima de tolerância, propício à espontaneidade expressivo-criativa; deixar que a criança desenvolva a sua própria técnica, através da experimentação. (pp. 182-183)

Lowenfeld (ibidem, p. 182) enumera, ainda, uma série de posturas e atitudes que os educadores/professores não devem adotar durante as actividades de Expressão Plástica. Aproveitemos então, por um lado, para nos confrontarmos com as nossas próprias noções e, por outro lado, para identificar a ocorrência destas posturas e atitudes no seio das escolas. Assim, “O que

não se deve fazer: «Corrigir» ou «ajudar» a criança no seu trabalho, procurando impor-lhe uma personalidade de adulto”, (no entanto, quantos trabalhos “perfeitinhos” têm mão de adulto?); “Considerar que o «produto final» do esforço infantil tenha alguma importância”, (existem ou não trabalhos refeitos pela criança, para ficarem mais bonitos?); “Entregar à criança cadernos para colorir ou modelos de desenhos que a tornariam insensível ao ambiente”, (porque se dá preferência ao colorir em vez do desenhar?); “Demonstrar apreço por tudo o que a criança faça indiscriminadamente”, (quantos “muito bem” disfarçam um “podes sentar-te?”); “Corrigir as proporções dos trabalhos”, (mas, distinguem-se desenhos feitos proporcionalmente?); “Esperar que as manifestações artísticas das crianças sejam sempre agradáveis aos olhos dos adultos”, (quantos mares são pintados de azul, só por vontade do educador/professor, sendo a água incolor?); “Preferir o trabalho de uma criança ao de outra”, (porque existem trabalhos que servem de moldes?); “Limitar a atividade infantil, deixando de dar à criança um local apropriado para trabalhar”, (existem ainda salas sem lavatório na bancada?); “Fazer comparações entre os resultados dos trabalhos das crianças”, (A, viste como ficou o de B?); “Apoiar concursos, exposições entre os resultados dos trabalhos das crianças”; (promoção de concurso de postais?); “Impor à criança padrões os adultos”, (facultar moldes?); “Pendurar o melhor trabalho”, (expor os mais bem feitos?); “Mostrar à criança “como se faz”, “como se desenha” ou “como se pinta””, (quantas prendas para os pais se distinguem entre elas?).

Depois de observar este contraponto, sendo que é uma área do meu particular interesse, e também porque considero uma importante parte do trabalho pedagógico, a existência de reflexão, coloco a questão, enquanto futura educadora/professora e aos presentes educadores/professores: estaremos a potenciar condições promotoras de aprendizagem colaborativa, que se sustentam na educação cívica e partindo do prazer lúdico, nos momentos da realização de atividades de Expressão Plástica?

Os meus votos são no sentido de que cada educador/professor, em cada contexto de ensino, valorize as Expressões Artísticas, nomeadamente a Expressão Plástica, contribuindo assim para a sua elevação ao nível das práticas científico-tecnológicas. Espero também, que cada educador/professor, abrace a dinamização de todas as atividades de Expressão Plástica, sem esquecer que as mesmas ocupam um lugar e um papel no processo de descoberta das crianças, tentando sempre privilegiar a linguagem artística de todas e cada uma, promovendo as suas aprendizagens e motivando-as às descobertas.

Posto isto, é relevante que o papel principal é desempenhado pelo educador/professor, já que recai sobre si a tomada de estratégias lúdico-pedagógicas para o ensino da Expressão Plástica, sendo também responsável por permitir que peso terá a área das Expressões Artísticas, no contributo para o processo de desenvolvimento global da criança.

### 3. Metodologia

Uma parte essencial no processo de investigação é, sem dúvida, a dimensão metodológica, já que é o meio de alcançar as respostas das questões orientadoras da pesquisa.

Para esta pesquisa, utilizou-se uma metodologia de carácter qualitativo, recorrendo à observação direta, à análise documental e à entrevista semiestruturada.

#### 3.1. A investigação qualitativa

“Os educadores de infância também se tornam investigadores, participantes dos seus próprios contextos educativos. Isto dá-lhes credibilidade e contribui para eliminar as barreiras que existem entre a investigação e a prática” (Pascal & Bertram, 1999, p. 7). Neste sentido, é necessário “que se cultive uma série de atitudes, como o rigor, a organização e a persistência, e se possua um conjunto de competências para planear, observar, analisar, verificar, (...)” (op cit., p. 41) e produzir conhecimento sobre os processos de ensinar e de aprender.

Esta forma de investigar que pode ser desenvolvida por um investigador ou por um educador/professor sobre a ação pedagógica desempenhada por si e com as suas crianças/alunos.

Recorreu-se, essencialmente, à observação direta, participante e sistemática, ao longo das Unidades Curriculares de PES, à observação documental dos registos fotográficos e das produções das crianças, a técnicas baseadas na conversação e à entrevista semiestruturada.

Nas palavras de Parente, a observação possibilita-nos “obter informações sobre os interesses e necessidades das crianças; (...) obter dados exactos, precisos e significativos, capazes de informar o professor ou educador sobre as necessárias modificações a implementar” (2002, p. 169).

Optou-se por recorrer a entrevistas semiestruturadas, de forma a obter a informação desejada, a partir dos próprios participantes. Segundo Bogdan e Biklen (1994),

em investigação qualitativa (...) a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo. (p. 134)

Este tipo de entrevista tem algumas vantagens como, por exemplo, a flexibilidade (ajustar, adicionar ou retirar perguntas), é mais direccionada ao tema central da entrevista e permite conhecer mais profundamente o entrevistado. Todavia, existem desvantagens associadas à entrevista semiestruturada, pois o facto de ser uma entrevista mais exigente, pois requer habilidade na sua condução, exige análise de conteúdo, pode estar sujeita à falta de motivação do entrevistado.

Segundo Abercrombie, Hill e Turner (1988, p. 50, citados por Bell, 2002),

a análise de conteúdo da comunicação implica a classificação de conteúdos de forma a salientar a sua estrutura básica. (...) Os investigadores criam um conjunto de categorias que expliquem as questões a estudar, classificando depois o conteúdo destas de acordo com as categorias previamente estabelecidas (p.97)

De acordo com Bardin (2003), “a categorização tem como primeiro objectivo (da mesma maneira que a análise documental), fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (p. 119). Neste sentido, organizaram-se as categorias de acordo com a sua relevância no âmbito do tema a pesquisar, para que estas não fossem “ambíguas” (Lima, 2006, p. 123). Para a realização e garantia de uma maior eficácia, efetuou-se um guião categorizado da entrevista (quadro nº 1), que inclui as categorias e subcategorias. De acordo com Bell (2002),

a vantagem de uma entrevista focalizada consiste no facto de se estabelecer previamente uma estrutura, simplificando assim grandemente a análise subsequente. Este ponto é importante para qualquer pesquisa, especialmente para estudos limitados por um prazo de tempo (p. 122).

A disposição dos blocos do quadro nº1, concorda com a ordem como serão apresentados e discutidos os dados, nos seguintes pontos do trabalho.

Este guião, por limitações de tempo, não foi testado previamente. As entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente, como poderemos consultar no anexo XXXIX.

#### **Quadro nº1- Guião da entrevista**

<b>Blocos</b>	<b>Perguntas</b>
<b>1. Formação e experiência profissional</b>	1.1.1. Qual o tempo de serviço? 1.1.2. Qual o tempo de formação? 1.1.3. Qual o tempo de docência no estabelecimento? 1.1.4. Quais as motivações para escolha da profissão?
	1.2.1. Qual a influência da formação inicial para a prática intencional da Expressão Plástica? 1.2.2. Qual a influência da formação contínua e autoformação para a prática intencional da Expressão Plástica?
<b>2. Importância da Expressão Plástica nas aprendizagens das crianças</b>	2.1.1. Qual a importância da Expressão Plástica no Jardim de Infância/1º ciclo? 2.1.2. Qual a importância dada ao domínio da Expressão Plástica no “currículo” da Educação Pré-escolar/1º ciclo?
<b>3. Papel do educador/professor nas atividades de Expressão Plástica</b>	3.1.1. Prepara atividades de Expressão Plástica antecipadamente? 3.1.2. Prevê de atividades de Expressão Plástica? 3.1.3. Qual o tempo dedicado aos momentos de expressão Plástica? 3.1.4. Quais os conteúdos, técnicas e recursos utilizados? 3.1.5. Quais os materiais: específicos e recicláveis? 3.1.6. Que estratégias de ação educativa na Área de Expressão Plástica? 3.1.7. Quais os critérios valorizados nas práticas em Expressão Plástica?
<b>4. Características potenciadoras de aprendizagens das crianças</b>	4.1.1. As atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?

A análise de conteúdo tenta compreender sentidos, bem como aprofundar os dados e elaborar conclusões. Foi a esta técnica que se recorreu para a análise das entrevistas. Para uma maior facilidade de análise, os Blocos do Guião de entrevista foram transformados em categorias (quadro nº 2- categorias de análise das entrevistas).

### **3.2. Contexto e participantes do estudo**

Foram entrevistadas quatro docentes, duas educadoras e duas professoras de 1º ciclo. As participantes nas entrevistas foram selecionadas aleatoriamente, de acordo com a sua disponibilidade em participar no estudo.

Todas as entrevistadas são docentes com muito tempo de serviço (anos de serviço: 36- educadora A; 27- educadora B; 38- professora A e 24- professora B) e se encontravam a lecionar no mesmo estabelecimento de ensino, que tinha duas valências (JI e 1º Ciclo), localizados na cidade de Torres Novas. Os seus diferentes percursos profissionais e formativos, vão permitir perceber se os mesmos condicionam as suas expectativas, práticas e representações em relação à Expressão Plástica, bem como se acreditam, ou não, que a esta área contribui para o desenvolvimento das crianças/alunos. De ressaltar que, em se tratando de uma pesquisa qualitativa, os resultados não são generalizáveis.

De forma a respeitar a identidade das participantes, segue-se o princípio da confidencialidade, assim serão identificadas pelas letras maiúsculas, a saber: professora A (PA), professora B (PB), educadora A (EA) e educadora B (EB).

### **3.3. Procedimentos para recolha de dados**

Foram considerados uma série de cuidados éticos, resultando na apresentação de um protocolo ético de participação (anexo XXXVII), onde constam os termos e condições para a execução das mesmas e ainda o pedido de autorização aos EE (anexo XXXVIII) para o registo e recolha de fotografias das crianças.

Desde o primeiro contacto com a entrevistada, foi-lhe indicado toda a gratidão pela colaboração na pesquisa, sendo que a sua contribuição significaria uma grande prestação à decorrente investigação.

As referidas entrevistas foram agendadas de acordo com disponibilidade e consensualmente entre entrevistador e entrevistada. A estagiária recorreu ao gravador de voz, como forma de registar o desenrolar da entrevista. Procedeu, depois, a uma séria e fiel transcrição das mesmas, não esquecendo o cuidado permanente com a pontuação, pois que “dar conta da pontuação que dá sentido àquilo que [se] ouviu” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 175).

#### 4. Apresentação e análise de resultados

##### 4.1. O que dizem educadores de infância e professores do 1º CEB

Chega o momento de apresentar os próximos pontos do trabalho e, também, de dar a conhecer alguns dos resultados da análise das entrevistas. Assim, os próximos pontos do documento seguem de acordo com cada categoria da entrevista.

Relativamente às entrevistas que foram aplicadas às docentes, foi realizada uma análise sobre as mesmas (quadro nº2).

**Quadro nº 2-** Análise de conteúdo das entrevistas

Categories	Subcategories		Respostas dos participantes	Participante
1- Formação e experiência profissional do educador (a) /professor (a)	1.1 Qual o percurso profissional do educador/professor	1.1.1 Tempo de serviço	Há 36 anos.	EA
			Há 27 anos.	EB
			Há 38 anos.	PA
			Sou professora há 24 anos, a caminhar para 25.	PB
		1.1.2. Tempo de conclusão do curso	Há 36 anos.	EA
			Há 27 anos também... foi em '91. Comecei logo a trabalhar.	EB
			Bem, eu tirei, eu já fiz com licenciatura, já fiz com o novo curso de 3 anos e já tinha licenciatura noutras áreas. <i>E- Não foi a sua primeira experiência?</i> Não foi a minha primeira. Foi a minha primeira em educação. Tirei tradutora intérprete de Inglês-Alemão, ainda passei num banco, depois fui para o magistério primário em Santarém. Foi, portanto, há 38 anos. (...)	PA
			Formei-me há 24 anos. Assim que terminei o curso, comecei logo a trabalhar. Fui logo contratada em setembro.	PB
		1.1.3. Tempo de serviço no estabelecimento de ensino	Há 5 anos.	EA
			Nesta escola ah... deixe-me lá fazer contas. Vim para aqui em 2006, há 12 anos.	EB
			Aqui neste agrupamento estou para aí há 13,14 anos.	PA
			Nesta escola, estou aqui colocada por mobilidade por doença, há 3 anos. (...)	PB

			<p>Sempre gostei de imitar as minhas professoras. Quando era pequena, as minhas brincadeiras incidiam sempre em ser professora, quero dos meus primos mais novos quer das bonecas. Até fazia cadernetas, testes e dava notas. Sempre sonhei ser educadora ou professora. Adoro trabalhar com crianças</p>	<b>EA</b>
		<b>1.1.4. Razões que motivaram a escolha da profissão</b>	<p>Não foi a minha primeira opção, porque eu andava para Educação Física. Só que, entretanto, me lesionei e depois as coisas aconteceram. Não foi uma coisa que eu tivesse dito, olha vou estudar para isto, mas quando comecei a entrar no curso, pronto, deslumbrei-me claro! É mesmo isto que eu quero fazer e é realmente o que eu gosto de fazer. Não lhe vou dizer, ah quis ser educadora porque gosto mesmo de crianças, não. Não foi a minha primeira opção... a vida levou-me para isso, mas ainda bem. Acho que se calhar sou mais realizada do que se fosse professora de Educação Física.</p>	<b>EB</b>
			<p>Como eu já lhe disse, eu fui para o banco. Estive no banco 3 dias. Ao fim de 3 dias desisti, aquilo para mim não era forma de trabalhar. Não tinha criatividade, era só monotonia, para mim repare. Ahh... não gostei e vim-me embora. Entretanto casei, fiquei grávida, tudo num ano, fiz concurso ao magistério primário, que na altura já era com 3 anos. (...)</p>	<b>PA</b>
			<p>A vocação e o gosto. Sempre amei aquilo que faço, gosto muito. Desde pequenina, sempre disse gostava de ser professora, sempre gostei muito de brincar com livros e pronto, e foi. Trabalho mesmo por amor à camisola. Felizmente ainda trabalho assim.</p>	<b>PB</b>
	<b>1.2. O relevo da formação de educadores/professores para a prática de Expressão Plástica</b>			
		<b>1.2.1. Influência da formação inicial para a prática intencional da Expressão Plástica</b>	<p>Sim. A minha formação inicial contribuiu muito para que, ao longo da minha carreira, tenha dado grande importância à expressão plástica. A formação inicial deu grande ênfase a este domínio, contribuindo para que eu valorizasse a importância do mesmo no desenvolvimento das crianças. E, por sua vez, sei que vai interferir na aquisição das competências nas várias áreas ou domínios.</p>	<b>EA</b>
			<p>Claro que sim! E ainda bem que na minha formação inicial, na minha licenciatura em Educação de Infância, a expressão plástica estava lá. É evidente que, ao fim de 27 anos, as coisas têm outra visão, têm outra maneira e temos que estar atualizadas. E eu, é engraçado, porque tinha aqui e deitei fora, porque com o tempo as folhas foram colando... e eu fui ver e claro que havia coisas que, no nosso dia-a-dia não se fazem. Eu falo por mim. Há técnicas, algumas difíceis, não é? E a gente vai escorando, vai pondo de parte e realmente vai buscar aquilo que os grupos pedem e aquilo que melhor vai realizar e satisfazer as ideias das crianças e o melhor também para ti, como profissional. Olha eu preciso daquela</p>	<b>EB</b>

			técnica porque eu quero que a criança desenvolva determinada competência, e vamos vendo ao longo do tempo. É como tudo. Não é só na plástica, é como em todas as áreas, está sempre a sofrer alterações.	
			Eu tive, tive aquela área de expressão plástica. Na altura não era expressão plástica, aquilo tinha um desenvolvimento. Bem, eu sei que tinha qualquer coisa a ver com a estética, estética visual, era os modelos, mais os modelos. (...) Realmente houve uma coisa boa que tirei dali, acho que comecei a observar a parte estética das coisas, de tudo, pormenores. Essa parte, foi a parte que eu retirei. Agora, daqueles modelos, nada me ficou. Eu depois enveredei por um caminho, aliás, nos primeiros anos era muito explorar. (...)	<b>PA</b>
			Sim, foi. Porque eu, na altura até tirei o curso aqui na ESE (Torres Novas), e tínhamos mesmo a disciplina de expressão plástica, na qual tínhamos uma professora espetacular, onde construímos dossiers, elementos musicais, construímos <i>n</i> trabalhos e elaborei muitos materiais pedagógicos, desenvolvi metodologias de ensino.	<b>PB</b>
		<b>1.2.2. Necessidade de desenvolver as referidas competências após ter terminado o curso</b>	Não senti grande necessidade. No entanto, neste e noutros domínios, tento sempre alargar os meus conhecimentos, por forma a melhorar o meu desempenho, de forma a alcançar os meus objetivos.	<b>EA</b>
			É assim, quando a gente está no início da nossa carreira, é aquela e às vezes não consegues fazer tudo o que está ali. Mas, depois comesas a ver que há técnicas e há estratégias que realmente tu manténs ao longo do teu profissional, da tua prática pedagógica, e outras não valorizas porque ou são demasiado difíceis, ou são materiais caros. (...)	<b>EB</b>
			Sim, sim. Isso foi tudo fruto de muitas pesquisas, todos os dias. Não haja dúvida. (...) Por isso, há sempre necessidade de aprender mais. Eu nunca me sinto bem preparada, o problema é esse. Uma coisa é certa, eu acho que eles ao trabalharem a expressão plástica, com esta variante de serem eles a construir, eu acho que eles têm uma educação muito mais estética, porque eles experimentam várias coisas antes da conclusão. (...)	<b>PA</b>
			Então claro, sim. E fiz, fiz algumas formações, porque eu acho que é fundamental, ao nível da nossa carreira, aprofundarmos mais conhecimentos. Até porque vão desenvolvendo outras técnicas e acho que nós, ao tirarmos as formações, aprendemos, partilhamos com quem lá está e temos depois outro modo de ensinar, por isso, acho que é muito bom.	<b>PB</b>

		2.1.1. Importância da Expressão Plástica no Jardim de infância/1º ciclo	As atividades de expressão plásticas são de extrema importância em todas as idades, pois servem de ponte para as crianças exprimirem livremente as suas ideias, sentimentos, emoções, vivências, experiências, por vezes difíceis de se exprimirem pela linguagem verbal. E ainda estimulam a criatividade, a comunicação, contribuem para o aumento da concentração e são também fatores do desenvolvimento motor, afetivo, social e desenvolvimento da escrita.	<b>EA</b>
			É assim, nós somos um nível de ensino que aprimoramos pela expressão plástica, as artes visuais, toda esta parte das expressões ser o nosso foco, não é? É através delas que nós conseguimos chegar a outros conteúdos e outras aprendizagens. É extremamente importante e necessário.	<b>EB</b>
			Para mim, são muito importantes. Eu vou-lhe já dizer que, principalmente no 1º ano. Nós temos que trabalhar, o 1º ano tem muito a ver com memória visual. Só para perceber, eu ensinava-os a escrever e ler frases curtas através da representação em símbolos, que eles próprios construía e teriam que dar um... teriam que construir por exemplo... só para imaginar: um quadrado significa mãe, o triângulo significa pai, então eles diziam, o pai (e punham lá o triângulo) foi ao futebol (futebol era um círculo). Está a ver? Tudo tinha a ver com simbologia. Eles próprios reconheciam que a palavra estava lá, não estava escrita, eles ainda não sabiam escrever, mas eles conseguiam depois desenhá-la, porque eles desenhavam muito bem os símbolos. Basicamente é isso.	<b>PA</b>
			Em primeiro lugar é muito importante para o desenvolvimento da destreza manual dos alunos, da motricidade fina, além de que, através das artes, eles poderão expressar muitos sentimentos e emoções. Através dos desenhos eles falam connosco. Acho que é de extrema importância no currículo.  E- Acha que devia ter uma carga maior? É assim, já tivemos. Já tivemos 5 horas, agora estamos com 2 horas no horário. Porque temos oferta complementar, apoio ao estudo.	<b>PB</b>
		2.1.2. Importância dada ao domínio de Expressão Plástica no currículo da	No jardim de infância é dada muita importância ao domínio da expressão plástica, pois favorece o desenvolvimento de competências que contribuem para o desenvolvimento global da criança. O educador fomenta a criatividade, a imaginação, guiando as crianças nas suas descobertas e abrindo caminho à experimentação de novas possibilidades e potencialidades que a expressão plástica	<b>EA</b>

			oferece que, por sua vez, favorece o interesse e a motivação das crianças face a novas aprendizagens.	
			Pois, nós temos as orientações e elas realmente apontam para que, as nossas orientações, o nosso “currículo”, se abranja todas as áreas, porque todas são importantes. Mas nós, no pré-escolar, penso eu, na minha ideia, a parte da plástica, das expressões, é quase o arranque para quase tudo, para mim. (...) É fundamental, é base quase. Porque tu trabalhas a matemática na expressão plástica, tu trabalhas a linguagem e a abordagem à escrita, na expressão plástica. Tudo passa pela plástica. A plástica acaba por ser a ferramenta que pode... Não pode, concretiza os projetos e as ideias das crianças. (...) Nós queremos desenvolver outras coisas e que a crianças também desenvolva e a expressão plástica é um mundo que nós temos ao nosso dispor e que nos facilita muito a nossa forma de trabalhar.	<b>EB</b>
			É de muita importância, mas nem sempre funciona dessa forma. Isto não é novidade que eu lhe estou a dar. Ah, há muito, no 1º ciclo há muito “Eu faço para os meninos” e não há, há pouco, os meninos constroem, realizam, mexem, criam, todas aquelas fases até à conclusão. Não. Normalmente, os professores levam as coisas já pré iniciadas e os meninos concluem. Ficam trabalhos muito mais giros, claro, mas não têm nada, de criatividade não têm nada nem de cunho próprio. Portanto, têm aquilo que a professora lhes quis dar, apenas. (...) Mas por exemplo, nesse trabalho, foi-lhes dado o molde de uma castanha para eles recortarem, eles recortaram. Depois eu apresentei várias propostas para fazerem a cara, com vários modelos. Fizemos o rir, o estar triste, o estar contente, o formato dos olhos, desenvolver com eles o formato dos olhos, da boca e tudo, mas não queira saber o resultado que saiu. (...) Fiz expressões de olhos, expressões de boca e depois daquela trabalhadeira toda, saíram a maior parte dos rapazes com barbas. (...)	<b>PA</b>
			Esta disciplina é, para já, uma disciplina que está integrada nas expressões artísticas, que engloba a expressão plástica, a físico-motora e a dramática. Para mim, é trabalhada e avaliada tal e qual como outra disciplina do currículo. Dou-lhe a mesma importância e gosto muito que eles trabalhem, desenvolvem muito a expressão plástica.	<b>PB</b>
<b>3. Papel do educa-</b>	<b>3.1. Organi-</b>	<b>3.1.1. Pre-</b>	Preparo sempre antecipadamente o meu trabalho em todas as áreas ou domínios. Invisto muito tempo em pesquisas neste domínio e planifico com as crianças o que vamos fazer, articulando com outras áreas do saber.	<b>EA</b>

			<p>Preparo, mas tenho uma coisa comigo que... tenho sempre espaço para o novo, para o improvisado e temos todos de ter esse momento. Porque tu podes levar assim: aí amanhã vou fazer, imagina, agora estou a olhar para ali, vamos fazer o puzzle da pera! Queria fazer o puzzle da pera, mas tenho ali três coisas diferentes: meninos de 6 anos e 5 têm mais peças e os meninos de 3 têm menos peças. E tu tens de levar material preparado para o teu grupo, não é? Imagina que a criança te diz assim: "Ai, eu não quero fazer assim, eu quero fazer desta maneira; Oh A. e se fizermos com aqueles materiais?" Por isso, nós temos de ter sempre uma brecha para o improvisado, aliás, é principal (...)</p>	<b>EB</b>
			<p>Claro. Nós temos de ter sempre as aulas preparadas, se não tivermos como é que é? Eles não vão desenhar, isso não é expressão plástica. (...)</p>	<b>PA</b>
			<p>Exatamente, é tudo planificado.</p>	<b>PB</b>
		<b>3.1.2. Previsão de atividades de Expressão Plástica</b>	<p>Todos os dias! A expressão plástica é um auxiliar técnico-pedagógico do processo ensino-aprendizagem e grande parte das crianças tem preferência por este domínio, daí todos os dias trabalharmos.</p>	<b>EA</b>
			<p>Sempre, sempre! E às vezes também pode acontecer, e se calhar acho que já aconteceu, tu às vezes não teres nada pronto, ah...queres... jogos, porque eu também trabalho muito a parte de expressão corporal, como tudo, dá para trabalhar tudo. E às vezes não tens uma atividade de expressão e o grupo: "A., hoje ainda não fizemos na mesa; o que é que vamos fazer hoje?" (...) Uma coisa que eu faço sempre: planeio e vejo. Tenho estes materiais, preciso destes materiais, mas às vezes não se consegue tudo, não é? Improvisas com o quê? E, às vezes, ainda fica melhor.</p>	<b>EB</b>
			<p>Sim.</p>	<b>PA</b>
			<p>Sim. Normalmente é uma hora. Por exemplo, a expressão plástica é uma das disciplinas que surge muito quando eu trabalho na oferta complementar, acontece trabalhar a expressão plástica logo juntamente. E pronto, é assim, muitas vezes trabalho com ela transversalmente, nas disciplinas todas.</p>	<b>PB</b>
		<b>3.1.3. Duração média de uma atividade de Expressão Plástica</b>	<p>Depende da motivação e envolvimento das crianças. E, como as crianças podem não estar todas a realizar a mesma atividade ao mesmo tempo, acontece que uma criança pode estar envolvida um tempo, por exemplo na modelagem, e outra criança pode passar dessa atividade para outra, caso assim o pretenda. Se não estiver motivada pode estar menos tempo... é flexível.</p>	<b>EA</b>

		<p>Hum, não sei contabilizar... É assim, o tempo de durar a tarefa. E claro, há crianças, lá está, temos de ir ao encontro do ritmo da criança. Há crianças que são rápidas e fazem bem, outras que são mais lentas. Mas também depende das idades. Há crianças que são autónomas e fazem sozinhas até ao fim, outras precisam de ajuda. Por isso, não te vou dizer o tempo, mas é o tempo de conclusão da tarefa.</p>	<b>EB</b>
		<p>Ai, eu faço batotice na matriz curricular. Nós temos 5 horas para as expressões todas incluídas: a dramática, a musical, expressão não sei quê, parapapa... então é assim, quando é expressão plástica procuro que seja sempre cerca de 1h30, porque menos que isso não vale a pena, não dá. Não dá e é assim, há que ter muita preparação para isso, depois há que começar a desenvolver a atividade e a atividade não é fácil. Porque eles também são muito imaturos, precisam sempre de muito apoio e estão sempre a pedir ajuda. Como são muitos, não é fácil. Por isso, menos de 1h30 não dá.</p>	<b>PA</b>
		<p>É assim, há 3 anos, quando eu aqui entrei, nós temos aqui uma colega mesmo formada em expressão plástica aqui a trabalhar. E a A. trabalhava comigo, então nós tínhamos mesmo, nós trabalhamos imenso os pintores, artistas, que as crianças desenvolveram, pesquisaram, trabalharam. Fizeram obras, coisas muito engraçadas. É pá, e eu também aprendi muito com ela e tento também fazer pelo menos uma hora têm. E às vezes, há expressões plásticas, sei lá, que a gente estamos aqui 2 horas a trabalhar.</p>	<b>PB</b>
	<p><b>3.1.4. Área de exploração que costuma ser abordada na sala de atividades</b></p>	<p>Desenho livre ou baseado numa temática ou história. Pintura de expressão livre ou orientada, por exemplo a pintura coletiva, por exemplo a pintura do Pai Natal que está lá fora. "Vamos fazer um Pai Natal?" ou pode ser livre, cada um faz o que quer. Modelagem, dobragem (menos nestas idades), mas às vezes faço uma para eles, por exemplo...ah... faço a vela de um moinho e eles fazem o moinho... ah... rasgagem, recorte e colagem, reciclagem. Utilizamos materiais recicláveis para construir determinadas coisas, estampagem, digitinta, pintura com rolas, pintura com as mãos. Tudo um pouco, é de tudo.</p>	<b>EA</b>
		<p>Várias técnicas... desenho livre gosto muito. Desenho, desenho de tudo. Seja da figura humana, seja de qualquer coisa que se tenha falado. Porque é muito importante a criança conseguir reproduzir o que vivencia. (...) É o desenho, gosto muito do recorte, da rasgagem, do recorte livre. Às vezes dou isto, linhas curvas e eles vão</p>	<b>EB</b>

		<p>recortando, ah, tento ter sempre o material adequado, para os direitos e para os esquerdos. Rasgagem também faço, gosto muito e colagem. Gosto muito da técnica do mosaico. Digitinta faço, mas gosto muito da massa de moldar, gosto muito de fazer. Geralmente costumo ter um dia, à sexta-feira, faço e levam no fim-de-semana a massa para casa. (...) Valorizo muito o desenho livre, a pintura, pintar. Tenho uma técnica, por exemplo ali, eles têm o marcador e os lápis de cor e têm os lápis de cera. Geralmente os lápis de cera até começo com os mais novinhos a pintar com os lápis de cera.(...)</p>	
		<p>Olhe é assim, eu gosto muito da modelagem. Acho que é um trabalho que tem muita criatividade. Eu este ano é o primeiro aqui, mas pertenço ao agrupamento há alguns anos, e numa escola aqui perto, nós fazemos muita modelagem, principalmente nesta altura do Natal. Ahh, pronto, a modelagem utilizo, lá está, temos de ser nós a comprar, ou seja, somos nós que temos de despende desse dinheiro para comprar aquela massa branca ou o barro. Eu gosto mais da branca, não suja tanto. E faço, pronto, faço umas três vezes por ano. Não é assim muito, muito devido a essas causas. Isso também tem consequências.</p>	<b>PA</b>
		<p>Olha, por exemplo gosto muito de trabalhar com a técnica do papelinho rasgado, acho que ficam trabalhos muito bonitos e ao mesmo tempo estão a trabalhar a destreza, a motricidade, a coordenação. Utilizo as tintas, o sopro, o pontilhismo, a rasgagem, o recorte, a colagem. Eu utilizo muito e eu sempre gostei de expressão plástica. Se olhares assim um bocadinho para a sala percebes. Eu gosto assim muito do outono, trabalhar com as mãos deles, ali estão. Acho que estas coisas são sempre boas para eles.</p>	<b>PB</b>
	<b>3.1.5. Tipo de materiais costuma utilizar nas atividades de Expressão Plástica</b>	<p>Utilizo muito materiais reutilizáveis. Eles trazem rolas, eles trazem rolos de papel higiénico, caixas... aproveitamos tudo! (...) Além dos materiais reutilizáveis, das folhas, rolos de papel, tudo isso, folhas secas, utilizamos tintas, lápis de cera, de cor, marcadores, esponjas, pincéis, massa, barro, plasticina, tesouras, colas, rolas, lixas, giz, papel de cenário. Imensa coisa.</p>	<b>EA</b>
		<p>Pronto, eu não me limito, aliás eu apaixono-me mais por trabalhos que têm como base outros materiais. O cartão, as embalagens do leite... temos uma forma de trabalhar que nos permite explorar muita coisa e sermos flexíveis e irmos de encontro aos projetos das crianças. (...) Agora se tiveres cartão, folhas coloridas, tintas diferentes, pincéis diferentes. Porque se a criança não tiver material diferenciado, como é que vai criar? Se a criança quer fazer e pintar de outra cor, porque é que hei-de dizer que não se a criança quer</p>	<b>EB</b>

			fazer doutra maneira? E porque é que não pode fazer? (...) Outra: no ano passado fiz bonecos de neve com sal fino, duraram o ano inteiro. Leva é muito sal fino.	
			É uma pena não haver disponibilidade em vários materiais, mas nós não temos. Na Pré já é diferente. Nós só temos cartolinas, lápis de cor e pouco mais que isso. Revistas temos de trazer, colas temos de comprar ou eles trazem. Utilizo muito também os materiais recicláveis.	<b>PA</b>
			Papel de lustro, cartolina, lápis de cera, marcadores, tintas, diversos e muitos.	<b>PB</b>
		<b>3.1.6. Critérios que devem ser atendidos na formulação das estratégias de ação educativa no domínio da Expressão Plástica</b>	Primeiro a educadora deve estar ciente das necessidades individuais de cada criança, para adequar mais facilmente a sua prática, de forma a favorecer aprendizagens significativas e diferenciadas. Estar atenta e conhecer bem o grupo, de forma a motivá-lo para a expressão plástica. Também deve ter uma atitude pedagógica não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades. A educadora pode transmitir sugestões diversas, apontando alternativas de estilo e fazer a criança sentir que o produto final é digno de apreço. É importante que a criança sinta que aquilo que fez é importante, foi o que ela conseguiu. A educadora não deve propor atividades direcionadas, mas sim facilitadoras em que os conteúdos e os objetivos sejam alcançados utilizando metodologias diversas e proporcionando às crianças momentos lúdicos, envolventes ao gosto da criança. É fundamental não obrigar. Por exemplo, há crianças que até nem gostam de pintar com a mão, não podemos obrigá-las, mas tentar motivá-las “Experimenta lá que é tão bom, vais ver que gostas”, porque elas a primeira vez podem não querer, mas da segunda ou da terceira vêm o trabalho dos outros e também querem fazer. “Eu ainda não fiz”, aqui na minha turma usam muito este termo “Eu ainda não fiz”.	<b>EA</b>
			O grupo, as ideias e os projetos do grupo, as necessidades, as idades, se é uma atividade de exterior ou de interior. Temos de pensar, por exemplo, queres fazer uma atividade e o que queres conseguir com essa atividade, qual a área que queres ver retratada. Tens de ter tudo em conta e também os materiais para poderes pôr em prática a ideia.	<b>EB</b>
			Considerar sempre o objetivo. Neste caso, da Maria Castanha, o objetivo não era propriamente a expressão facial, o objetivo era saber enrolar uma folha em canudo. Não imagina a luta. O objetivo principal era esse, não era a parte da expressão facial. A parte da	<b>PA</b>

			<p>face, foram orientados também e aqui também. Dei logo os quadrados, de cores diferentes, dei as instruções e exemplifiquei como fazer um canudo a partir dali. No fundo era treinar a motricidade fina e de um quadrado, fazer um cone. Eles tiveram muita dificuldade e por isso estiveram a fazer a atividade individualmente, porque todos precisaram de ajuda no manipular, transformar e chegar a.</p>	
			<p>Eu primo muito pela envolvimento e participação dos alunos e também o apelar à imaginação deles, à criatividade deles. Coisas não muito impostas. Porque acho que é partir daí, da participação e envolvimento deles, que surgem outros trabalhos. E depois é o que te tinha dito, a transversalidade entre as diferentes áreas disciplinares. Trabalho muito a expressão plástica nesse termo.</p>	<b>PB</b>
		<p><b>3.1.7. Critérios que costuma ter na planificação, desenvolvimento e avaliação das atividades de Expressão Plástica</b></p>	<p>Eu tento planificar de forma sistemática, integrada e aberta aos conhecimentos fundamentais que estão na base deste domínio. Proporcionar às crianças a participação ativa no processo criativo, sensibilizar para a arte. As atividades devem ser motivadoras e ao mesmo tempo devem permitir que o educador possa compreender o desenvolvimento global e a evolução da criança e do grupo. Os trabalhos realizados devem permitir uma retrospectiva do processo de evolução das crianças e do grupo. Simultaneamente, também poder transmitir aos pais e à comunidade o trabalho que fizeram. A expressão plástica desenvolve nas crianças as capacidades necessárias para interagir como meio cultural que nos circunda.</p>	<b>EA</b>
			<p>(...) Por exemplo, o que nós fizemos pelo S. Martinho e o magusto. Tem aqui as atividades que eles fizeram e eles preenchem: o como fizemos? O que fizemos? Tem aqui as várias coisas, a história do castanho, como se faz o castanho, a lenda do S. Martinho, a Maria Castanha, o ratinho, a máscara do rato a partir da forma da castanha, a adivinha da castanha, a lenga-lenga. E eles agora o que vão fazer? Se gostaram, vão pôr uma carinha verde, se não gostaram põem uma carinha vermelha. Depois também temos o jornal do 1º período, com tudo contextualizado.</p>	<b>EB</b>
			<p>Os critérios de avaliação são tidos em conta o tempo que... estes como já são crescidos não é, tinha preparado 3 horas para esta atividade, 3 horas. Já sabemos que há meninos que tivemos que ajudar. Para já, é o tempo que demora a realizar, depois há passos no meio da, por exemplo, vamos imaginar, ser capaz de transformar o quadrado em cone, ser capaz de iniciar o processo, mas não</p>	<b>PA</b>

			<p>concluiu. E depois ver se conseguiam fazer o mesmo em quadrados de vários tamanhos. Eles com o quadrado grande precisaram de ajuda, mas no pequeno ainda mais.</p>	
			<p>A adequação da atividade à turma, as necessidades dos alunos. Que tenho alunos, uns que têm mais aptidão para uma coisa, outros para outra e tenho isso em atenção. Não quer dizer que um aluno que recorte muito mal, não saiba pintar muito bem. As avaliações estão de acordo com os níveis estabelecidos. Há critérios e eles são avaliados de acordo com isso: com as atitudes, com os valores, com os domínios, tendo em conta os seus conhecimentos e as suas capacidades.</p>	<b>PB</b>
	<b>4.1. Potencialidades das atividades de Expressão Plástica</b>	<b>4.1.1. As atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas das outras áreas do saber</b>	<p>Através da expressão plástica a criança adquire uma habilidade mental maior e uma capacidade de criar também maior originando consequentemente um crescimento a vários níveis. Assim como o estímulo para ter iniciativa perante diferentes situações e uma maior facilidade de comunicar com o mundo. Por sua vez, a expressão plástica desenvolve competências transversais às várias áreas e a crianças pode descobrir-se a si própria e ao mundo que a rodeia.</p>	<b>EA</b>
<p>Claro, claro, claro. Por exemplo, queres trabalhar a matemática, o sentido do número. Posso por o grafema e agora quero que a criança me ponha bolas, quadrados ou pintas, ou recortes pedaços de papel de acordo com a quantidade. Por exemplo, sei lá. Com a música: ouvir sons e deixar o teu braço desenhar ao som do que está a ouvir. Outro exemplo: desenhar o som do que está a ouvir (imagina que ouves o som de um rato, então desenhas o rato), os mais velhos desenham, os mais novos podem rodear a imagem do rato. Por exemplo, vamos fazer a dramatização da poesia da fruta. Então vamos fazer as imagens, fazer os fantoches. Tudo, tudo se liga à expressão plástica. É um complemento essencial das tuas atividades e potencia aprendizagens significativas.</p>			<b>EB</b>	
<p>Ahh, têm! Sabe porquê? Por causa da memória visual. A memória visual é um campo que pouca gente explora. o contacto físico, o elaborar, o imaginar, a criatividade... isso está ligado a n coisas. Ou seja, o incutir a responsabilidade, as regras. Isso depois passa por tudo, pela matemática (preciso de não sei quantas peças), mas pronto, isso tudo depois envolve um pensamento e um raciocínio que vai para outro campo. Portanto a memória visual e o campo estético: o estarem a ver se um campo está bem contornado, mesmo o pintar. Eles chegam aqui sem técnicas de pintura. Adoro ensinar técnicas de pintura, com café, com n coisas. Eles adoram</p>			<b>PA</b>	

			<p>fazer a técnica do café, é tipo aguarela. Depois, lá está, a parte da estética também é muito importante. O visual... eles nunca esquecem aquilo que fazem. E isto envolve uma série de conhecimentos. Por exemplo, só para perceber: há casos que temos de utilizar moldes ou réguas, para verem que saíram fora do traço, o que está correto, o que está feio, o que está mal... O civismo, a cidadania, a matemática, olhe partia para todas. E se eu lhe disser que é das áreas que gosto menos? O que eu mais gosto de dar é matemática.</p> <p><i>E- Se nós, quando estamos a trabalhar os sólidos geométricos, juntarmos a expressão plástica e os colocarmos a construir...</i></p> <p>É muito fácil fazer isso com plasticina... não imagina como eles descobriram os vértices, as faces, as arestas. As noções básicas da matemática, foi através da construção dos sólidos. Eles aprenderam muito mais facilmente, mexendo. Essa parte é ótima.</p>	
			<p>Através das ações e experiências sistemáticas, desenvolve-se no aluno a curiosidade, a imaginação, o prazer pela investigação. Ao mesmo tempo, proporciona-lhes a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento de competências e os processos cooperativos. O facto de trabalharem muito a pares também é favorável e proporcionado pela disciplina.</p>	<p><b>PB</b></p>

#### 4.1.1. Formação e experiência profissional

Pode dizer-se que as quatro participantes – EA, EB, PA e PB- provêm de duas gerações de formação distintas (36, 27, 38 e 24 anos de serviço e formação, respetivamente).

Quanto às motivações que levaram à escolha da profissão, no que diz respeito às respostas das educadoras, EA refere, de facto, o “gosto” e a certeza de que queria ter essa profissão desde criança, por outro lado, EB tinha, inicialmente, desejo de enveredar pela Educação Física, sendo que uma condição de saúde impediu de ir para essa área. Isso levou EB, depois, à Educação de Infância. Podemos perceber isso mesmo nos seguintes testemunhos.

Sempre gostei de imitar as minhas professoras. Quando era pequena, as minhas brincadeiras incidiam sempre em ser professora, quero dos meus primos mais novos quer das bonecas. Até fazia cadernetas, testes e dava notas. Sempre sonhei ser educadora ou professora. Adoro trabalhar com crianças (EA).

Não foi uma coisa que eu tivesse dito, olha vou estudar para isto, mas quando comecei a entrar no curso, pronto, deslumbrei-me claro! É mesmo isto que eu quero fazer e é realmente o que eu gosto de fazer. Não lhe vou dizer, ah quis ser educadora porque gosto mesmo de crianças, não. Não foi a minha primeira opção... a vida levou-me para isso, mas ainda bem. Acho que se calhar sou mais realizada do que se fosse professora de Educação Física (EB).

No que diz respeito às professoras de 1º ciclo (PA e PB), o padrão repete-se, ou seja, o PA revela que não foi a sua primeira opção, enquanto PB admite o clássico “gosto e vocação” pela área da educação. Atentemos aos testemunhos:

(...) Estive no banco 3 dias. Ao fim de 3 dias desisti, aquilo para mim não era forma de trabalhar. Não tinha criatividade, era só monotonia, para mim repare. (...) Entretanto casei, fiquei grávida, tudo num ano, fiz concurso ao magistério primário, que na altura já era com 3 anos (...) (PA).

A vocação e o gosto. Sempre ameii aquilo que faço, gosto muito. Desde pequenina, sempre disse gostava de ser professora, sempre gostei muito de brincar com livros e pronto, e foi. Trabalho mesmo por amor à camisola. Felizmente ainda trabalho assim (PB).

Pretende-se ainda, nesta categoria, perceber qual a influência que a formação inicial, a formação contínua e a autoformação para a prática propositada da Expressão Plástica.

Desta forma, em relação à formação inicial, três dos quatro inquiridos admitem que, na sua formação inicial, tiveram a possibilidade de construir bases que permitiram explorar e abordar a Expressão Plástica no início de carreira. Podemos verificar, de acordo com o testemunho de

PA, que a sua formação inicial não foi o suficiente para a armar com ferramentas que permitissem explorar a expressão com eficácia:

Realmente houve uma coisa boa que tirei dali, acho que comecei a observar a parte estética das coisas, de tudo, pormenores. Essa parte, foi a parte que eu retirei. Agora, daqueles modelos, nada me ficou (PA).

Relativamente às restantes entrevistadas, todas declararam que foi de extrema importância, a formação inicial, pois, como diz EA, "... contribuiu muito para que, ao longo da minha carreira, tenha dado grande importância à Expressão Plástica", ou ainda, de acordo com PB, na disciplina de Expressão Plástica tenham desenvolvido muitos trabalhos significativos, como "dossiers, elementos musicais,..., materiais pedagógicos", desenvolvendo também "metodologias de ensino".

No entanto, se formos agora observar a importância dada à formação contínua, todas as inquiridas afirmam que esta foi muito necessária. Não só pelo carácter reformador, como pela inovação e descoberta que vem associado a uma formação que se faça posteriormente. Apenas uma das docentes, EA, enuncia que não foi tanto pela necessidade, mas antes pela aquisição de novos conhecimentos, de forma a, empregando as suas palavras, "...melhorar o meu desempenho, de forma a alcançar os meus objetivos".

Vejamos os testemunhos de PA e PB a este respeito:

Por isso, há sempre necessidade de aprender mais. Eu nunca me sinto bem preparada, o problema é esse (PA).

Então claro, sim. E fiz, fiz algumas formações, porque eu acho que é fundamental, ao nível da nossa carreira, aprofundarmos mais conhecimentos. Até porque vão desenvolvendo outras técnicas e acho que nós, ao tirarmos as formações, aprendemos, partilhamos com quem lá está e temos depois outro modo de ensinar, por isso, acho que é muito bom (PB).

Após as leituras dos vários depoimentos, pode afirmar-se que, a totalidade das inquiridas reconhece a importância de uma atualização do conhecimento, de forma a conseguir responder às necessidades das crianças/alunos e a promover diversas e enriquecedoras maneiras de explorar a Expressão Plástica.

Para além da formação contínua, a autoformação, surge como modalidade essencial na aquisição de novas competências para a prática intencional da Expressão Plástica. As pesquisas na *Internet* ou em livros específicos, ainda a partilha e o trabalho com outros colegas, são algumas das formas de como a autoformação se concretiza. Como diz PA, "... foi tudo fruto de muitas pesquisas".

Podemos então concordar que, seja em que área de conhecimento for, ou seja em que profissão que o indivíduo tenha, este tem de sentir-se atualizado, surgindo a necessidade de atualizações, reformações e de desenvolvimento de novas aprendizagens.

Alegadamente, as entrevistadas, parecem genuinamente dedicadas à apreciação da área da Expressão Plástica. Apesar disso, no seguinte ponto, tentaremos perscrutar de que forma esta dedicação se traduz na prática educativa.

#### **4.1.2. Importância da Expressão Plástica nas aprendizagens das crianças**

Além das características profissionais, as educadoras/professoras foram também questionadas acerca das suas opiniões sobre a Expressão Plástica, mais concretamente sobre o interesse/importância que lhe é admitida a nível curricular.

Das várias entrevistadas, é unânime a opinião em relação aos benefícios inerentes à exploração da Expressão Plástica, assim como ao carácter interdisciplinar que esta expressão pode ter. Verifiquem-se os excertos:

As atividades de expressão plásticas são de extrema importância em todas as idades, pois servem de ponte para as crianças exprimirem livremente as suas ideias, sentimentos, emoções, vivências, experiências, por vezes difíceis de se exprimirem pela linguagem verbal (...) (EA).

(...) É através delas que nós conseguimos chegar a outros conteúdos e outras aprendizagens. É extremamente importante e necessário (EB).

Para mim, são muito importantes. Eu vou-lhe já dizer que, principalmente no 1º ano. Nós temos de trabalhar, o 1º ano tem muito a ver com memória visual. Só para perceber, eu ensinava-os a escrever e ler frases curtas através da representação em símbolos, que eles próprios construíam e teriam de dar um... teriam que construir por exemplo (...) (PA).

Em primeiro lugar é muito importante para o desenvolvimento da destreza manual dos alunos, da motricidade fina, além de que, através das artes, eles poderão expressar muitos sentimentos e emoções (...) (PB).

Os testemunhos, quer das educadoras quer das professoras, validam, mais uma vez, a importância que a Expressão Plástica tem no ensino e na abordagem das diferentes áreas temáticas, sendo ainda uma ferramenta potenciadora do desenvolvimento das capacidades motoras finas, da sensibilidade estética, da imaginação e criatividade.

Do mesmo modo, todas as inquiridas sustentam a mesma opinião, ressaltando a importância desta expressão no currículo, considerando-a um veículo para aprofundar conhecimentos, concedendo-lhe, assim, uma função facilitadora de aprendizagens. Apesar desta concordância, uma das entrevistadas (PA), deixa adivinhar que, no 1º ciclo, esta expressão não é tão valorizada.

Assim, podemos perceber que há dois lados: de um lado, as educadoras de infância e uma das professoras (PB), que acreditam na valorização que é dada à Expressão Plástica, noutro lado, uma das professoras (PA) que sente que esta expressão não recebe a importância necessária. Vejamos o excerto dos testemunhos de uma educadora e de uma professora:

No jardim de infância é dada muita importância ao domínio da expressão plástica, pois favorece o desenvolvimento de competências que contribuem para o desenvolvimento global da criança (EA).

É de muita importância, mas nem sempre funciona dessa forma. Isto não é novidade que eu lhe estou a dar. Ah, há muito, no 1º ciclo há muito “Eu faço para os meninos” e não há, há pouco, os meninos constroem, realizam, mexem, criam, todas aquelas fases até à conclusão (PA).

Geralmente, as opiniões acerca das vantagens do recurso e uso da Expressão Plástica, quando emitidas pelas educadoras, têm um carácter mais dirigido às potencialidades de desenvolvimento criativo, imaginativo, da motricidade fina das crianças, bem como sendo uma ferramenta que “favorece o interesse e motivação (...) face a novas aprendizagens” (EA). Enquanto que as professoras inquiridas, assumem/encaram a mesma, de forma mais comedida, mais estante, pois “está integrada nas expressões artísticas, que engloba a expressão plástica, a físico-motora e a dramática” (PB).

Parece que, no 1º CEB, a Expressão Plástica é trabalhada de forma mais dirigida a momentos específicos, como a construção de postais de Natal, prenda do Dia da Mãe, desenhos sobre uma temática ou a construção de um cartaz, não tirando o partido ideal desta expressão, enquanto condutor de atividades interdisciplinares e globalizantes.

Normalmente, os professores levam as coisas já pré iniciadas e os meninos concluem. Ficam trabalhos muito mais giros, claro, mas não têm nada, de criatividade não têm nada nem de cunho próprio. Portanto, têm aquilo que a professora lhes quis dar, apenas (PA).

#### **4.1.3. Papel do educador/professor nas atividades de Expressão Plástica**

Quando questionadas em relação à preparação dos momentos/aulas, de forma unânime, as entrevistadas mencionam que sim. Essa preparação antecede os momentos das atividades, pode partir de uma planificação mais global e, posteriormente, uma planificação mais específica. Esta deve considerar o que se vai fazer com as crianças, de que forma se articula com outras áreas do saber, de acordo com EA. No entanto, segundo EB não devemos esquecer que a planificação deve ser, também, aberta e flexível, contemplando assim as necessidades das crianças e dando espaço ao imprevisto e criatividade. Ora, vejamos o seu testemunho:

Preparo, mas tenho uma coisa comigo que... tenho sempre espaço para o novo, para o improvisado e temos todos de ter esse momento ... Imagina que a criança te diz: "Ai eu não quero fazer assim, quero fazer desta maneira". Por isso, nós temos de ter sempre uma brecha para o improvisado, aliás, é principal (EB).

Nestas planificações, estão previstos, de acordo com os depoimentos das entrevistadas, momentos de Expressão Plástica. Contudo, nota-se aqui um distanciamento grande entre o Pré-Escolar e o 1º CEB, no que se refere ao tempo dedicado às atividades. Podemos notar, nos seguintes excertos, essa realidade:

Todos os dias! A expressão plástica é um auxiliar técnico-pedagógico do processo ensino-aprendizagem e grande parte das crianças tem preferência por este domínio, daí todos os dias trabalharmos (EA).

Sempre, sempre! (...) Às vezes, surgem ideias no momento, e tu tens os materiais. Uma coisa que eu faço sempre: planeio e vejo. Tenho estes materiais, preciso destes materiais, mas às vezes não se consegue tudo, não é? Improvisas com o quê? E, às vezes, ainda fica melhor (EB).

Sim (PA).

Sim. Normalmente é uma hora. Por exemplo, a expressão plástica é uma das disciplinas que surge muito quando eu trabalho na oferta complementar, acontece trabalhar a expressão plástica logo juntamente. E pronto, é assim, muitas vezes trabalho com ela transversalmente, nas disciplinas todas (PB).

Igualmente, no que se refere à duração média de uma atividade de Expressão Plástica, conseguimos perceber uma certa consensualidade entre as entrevistadas. Isto é, todas referem que uma atividade não tem um tempo definido. Este tipo de atividade é sujeito a diversas variáveis, como por exemplo a "motivação e envolvimento das crianças" (EA), "o ritmo da criança" (EB). Já, PA defende que as atividades devem, no mínimo durar 1h30. Segundo o seu testemunho:

(...) então é assim, quando é expressão plástica procuro que seja sempre cerca de 1h30, porque menos que isso não vale a pena, não dá. Não dá e é assim, há que ter muita preparação para isso, depois há que começar a desenvolver a atividade e a atividade não é fácil. Porque eles também são muito imaturos, precisam sempre de muito apoio e estão sempre a pedir ajuda (PA).

A relatividade do tempo de duração de uma atividade de Expressão Plástica, é unanimemente assumida pelas quatro entrevistadas, sendo que, se encontra sujeita a diversas condicionantes, que só no desenrolar da própria atividade se apresentam. Desta forma, a ação do docente ajusta-se às necessidades do grupo/turma no momento, o que pode significar o prolongar de uma

atividade para outro dia, a troca de tarefa, de forma de execução. Vejamos o que dizem as docentes a este respeito:

(...) E, como as crianças podem não estar todas a realizar a mesma atividade ao mesmo tempo, acontece que uma criança pode estar envolvida um tempo, por exemplo na modelagem, e outra criança pode passar dessa atividade para outra, caso assim o pretenda. Se não estiver motivada pode estar menos tempo... é flexível (EA).

Há crianças que são autónomas e fazem sozinhas até ao fim, outras precisam de ajuda. Por isso, não te vou dizer o tempo, mas é o tempo de conclusão da tarefa (EB).

(...) E a A. trabalhava comigo, então nós tínhamos mesmo, nós trabalhámos imenso os pintores, artistas, que as crianças desenvolveram, pesquisaram, trabalharam. Fizeram obras, coisas muito engraçadas. É pá, e eu também aprendi muito com ela e tento também fazer pelo menos uma hora têm. E às vezes, há expressões plásticas, sei lá, que a gente estamos aqui 2 horas a trabalhar (PB).

Relativamente às técnicas, conteúdos e recursos expressivos que as entrevistadas privilegiavam, três dos quatro inquiridos mencionam um leque variado de opções (EA, EB e PB), nos momentos de Expressão Plástica previstas. Desde a colagem, recorte, desenho livre ou orientado, digitinta, estampagem, pintura, modelagem ou a reciclagem de materiais são as técnicas mais recorrentes na concretização destas atividades, de acordo com os entrevistados.

Somente PA, enumera unicamente a modelagem, ao mesmo tempo refere que o material tem de ser comprado por si, deixando antever um dos entraves à exploração da Expressão Plástica. Nas suas palavras, "... lá está, temos de ser nós a comprar, ou seja, somos nós que temos de despender desse dinheiro para comprar a massa branca ou o barro". Isto remete, por um lado, para a disponibilidade de verbas disponíveis, cada vez mais reduzida. Por sua vez, isto vem limitar o ensino de qualidade, incapaz de oferecer uma experiência diversificada. Portanto, a similaridade nas atividades, nos diferentes contextos de ensino.

Uma forma de combater o parco orçamento, passa pela forma como o educador/professor reage a esta questão, tentando motivar e cativar as crianças com os recursos que lhes são disponibilizados, ou tentando formas de angariar mais recursos.

O que nos leva ao próximo ponto, igualmente importante, que diz respeito à manipulação e experimentação de materiais, formas, texturas e cores diversas, que possam permitir à criança a liberdade de expressar a realidade do seu meio envolvente, na forma como esta a interpreta.

No que diz respeito ao Pré-Escolar, os testemunhos de EA e EB esclarecem:

Utilizo muito materiais reutilizáveis. Eles trazem rolinhos, eles trazem rolos de papel higiênico, caixas... aproveitamos tudo! Tanto podem fazer aqui nesta mesa, que é o cantinho do recorte e da colagem, como também podem fazer em grande grupo, como podem fazer ali, depende. (...) Além dos materiais reutilizáveis, das folhas, rolos de papel, tudo isso, folhas secas, utilizamos tintas, lápis de cera, de cor, marcadores, esponjas, pincéis, massa, barro, plasticina, tesouras, colas, rolinhos, lixas, giz, papel de cenário. Imensa coisa (EA).

Pensar... ok querem fazer. "Vamos fazer com o quê? Como podemos fazer?" Levar as crianças a esse caminho e mostrar materiais diferentes. Porque se a criança não os vir, não se vai lembrar. Agora se tiveres cartão, folhas coloridas, tintas diferentes, pincéis diferentes. Porque se a criança não tiver material diferenciado, como é que vai criar? Se a criança quer fazer e pintar de outra cor, porque é que hei-de dizer que não se a criança quer fazer doutra maneira? E porque é que não pode fazer? Temos de dar espaço e liberdade, senão estamos a castrar as crianças (EB).

O testemunho de PA remete, mais uma vez, para a questão da falta de recursos/materiais:

É uma pena não haver disponibilidade em vários materiais, mas nós não temos. Na Pré já é diferente. Só temos cartolinas, lápis de cor e pouco mais que isso. Revistas temos de trazer, colas temos de comprar ou eles trazem. Utilizo muito também os materiais recicláveis (PA).

Por outro lado, já o testemunho da outra docente de 1º ciclo (PB), que leciona no mesmo estabelecimento de ensino, revela que os recursos a que tem acesso são vários, e também, como se pode verificar no seu testemunho integral (anexo XXXIX- Transcrição integral das entrevistas de EA, EB, PA e PB), as técnicas que utiliza na sua turma, são variadas:

Papel de lustro, cartolina, lápis de cera, marcadores, tintas, diversos e muitos (PB).

#### **4.1.4. As características da Expressão Plástica potenciadoras de aprendizagens**

Na categoria seguinte, as entrevistadas foram convidadas a falar do recurso à Expressão Plástica, enquanto instrumento lúdico-pedagógico de outras áreas do saber. Vejamos o depoimento das entrevistadas:

Através da expressão plástica a criança adquire uma habilidade mental maior e uma capacidade de criar também maior originando conseqüentemente um crescimento a vários níveis. Assim como o estímulo para ter iniciativa perante diferentes situações e uma maior facilidade de comunicar com o mundo. Por sua vez, a expressão plástica desenvolve competências transversais às várias áreas e a criança pode descobrir-se a si própria e ao mundo que a rodeia (EA).

... Por exemplo, vamos fazer a dramatização da poesia da fruta. Então vamos fazer as imagens, fazer os fantoches. Tudo, tudo se liga à expressão plástica. É um complemento essencial das tuas atividades e potencia aprendizagens significativas (EB).

O que eu mais gosto de dar é matemática.

*E- Se nós, quando estamos a trabalhar os sólidos geométricos, juntarmos a expressão plástica e os colocarmos a construir...*

É muito fácil fazer isso com plasticina... não imagina como eles descobriram os vértices, as faces, as arestas. As noções básicas da matemática, foi através da construção dos sólidos. Eles aprenderam muito mais facilmente, mexendo. Essa parte é ótima (PA).

Através das ações e experiências sistemáticas, desenvolve-se no aluno a curiosidade, a imaginação, o prazer pela investigação. Ao mesmo tempo, proporciona-lhes a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento de competências e os processos cooperativos. O facto de trabalharem muito a pares também é favorável e proporcionado pela disciplina (PB).

Ao mesmo tempo, quando a criança/aluno tem a possibilidade de se exprimir livremente, está a ser ela própria, a exercer a sua individualidade. Isto estimula o desenvolvimento da sua autoconfiança e responsabilidade.

No decorrer deste processo, desempenham um papel essencial as estratégias adotadas pelo educador/professor para a sua prática educativa na Área da Expressão Plástica. As participantes, quando questionadas acerca desta temática, deram testemunhos variados, mas na sua globalidade unânimes no que diz respeito ao uso de alguns critérios. Só PA focou unicamente ter em consideração o objetivo da atividade. As restantes três participantes enumeraram: adequar as atividades às necessidades e/ou dificuldades (individuais e de grupo), a motivar e envolver as crianças/alunos. Vejamos os seguintes testemunhos referentes a este tópico:

Primeiro a educadora deve estar ciente das necessidades individuais de cada criança, para adequar mais facilmente a sua prática, de forma a favorecer aprendizagens significativas e diferenciadas. Estar atenta e conhecer bem o grupo, de forma a motivá-lo para a expressão plástica. Também deve ter uma atitude pedagógica não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades (...) (EA).

O grupo, as ideias e os projetos do grupo, as necessidades, as idades, se é uma atividade de exterior ou de interior. Temos de pensar, por exemplo, queres fazer uma atividade e o que queres conseguir com essa atividade, qual a área que queres ver retratada. Tens de ter tudo em conta e também os materiais para poderes pôr em prática a ideia (EB).

Considerar sempre o objetivo. Neste caso, da Maria Castanha, o objetivo não era propriamente a expressão facial, o objetivo era saber enrolar uma folha em canudo. (...) O objetivo principal era esse, não era a parte da expressão facial. (...) No fundo era treinar a motricidade fina e de um quadrado, fazer um cone (...) (PA).

Eu primo muito pela envolvimento e participação dos alunos e também o apelar à imaginação deles, à criatividade deles. (...) Porque acho que é partir daí, da participação e envolvimento deles, que surgem outros trabalhos. E depois é o que te tinha dito, a transversalidade entre as diferentes áreas disciplinares. Trabalho muito a expressão plástica nesse termo (PB).

Podemos, dos testemunhos das participantes, destacar a concordância que existe, no que diz respeito à importância de dar, às crianças/alunos, a liberdade durante a prática e realização de atividades de Expressão Plástica.

Contudo, ainda acontece muito hoje, verificamos que, por exemplo, as lembranças do dia da mãe/pai são todas muito similares entre elas. Isto pode significar que, a responsabilidade desta standardização recai sobre o adulto, mais do que na criança/aluno, como aliás, PA alerta no seu testemunho, que se cita:” (...) Normalmente, os professores levam as coisas já pré iniciadas e os meninos concluem. Ficam trabalhos muito mais giros, claro, mas não têm nada, de criatividade não têm nada nem de cunho próprio. Portanto, têm aquilo que a professora lhes quis dar, apenas. (...)”. Ora, deste modo, um dos pontos essenciais da Expressão Plástica, a criatividade, fica comprometida.

## **5. Reflexão final**

De acordo com os objetivos propostos nesta pesquisa, relativamente às perceções de um grupo de educadores/professores, chegou o momento de apresentar algumas considerações sobre os resultados alcançados.

Quando se tenta perceber se o tempo de serviço e a formação profissional, são, ou não, condicionantes das suas expectativas, práticas e representações no que diz respeito à Expressão Plástica, entende-se que não. Todas as entrevistadas destacam a importância da formação inicial e contínua, na aquisição e desenvolvimento de competências para o ensino da Expressão Plástica, apesar de PA, ter referido que a sua formação inicial não foi o suficiente para a deixar preparada na abordagem de conteúdos desta expressão. Contudo, é inegável o peso da autoformação, seja através de pesquisas na *internet*, em manuais específicos ou em colaboração com colegas de profissão. Sem dúvida que, a formação inicial tem um peso determinante no que diz respeito à aquisição de bases, mas é a formação contínua e a autoformação que aguça a tomada de consciência dos docentes.

Pode destacar-se que das participantes, as que apresentam mais aptidões e competências na Área da Expressão Plástica são EA, EB, ou seja, educadoras de infância, com 36 e 27 anos de carreira. Estas demonstram, pelas entrevistas, bastante conhecimento que se vê traduzido nas suas práticas educativas. Ainda assim, também PB, participante com menos tempo de serviço, parece revelar, apesar de modo diferente, uma relação positiva e de reconhecimento relativamente à área em estudo, procurando estabelecer com a Expressão Plástica uma relação mais ativa que PA.

Já se fez referência à diferença geracional entre as participantes, à diferença de formação e de experiências, mas em alguns pontos observados, essas diferenças esbatem-se. Particularmente, em relação à importância atribuída à Expressão Plástica. As participantes consideram significativo o impacto que esta tem no desenvolvimento das aprendizagens das crianças/alunos. Destacam, educadoras e professoras, que o recurso à Expressão Plástica tem a capacidade de permitir às crianças a expressão de sentimentos, emoções, ideias e experiências, enquanto potencia o desenvolvimento da criatividade, da memória visual, da destreza manual (motricidade fina), da sensibilidade estética e da imaginação. Já Stern (1970) defendia que, uma “educação criadora torna a criança mais segura de si, mais autoconfiante, mais forte, mais resistente a situações adversas, mais capazes de vencer os obstáculos que a sociedade diariamente lhe apresenta” (citado por Sousa, 2003b, p. 165).

Da análise dos resultados, conclui-se ainda que, na realização da planificação, no desenvolvimento e avaliação das atividades, a maioria das participantes revelou contemplar, como critério principal, a adequação das atividades às capacidades e/ou necessidades de cada criança, sem nunca se esquecer qual o objetivo da atividade planificada. Apesar de existir uma planificação, deve existir espaço para o imprevisto, assumindo a planificação um carácter flexível e aberto. Simultaneamente, a atividade em si não é isenta de sofrer alterações quanto à sua forma de execução ou quanto à sua duração, pois deve contemplar as necessidades, interesses e capacidades de cada criança. Logo, cada atividade tem o tempo de duração que seja necessário à sua conclusão, já que cada criança tem o seu ritmo.

Se em alguns pontos, educadoras e professoras têm práticas semelhantes, noutras existem divergências, como se nota quando questionadas à frequência com que recorrem à Expressão Plástica. As educadoras entrevistadas afirmaram trabalhar esta área diariamente, enquanto as professoras indicaram trabalhar de 1 a 2 horas por semana. É neste ponto que os dois níveis de ensino mais se distanciam, de acordo com os testemunhos das participantes. No 1º Ciclo, as atividades de Expressão Plásticas parecem ser realizadas em momentos pontuais, como o Natal, dia da mãe ou pai, na construção de algum cartaz alusivo a uma temática abordada, ou simplesmente como forma de explorar o conteúdo de um texto.

Como maior entrave ao desenvolvimento de atividades de Expressão Plástica, surgem os diminutos recursos financeiros disponibilizados para a aquisição de materiais diversos. De acordo com Sousa “nada há de mais desmotivante que trabalhar com material inadequado” (2003b, p. 186).

De forma a combater esta barreira, o reaproveitamento e recolha de material de desperdício (normalmente reutilizáveis), foi a solução encontrada para minimizar essa limitação, estimulando simultaneamente as crianças. Pois, se por um lado, as sensibiliza para o equilíbrio ecológico, dando a conhecer algumas formas de contribuição para a proteção do ambiente, por outro, se dá a possibilidade de criação de obras de arte, com recursos tão válidos como outros. Pois, “todo o material deverá ser considerado como um meio de satisfazer as necessidades da criança e nunca como um meio de dar um tipo especial de lição de arte” (ibidem, p. 186). Como aliás, referido por EA, mais importante que o produto final, é o processo que leva a esse produto.

Percebeu-se que, a Expressão Plástica, foi considerada por todas, como sendo uma Área de Conteúdo/Unidade Curricular carregada de competências e potencialidades, independentemente do peso que o dever de cumprimento do programa tem. Foi uma agradável surpresa perceber que, na realidade, a Escola de forma geral, e os professores de 1º CEB em particular, conferem valor às funções social e educativa que tem a Expressão Plástica.

Por fim, referir que as participantes legitimam o ensino da Expressão Plástica como uma área facilitadora da integração de diversas áreas de conteúdo, sendo que esta expressão tem, efetivamente, um tremendo potencial pedagógico, tanto na educação pré-escolar, como no ensino de 1º CEB.

## Considerações Finais

Neste ponto do trabalho, a estagiária procura refletir sobre os principais propósitos para a realização deste Relatório de Estágio, bem como sobre o percurso feito durante os dois anos do Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico. Ao longo deste trabalho, a estagiária tentou documentar, as experiências vividas ao longo dos quatro estágios. No entanto, há a consciência de que muito haveria ainda por explorar e tratar, de que não foram expostas todas as situações pedagógicas nem todos os sentimentos, emoções, surpresas e opiniões vividas pela estagiária.

Ao longo deste percurso, primou-se por uma prática que fosse ao encontro dos projetos pedagógicos e educativos de cada local de estágio, dirigindo e construindo atividades que contemplassem os objetivos estabelecidos. Com o decorrer do mestrado, pelo desenvolver de competências, pelo ganho de experiência e pela aquisição de novas aprendizagens, atingir esses objetivos, conseguir promover atividades mais enriquecedoras, foi-se tornando mais natural e sendo feito de forma mais confiante e segura.

Todo o trabalho realizado durante estes dois anos, foi simultaneamente um exercício de observação e reflexão e um exercício de preparação e estruturação da função de educadora/professora.

Durante o caminho, privilegiei a interdisciplinaridade, tentando fazer uma abordagem holística das aprendizagens, permitindo que se interliguem conhecimentos através duma perspetiva integradora. Outro ponto tido em conta pela estagiária durante os estágios, foi sem dúvida, aprender e respeitar o ritmo de cada criança, privilegiando a pedagogia diferenciada.

Naquilo que diz respeito à integração da estagiária, tanto nas comunidades escolar, como na relação com as famílias, foram marcadas pelo respeito e cordialidade, promovendo o melhor ambiente possível nos diversos momentos. Tive a possibilidade de participar em vários momentos, fossem visitas de estudo, projetos de celebração (como a participação no mural do dia da criança) ou ainda nos festejos do Natal.

Muitos se aprendeu com os estágios, mas o desenvolvimento profissional foi marcado, também, por todos as aprendizagens adquiridas durante a Licenciatura e Mestrado (aulas). O exercício reflexivo feito sobre a nossa prática, a consolidação de conhecimentos previamente adquiridos e a acumulação de experiência, potenciaram o desenvolvimento e crescimento pessoal e profissional da estagiária.

Apesar disso, as questões orientadoras foram respondidas, na perspetiva de educadores e professores, confirmando que o educador/professor desempenha um papel determinante no que diz respeito à forma de como se explora a área da Expressão Plástica, devendo assumir uma

postura proativa no combate aos poucos recursos que possam existir, proativa no desenvolvimento e realização de atividades interdisciplinares e integradoras, fomentando e tirando máximo proveito, das características potenciadoras de aprendizagens, desta expressão.

Foi possível perceber que, a formação inicial dos docentes participantes, não condicionou as expectativas e práticas na área da Expressão Plástica.

Ao mesmo tempo que se pôde desmistificar a ideia de que a Expressão Plástica existe para ocupar tempo, principalmente no que diz respeito ao 1º CEB, fica a preocupação que a extensão dos programas e a obrigatoriedade do seu cumprimento limitem e estanquem esta expressão a um plano secundário. Não é possível dissociar disto, o desânimo que sentem alguns professores seja por falta de recursos, seja pela tendência de dirigir esforços e energias às três grandes áreas (Português, Matemática e Estudo do Meio).

As limitações financeiras a que educadores e professores se encontram sujeitos, inviabiliza uma prática que vá ao encontro das indicações defendidas nos documentos que norteiam a docência. Enquanto isso, deve o educador/professor, evitar que as crianças sintam o efeito desse desequilíbrio, adotando uma postura criativa, tentando preencher essas lacunas recorrendo a práticas diversificadas e a materiais alternativos. O domínio da Expressão Plástica pode, efetivamente, ser uma solução viável para a construção de materiais didáticos enquanto promove o envolvimento das crianças, desenvolvendo “a criatividade, o prazer pela descoberta, o espírito crítico e a capacidade de intervir” (Gonçalves, 1991, p. 13).

Além das conclusões da pesquisa, é necessário agora considerar algumas das limitações da mesma. A estagiária tem noção de algumas fragilidades, como por exemplo, o reduzido número de participantes na entrevista, com a certeza de que o contributo das vozes das crianças, teria sido muito enriquecedor e teria permitido contemplar as perspectivas do lado das crianças.

Primeiramente, há a consciência de que a pesquisa não reúne o grupo de condições, necessárias à formulação de conclusões generalizáveis, mas simplesmente considerações sobre esta pesquisa.

Outro aspeto que limitou os estudos, foi o reduzido número de participantes nas entrevistas. Assim, teria alargado o número de participantes para o dobro, de diferentes estabelecimentos de ensino, de maneira a contribuir com contextos mais diversos, realidades de exercício profissional distintas.

Ainda, a pouca experiência no uso de metodologias investigativas, revelou ser uma grande dificuldade durante a execução deste projeto, tendo em conta a variedade de técnicas para fazer a recolha de dados e o grau de aprofundamento necessário às suas análises.

Em termos de reformulações neste processo, acrescentaria as vozes das crianças, que teriam sido uma vantagem se registadas em entrevistas. Teria permitido confrontar as suas opi-

niões, com as minhas representações e com as de educadores/professores. Ainda, teria valorizado e analisado os comportamentos de envolvimento de todas as crianças, nos momentos em que realizaram atividades em interação com a estagiária. Fica por explorar, num futuro trabalho de pesquisa, qual a posição das crianças e família em relação à educação pela Expressão Plástica e com a Expressão Plástica, ao ensino das artes e pela arte.

Perante todos os desafios e dificuldades, retirei oportunidades de crescimento e aprendizagem, e foram muitos durante o caminho. A insegurança do primeiro estágio, mais tarde o facto de estagiar sozinha, a mudança do pré-escolar para o 1º ciclo, foram várias as dificuldades sentidas. A cada passo dado, a certeza de que os erros são parte natural de quem é aprendiz-ensinante, e que, são esses mesmos erros, que permitem identificar as fragilidades e ultrapassá-las.

Em jeito de conclusão, a elaboração do presente trabalho contribuiu para a futura prática, enquanto educadora e professora do 1º CEB, no sentido em que consegui perceber a importância e a responsabilidade de desempenhar as funções de docente de forma reflexiva e dedicada.

## Referências Bibliográficas

Abrams, E. (2000). *Debater e Fazer Ciência: Elementos Importantes Numa Abordagem de Ensino Para a Compreensão*. In J. Mintzes, J. Wandersu & J. Novak, *Ensinando Ciência para a Compreensão*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.

Alarcão, I. (2001). *Professor-investigador: Que sentido? Que formação?* In P. B. Campos, *Formação Profissional de Professores no Ensino Superior (1)* (pp. 21-31). Porto: Porto Editora.

Alarcão, I. (2002). *Escola Reflexiva e Desenvolvimento Institucional: que novas funções supervi-sivas?* In J. Oliveira-Formosinho, *A supervisão na formação de professores I: da sala à escola* (pp. 212-238). Porto: Porto Editora.

Alarcão, I. (2003). *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. São Paulo: Cortez.

Alonso, L. (2002). *Para uma teoria compreensiva sobre integração curricular - O contributo do projecto "PROCUR". Investigação e Práticas - Revista do GEDEI (Grupo de Estudos para o Desenvolvimento da Educação de Infância)*, nº5, pp. 62-68

Alves, F. L. (1998) *O conceito de Educação Ambiental*. In C. Carrapeto (Coord). *Educação Ambiental*. Lisboa: Universidade Aberta.

Alves, S. (Ed.). (2000). *Qualidade da vinculação e o estatuto de risco no pré-escolar*. (Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Antão, J., (1997). *Comunicação na sala de aula*. Coleção: Cadernos Pedagógicos. Edições Asa.

Atalay, B. (2007). *A Matemática e a Mona Lisa: a confluência da arte com a ciência*. São Paulo: Mercury.

Bahia, S. (2008). *Constrangimentos à expressão artística: uma perspectiva desenvolvimentista*. In Bahia, S.

Barbosa, R. (2009). *A Importância da Expressão Plástica no Pré-Escolar. Estudo de caso no Jardim-de-Infância "Amor de Deus"*. UNI-CV-Praia: Universidade de Cabo Verde.

Barreira, A. & Moreira, M., (2004). *Pedagogia das competências – da teoria à prática*. Edições: Asa.

Bardin, L. (2003). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bell, J. (2002). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Cachapuz, A. (1995). *O ensino das Ciências para a excelência da aprendizagem*. Em A. D. Carvalho (Ed.), pp. 349-385, Porto: Porto Editora.

Capucha, L. (2008). *Planeamento e Avaliação de Projectos – Guião prático*. Lisboa: Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Cardona, M. J. (1997). *Para a história da educação de infância em Portugal. O discurso oficial (1834-1990)*. Porto: Porto Ed.

Castanho, M. (2005). *Ensino de Letras e Artes na Educação Superior e a Questão da Inovação Pedagógica*. Revista de Educação PUC– Campinas, pp. 19, 53-62.

Cohen, L., & Manion, L. (1994). *Research Methods in Education*. London: Routledge.

Coll, C., Marchesi, A. & Palacios, J. (2004). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação*. (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança - do 1 aos 5 anos*. (5ªed.). Lisboa: A Esfera dos Livros.

Condessa, I. (Org.) (2009). *(Re)Aprender a Brincar: Da Especificidade à Diversidade*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

Cortesão, L., & Stoer, S. (1997). *Investigação-acção e a produção de conhecimento no âmbito de uma formação de professores para a educação inter/multicultural*. Educação, Sociedade & Culturas.

Coutinho, C. (2005). *Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal - uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000)*. Braga: IEP- Universidade do Minho.

Faria, E. L. (2007). *O Estudo do Meio como fonte de Aprendizagem para o Ensino da História: Concepções de Professores do 1º C.E.B.* Universidade do Minho - Instituto de Educação e Psicologia. Minho: Universidade do Minho.

Feinstein, S. (2011). *A aprendizagem e o cérebro*. Coleção: Horizontes pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.

Font, C. (2007). *Estratégias de Ensino e Aprendizagens*. Porto: Edições Asa.

Formosinho, J. (2007). Prefácio. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância: construindo uma práxis de participação* (3ªed., pp. 9-12). Porto: Porto Editora.

Formosinho, J. & Vasconcelos, T. (1996). *Relatório Estratégico para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar*. Lisboa, Ministério da Educação.

Forneiro, L. (2005). *A Organização dos Espaços na Educação Infantil*. In: Zabalza, M. (Org.) *Qualidade em Educação Infantil*. São Paulo: Artmed.

Freire, P. (1989) *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Fróis, J. (2000). *Educação Estética e Artística*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gomes, M. H. J. (2001). *A Escola e a Diferenciação Pedagógica: Dois Estudos de Caso no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade Católica Portuguesa

Gomes, C. (2003). *Actividades de Natureza Investigativa no Ensino das Ciências no 1º Ciclo do Ensino Básico e na Formação de Professores*. In E. Medeiros, *Educação Científica no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Ponta Delgada: Amigos dos Açores.

Gomez, G. R.; Flores, J.; Jimenez, E. (1996). *Metodologia de la Investigacion Cualitativa*. Malaga: Ediciones Aljibe.

Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Amadora: Raiz Editora.

Haigh, A. (2010). *A arte de ensinar: grandes ideias, regras simples*. Academia do livro.

Hohmann, M., Banet, B., e Weikart, D. P. (1984). *A Criança em Acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M., Weikart, P. (2003). *Educar a Criança* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Hohmann, M., Weikart, P. (2011). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Laevers, F. (2010) *Avaliação em educação pré-escolar: sistema de acompanhamento das crianças*. Porto: Porto Editora.

Lima, J. (2006). Ética na Investigação. In J. Lima e J. Pacheco (orgs.) (2006). *Fazer Investigação. Contributo para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora.

Maslow, A. (1959). *Introdução à Psicologia do Ser*. Brazil: El dorado.

Mateus, M. D. (s.d.). *O Estudo do Meio como recurso e como conteúdo curricular: formas de abordagem e estratégias para a prática docente do 1º ciclo do ensino básico*. Coimbra: Cadernos de Geografia.

Mendonça, M. (2000). *A Educação de Infância. Traço de União entre a Teoria e a Prática*. (3ªed.) Colecção: Horizontes da didáctica. Porto: Edições Asa.

Ministério da Educação (s.d). *Organização Curricular e Programas do 1º Ciclo do Ensino Básico 4ª edição Expressões Artísticas e Físico-motoras*. Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico - 1º Ciclo* (4ª ed.). (D. d. Básica, Ed.) Lisboa.

Ministério da Educação e Ciência (2013). *Programa e Metas Curriculares de Matemática do Ensino Básico*. Ministério da Educação e Ciência.

Ministério da Educação (2015). *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.

Ministério da Educação (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE): Lisboa.

Morris, D. (2011). *O Desenvolvimento da criança: como pensa, aprende e cresce nos primeiros anos*. Lisboa: Edições Arteplural.

Neto, C. (2009). *A Importância do Brincar no Desenvolvimento da Criança: Uma Perspectiva Ecológica*. In Condessa (Org.). (Re)Aprender a brincar – Da especificidade à diversidade (p.19-35). Ponta Delgada: Nova Gráfica.

Oliveira, M. (2003). *A Expressão Plástica e Desenvolvimento Curricular: Implicações para a Formação*. Educare, Apprendere (pp. 1, 39-52).

Oliveira, M. (2007). *Investigação sobre a didática da expressão plástica na educação pré-escolar em Portugal*. Saber (e) Educar (pp. 12, 61-78).

Oliveira-Formosinho. (2007). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância – Construindo uma Práxis de Participação*. Porto: Porto Editora.

Oliveira-Formosinho, J. (2009). *Desenvolvimento Profissional de Professores*. In J. Oliveira-Formosinho, *Formação de Professores* (pp. 221-284). Porto: Porto-Editora.

Pacheco, J.; Paraskeva, J. & Silva, A. (Org.) (1998). *Reflexão e Inovação Curricular*. Braga: Universidade do Minho.

Pais, A. & Monteiro, M. (2002). *Avaliação – uma prática diária*. Lisboa. Editorial Presença.

Parente, C. (2002). *Observação: um percurso de formação, prática e reflexão*. In Oliveira-Formosinho, J. *A supervisão na formação de professores I – Da Sala à Escola*. Porto: Porto Editora.

Parente, C. (2004). *A construção de Práticas Alternativas na Pedagogia da Infância: Sete Jornadas de Aprendizagem*. Braga: Universidade do Minho.

Pascal, C. & Bertram, T. (1999). *Desenvolvendo a qualidade em parcerias. Nove estudos de caso*. Porto: Porto Editora.

Perrenoud, P. (2000) *Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Pinheiro, J., Ramos, L., (1998). *Métodos Pedagógicos*. Instituto do emprego e formação profissional.

Portugal, G. (1998). *Crianças Famílias e Creches - Uma Abordagem Ecológica da Adaptação do Bebê à Creche*. (7ªed.). Coleção Cidine. Porto: Porto Editora.

Portugal, G. (2000). *Educação de Bebés em Creche – Perspectivas de Formação Teóricas e Práticas*. *Infância e Educação*. Revista do GEDEI. Porto: Porto Editora, pp. 1, 85-106.

Post, J., & Hohmann, M. (2004). *Educação de Bebés em Infantários: Cuidados e Primeiras Aprendizagens* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Post J. & Hohmann, M. (2007). *Educação de bebés em Infantários: Cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de bebés em Infantários: Cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Prado, P. (2005). *A gente gosta é de brincar com os outros meninos: Relações sociais entre crianças num Jardim de Infância*. *Revista educação e Sociedade*. Campinas, 26 (91), 683-688.

Prud'homme, L. (2005). *La construction d'un îlot de rationalité 67utor du concept de différenciation pédagogique*. Journal of Canadian Association for Curriculum Studies

Roldão, M. (1995). *O Estudo do Meio no 1º Ciclo - Fundamentos e Estratégias*. Lisboa: Texto Editora.

Sim-sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Sim-Sim, I. (2009) *Linguagem e Comunicação. Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Editorial Ministério da Educação: Lisboa.

Sousa, A. (2003a). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. – 1.º Volume – Bases Psicopedagógicas –. Lisboa: Instituto de Piaget.

Sousa, A. (2003b). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. – 3.º Volume – Música e Artes Plásticas –. Lisboa: Instituto de Piaget.

Tomilson, C. A., (2004). *La classe différenciée*. Montréal: Chenelière,

Vários (1996). *Ensino Artístico*. Lisboa: Edições ASA.

Venâncio, I. & Otero, A. (2003). *Eficácia e Qualidade na Escola*. Portugal: Edições Asa.

Zabalza, M. (1994). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola. Teoria e Desenvolvimento Curricular - A escola como cenário de Operações Didáticas*. Porto: Edição ASA.

Zabalza, M. (2001), *Didáctica da Educação Infantil*. Lisboa: Asa Editores. Saber(e) Educar.

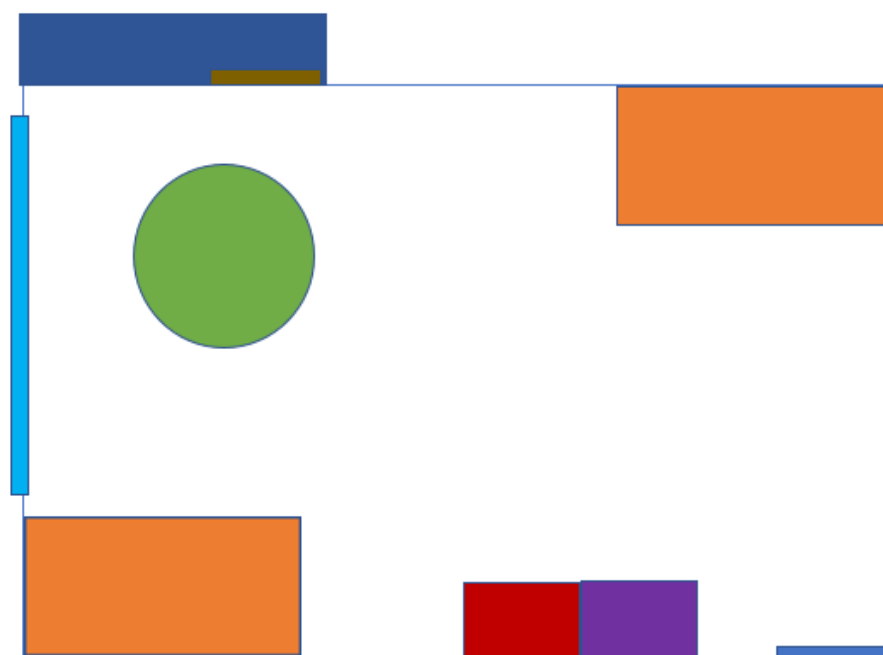
Zamboni, S. (2006). *A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência*. São Paulo: Autores Associados.

# Anexos

## Anexo I- Planta da IPSS



## Anexo II- Planta da sala



Porta entrada	
Porta dispensa	
Dispensa	
Tapetes	
Mesa redonda	
Banheira	
Fraldário	
Porta para polivalente	

Anexo III- Planificação 6/1/17

Sexta-feira, 6 de janeiro 2017			Livro Bolinha interativo	
Estagiária: Raquel Neves				
Momentos do dia	Objetivos <i>(verificar se a criança é capaz de...)</i>	Atividade/ Estratégia	Recursos	Avaliação
<b>Bom dia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Demonstrar atitudes de respeito para com os colegas (não empurrar, respeitar o espaço do colega...)</li> <li>○ Reconhecer o "eu" e o outro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Saem do acolhimento em comboio, enquanto se canta a música: o comboio dos amigos vai partir, vai, vai, quem se atrasa fica em casa e de lá não sai</li> <li>○ As crianças entram na sala e sentam-se no tapete</li> <li>○ Canta-se a música do bom dia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Estagiárias</li> <li>○ Educadora cooperante</li> <li>○ Auxiliar</li> <li>○ Livro interativo</li> <li>○ Cartolinas</li> <li>○ Tintas</li> <li>○ Feltro</li> <li>○ Cola</li> <li>○ Papel auto-colante</li> <li>○ Tesoura</li> <li>○ Argolas de arquivo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Fotografias</li> <li>○ Grelhas de avaliação</li> <li>○ Observação direta</li> </ul>
<b>Bolacha</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Ser responsável (dar bolacha aos amigos)</li> <li>○ Reconhecer regras de convivência (agradecer a bolacha)</li> <li>○ Identificar os amigos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ A estagiária pede a uma criança para dar a bolacha aos amigos e incentiva-os a agradecer quando a recebem</li> </ul>		
<b>Atividade Orientada</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Manipular as figuras do livro (colar e descolar)</li> <li>○ Pintar a capa do livro</li> <li>○ Reconhecer alguns animais e/ou características</li> <li>○ Interagir com adulto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Em pequenos grupos, a estagiária mostra o livro às crianças, que contêm personagens já conhecidas da história do Bolinha. As crianças exploram o livro e manipulam os animais, que podem ser retirados do "seu esconderijo" e colados noutra sítio. De seguida, uma a uma, ajudam a construir a capa para o livro, pintando a sua mão e carimbando ou usando uma folha seca, que decalam.</li> </ul>		
<b>Sesta</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Ser autónoma (dirigir-se à sua cama, tirar sapatos e deitar-se)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Acompanhar as crianças e aconchegá-las para dormir</li> </ul>		
<b>Higiene</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Ser autónoma (despir e vestir sozinha, arregaçar mangas, lavar e secar mãos)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Nos momentos de higiene, auxiliar as crianças na casa-de-banho, cantando enquanto se lava as mãos a música (lava, lava, lava, muito lavadinho, com as mãos as lavadas que rico cheirinho)</li> <li>○ De seguida, colocar os babetes para a refeição</li> </ul>		
<b>Refeições</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Ser autónoma (conseguir manipular o (s) talher (es), limpar as mãos)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Durante a refeição, incentivar as crianças a comerem sozinhas usando os talheres corretos</li> <li>○ Falar sobre os alimentos que compõem o prato (cor, sabor, nome...)</li> </ul>		

**Anexo IV-** Grelha avaliação 6/1/17

<b>A AVALIAR</b>	<b>TODAS</b>	<b>QUASE TODAS</b>	<b>ALGUMAS</b>	<b>NENHUMA</b>
Participaram na atividade			<b>x</b>	
Apresentam bem-estar		<b>x</b>		
Motricidade fina			<b>x</b>	
Curiosidade		<b>x</b>		
Apresenta envolvimento			<b>x</b>	
Explora e manipula os materiais			<b>x</b>	
Pintar a capa com decalque da mão		<b>x</b>		
Pintar a capa com decalque da folha seca			<b>x</b>	
Reconhecer animais da história		<b>x</b>		
<p><b>Observações:</b> Atividade realizada em grande grupo, no tapete, depois de a leitura de uma história. Consistia na manipulação de um livro, com personagens destacáveis. Fazendo o balanço desta atividade, reconsideraria, sendo que a faria em pequenos grupos (2 crianças), em vez de fazer com todo o grupo. Penso que o nível de envolvimento das crianças foi afetado pelo facto de estarem no tapete desde a bolacha/bom dia e leitura de uma história, no momento em que lhes apresentei o livro.</p>				

Anexo V- Planificação 19/1/17

Quinta-feira, 19 de janeiro 2017				Quadro sensorial
Estagiária: Raquel Neves				
Momentos do dia	Objetivos <i>(verificar se a criança é capaz de...)</i>	Atividade/ Estratégia	Recursos	Avaliação
<b>Bom dia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Demonstrar atitudes de respeito para com os colegas (não empurrar, respeitar o espaço do colega...)</li> <li>○ Reconhecer o “eu” e o outro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Saem do acolhimento em comboio, enquanto se canta a música: o comboio dos amigos vai partir, vai, vai, quem se atrasa fica em casa e de lá não sai</li> <li>○ As crianças entram na sala e sentam-se no tapete</li> <li>○ Canta-se a música do bom dia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Estagiárias</li> <li>○ Educadora cooperante</li> <li>○ Auxiliar</li> <li>○ Quadro sensorial previamente construído</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Fotografias de avaliação</li> <li>○ Observação direta</li> </ul>
<b>Bolacha</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Ser responsável (dar bolacha aos amigos)</li> <li>○ Reconhecer regras de convivência (agradecer a bolacha)</li> <li>○ Identificar os amigos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ A estagiária pede a uma criança para dar a bolacha aos amigos e incentiva-os a agradecer quando a recebem</li> </ul>		
<b>Atividade Orientada</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Manipular e explorar materiais diversos</li> <li>○ Revela curiosidade</li> <li>○ Desenvolver a motricidade fina (abrir e fechar fechos, colocar botões...)</li> <li>○ Adquirir novo vocabulário</li> <li>○ Conhecer formas e cores</li> <li>○ Experimentar diversas sensações (macio, rijo, frio...)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ A estagiária coloca uma música de fundo calma e meio mágica. De seguida, vai buscar um quadro que dispõe na mesa, para que todos consigam mexer. O quadro tem várias partes distintas, construídas com diferentes materiais e tem também bolsos que escondem som. Vamos interagindo com as crianças, incentivando à exploração do quadro, à manipulação de objetos e texturas diferentes.</li> </ul>		
<b>Sesta</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Ser autónoma (dirigir-se à sua cama, tirar sapatos e deitar-se)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Acompanhar as crianças e aconchegá-las para dormir</li> </ul>		
<b>Higiene</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Ser autónoma (despir e vestir sozinha, arregaçar mangas, lavar e secar mãos)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Nos momentos de higiene, auxiliar as crianças na casa-de-banho, cantando enquanto se lava as mãos a música (lava, lava, lava, muito lavadinho, com as mãos as lavadas que rico cheirinho)</li> <li>○ De seguida, colocar os babetes para a refeição</li> </ul>		
<b>Refeições</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Ser autónoma (conseguir manipular o (s) talher(es), limpar as mãos)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Durante a refeição, incentivar as crianças a comerem sozinhas usando os talheres corretos</li> <li>○ Falar sobre os alimentos que compõem o prato (cor, sabor, nome...)</li> </ul>		

**Anexo VI- Grelha de avaliação 19/1/17**

<b>A AVALIAR</b>	<b>TODAS</b>	<b>QUASE TODAS</b>	<b>ALGUMAS</b>	<b>NENHUMA</b>
Participaram na atividade		x		
Apresentam bem-estar	x			
Apresentam envolvimento na atividade	x			
Exploram os vários materiais	x			
Reconhecem cores			x	
Reconhecem diferentes formas			x	
Experimentam diferentes sensações		x		
Motricidade fina			x	
<p><b>Observações:</b> Depois de já terem percebido a existência de alguma novidade da sala, colocou-se uma música calma de fundo e dispôs-se o quadro em cima da mesa. Cheio de cores e texturas variadas, as crianças não demoraram a ocupar o espaço ao redor do quadro. Algumas crianças descobriam as bolas de algodão, outras as formas coloridas, outras sentiam as pedras frias e duras, outras testavam a sua destreza e abriam os fechos e abotoavam pétalas. Esta atividade, foi para mim, e penso que para as crianças também, que correu melhor no sentido do envolvimento das crianças das suas descobertas. Foi um material trabalhoso, mas muito compensatório e que fica já para o futuro profissional. Hoje faria algumas alterações na construção, já que todos os materiais expostos estão sujeitos à exploração manual, a resistência é condição essencial e dessa forma, em vez da cola quente, usaria linha e agulha para fixar alguns dos materiais.</p>				

## Anexo VII- Atitudes do educador no plano de rotina em creche

<b>Rotinas</b>	<b>Atitudes do educador</b>	<b>O que se espera das crianças</b>
<b>Acolhimento</b> 7h45-9h	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Acolher as crianças calorosamente</li> <li>-Promover o seu bem-estar e integração com colegas</li> <li>-Antecipar o reencontro com figura de vinculação</li> <li>-Promover a autonomia quando vão arrumar os brinquedos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Saber respeitar o outro</li> <li>-Interagir com os outros</li> <li>-Partilhar o espaço comum</li> </ul>
<b>Hora do conto/Le-gos/Jogos de en-caixe</b> 9h-9h30	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Promover um tempo de ajustamento, através da audição de uma música tranquila, que antecede a leitura do conto</li> <li>-Fazer a integração de crianças que vão chegando no momento</li> <li>-Promover a concentração e manipulação de diversos materiais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Conhecer/perceber regras (estar sentado, em silêncio, respeitar a vez do outro)</li> <li>-Capaz de ouvir a música e reagir a ela</li> <li>-Reconhecer amigos que chegam</li> <li>-Manipular peças de lego, jogos de encaixe ou livros</li> </ul>
<b>Bom dia e bolacha</b> 9h30-9h45	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Pedir cada dia a uma criança para dar a bolacha, promovendo o reconhecimento do outro</li> <li>-Introduzir novidades (instrumentos, balões, ervas de cheiro) no Bom dia</li> <li>-Aproveitar para conversar com o grande grupo</li> <li>-Respeitar a necessidade e o ritmo de cada um</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Identificar e reconhecer os amigos</li> <li>-Conhecer/perceber regras (estar sentado, em silêncio, respeitar a vez do outro...)</li> <li>-Conhecer e explorar o alimento (cheiro, sabor, cor e textura)</li> <li>-Interagir com colegas</li> <li>-Partilhar o espaço comum</li> </ul>
<b>Atividade Orientada</b> 9h45-10h15	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Realizar atividades incluídas no projeto e abrangentes às diferentes Áreas de Conteúdo</li> <li>-Promover aprendizagens ativas através da exploração de novas sensações e experiências</li> <li>-Reconhecer a criança no decorrer da atividade, estimulando e valorizando a sua participação</li> <li>-Participar à família as atividades realizadas</li> <li>-Ter estratégia facilitadoras, suscitando a curiosidade do grupo, para provocar o seu envolvimento na atividade</li> </ul>	<i>*Descrito nas Planificações</i>
<b>Brincadeira livre</b> 10h15-11h10	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Promover a brincadeira entre colegas</li> <li>-Interagir com as crianças em pequeno ou grande grupo/individualmente</li> <li>-Promover a sua autonomia</li> <li>-Explorar e respeitar as manifestações do jogo simbólico das crianças</li> <li>-Incentivar o ímpeto exploratório das crianças</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Interagir com o adulto e com colegas</li> <li>-Manipular objetos</li> <li>-Explorar o espaço</li> <li>-Experimentar coisas novas</li> </ul>
<b>Higiene (muda da fralda)</b> 11h10-11h40	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Fortalecer laços, através da interação próxima, para fortalecer a relação adulto-criança</li> <li>-Valorizar o momento para a criança, tornando-o numa oportunidade de afeto</li> <li>-Promover o desenvolvimento da linguagem através do reconhecimento das diversas partes do corpo, das peças de vestuário, produtos de higiene, das cores</li> <li>-Promover a sua autonomia nos hábitos de higiene (descolar a fralda, tirar sapatos, tirar a toalhita)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Interagir com o adulto</li> <li>-Adquirir novo vocabulário</li> <li>-Criar hábitos de hígienes</li> <li>-Conhecer o seu corpo</li> </ul>

<b>Almoço</b> 11h40-12h20	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Promover o desenvolvimento da sua autonomia, incentivando e ajudando na aquisição de competências no momento da refeição</li> <li>-Falar e mostrar à criança sobre os alimentos que compõem a sua refeição</li> <li>-Respeitar o tempo e necessidade de cada um, tornando o momento da refeição numa experiência agradável</li> <li>-Ajudar a definir a sua lateralidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Interagir com adultos e colegas</li> <li>-Conhecer e experimentar os alimentos</li> <li>-Conhecer regras (saber comer, estar sentado à mesa)</li> <li>-Desenvolver autonomia (comer sozinha)</li> <li>-Desenvolver motricidade fina (agarrar na colher)</li> </ul>
<b>Higiene (lavar a cara e as mãos)</b> 12h20-12h30	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Promover o desenvolvimento de hábitos de higiene</li> <li>-Facilitar o desenvolvimento da autonomia (tirar fralda, sentar, limpar, despejar autoclismo, arregaçar mangas, lavar mãos, secar)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Criar hábitos de higiene</li> <li>-Desenvolver a autonomia</li> <li>-Conhecer o corpo</li> </ul>
<b>Sesta</b> 12h30-15h	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Promover a autonomia nas crianças, encaminhando-as para a sua cama, onde se deitam depois de tirarem os sapatos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Desenvolver a sua autonomia (arrumar os seus sapatos)</li> <li>-Desenvolver a orientação espacial (reconhecer a sua cama)</li> <li>-Reconhecer objetos pessoais</li> </ul>
<b>Higiene (muda de fralda)</b> 15h-15h30	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Momento privilegiado para a interação adulto-criança</li> <li>-Momento privilegiado de afetos</li> <li>-Promover o desenvolvimento da linguagem oral</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Criar hábitos de higiene</li> <li>-Desenvolver a autonomia</li> <li>-Conhecer o corpo</li> </ul>
<b>Lanche</b> 15h30-16h15	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Promover a sua autonomia</li> <li>-Promover a linguagem oral</li> <li>-Falar sobre os alimentos da sua refeição</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Interagir com adultos e colegas</li> <li>-Conhecer e experimentar os alimentos</li> <li>-Conhecer regras (saber comer, estar sentado à mesa)</li> <li>-Desenvolver autonomia (comer sozinha)</li> <li>-Desenvolver motricidade fina (agarrar na colher)</li> </ul>
<b>Higiene (lavar a cara e as mãos)</b> 16h15-16h30	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Promover a sua autonomia</li> <li>-Facilitar a aquisição de hábitos de higiene</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Criar hábitos de higiene</li> <li>-Desenvolver a autonomia</li> <li>-Conhecer o corpo</li> </ul>
<b>Brincadeira Livre</b> 16h30-17h45	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Promover a interação entre as crianças em pequeno ou grande grupo</li> <li>-Promover o contacto com materiais e experiências diversificadas</li> <li>-Incentivar e respeitar as representações de jogo simbólico das crianças</li> <li>-Promover a exploração do espaço</li> <li>-Promover a liberdade de escolha das brincadeiras</li> <li>-Potenciar o desenvolvimento psico-motor</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Interagir com o adulto e com colegas</li> <li>-Manipular objetos</li> <li>-Explorar o espaço</li> <li>-Experimentar coisas novas</li> </ul>

## Anexo VIII- Atitudes do educador no plano de rotina em JI

<b>Rotinas</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Atividades/Estratégias</b>	<b>Avaliação</b>
<b>Acolhimento</b>	Sentir confiança e vínculo afetivo com a educadora, a auxiliar, os colegas e a estagiária; Interagir com os adultos e as outras crianças por iniciativa própria; Sentir segurança; Sentir conforto na relação com os outros.	Receber as crianças com carinho sentindo interesse por aquilo que elas têm para contar para que as crianças se mostrem entusiasmadas e envolvidas, tornando o momento da separação dos familiares mais leve.	Observação direta: Se demonstram satisfação ao chegar à sala, se se sentem confortáveis naquele ambiente e verificando se interagem com as outras crianças autonomamente.
<b>Bom dia e Bolacha (reunião)</b>	Estar atenta, escutando em silêncio o que for dito pelos adultos ou pelos colegas; Sentir-se "bem-vinda" por todos, fazendo com que se sinta integrada, pertencente ao grupo; Conviver com os colegas, comunicando verbalmente; diferenciar os dias da semana e os meses do ano, referenciando qual o mês em que estamos, o dia da semana e o dia mensal; marcar autonomamente a sua presença no quadro das presenças.	Inicialmente, as crianças sentam-se todas no tapete e depois de perceberem qual o mês em que estamos, o dia semanal e o dia mensal marcarão as presenças individualmente de forma autônoma. As crianças marcarão as presenças numa tabela existente na sala à medida que vão chegando. Depois de todos terem marcado a sua presença, iremos falar do que fizeram enquanto nos fim-de-semana, ou no dia anterior e do que iremos fazer neste dia.	Observação direta: Poderei observar se as crianças tomam atenção ao que lhes estamos a dizer, escutando em silêncio; Se deixam os colegas falar e não falam ao mesmo tempo; Se mostram motivação e participam na conversa; Se diferenciam sem ajuda os dias da semana, os meses do ano e os dias mensais; Se marcam a presença no local certo, sem ajuda.
<b>Atividades Orientadas</b>	Momento do dia em que se organizam as atividades planificadas com determinados objetivos decorrentes do projeto "Girassol: das artes à educação ambiental".		
<b>Brincadeira livre</b>	Conviver e interagir com os colegas; Partilhar; Ter a liberdade de escolher e manusear diferentes materiais disponíveis na sala; Tratar com respeito os materiais disponíveis na sala; Usar a sua criatividade e imaginação no manuseio desses materiais; explorar o ambiente envolvente.	Depois da atividade orientada ter terminado cada criança irá escolher a área/cantinho para a qual pretende ir (loja, garagem, colagem, plasticina, pintura, desenho, casinha, computador ou jogos). Enquanto disponíveis os vários materiais presentes na sala, as crianças poderão escolher os brinquedos/materiais de que gostam mais e assim poderão brincar com o que quiserem.	Observação direta: Poderei observar se as crianças convivem/interagem umas com as outras, se tratam com respeito os materiais da sala e se partilham os seus brinquedos preferidos com os colegas.
<b>Higiene</b>	Realizar as tarefas de higiene de forma autónoma; Perceber o porquê de realizar a higiene nesta altura; Adquirir hábitos de higiene de forma autónoma.	Realização por parte das crianças das suas necessidades fisiológicas e lavagem das mãos	Observação direta: Verifico se as crianças realizam as atividades bem e sozinhas; Ouvindo a explicação do porquê de estarem a realizar a higiene nesta altura.
<b>Almoço</b>	Ganhar autonomia na utilização dos talheres; Utilizar os talheres de forma correta; ganhar autonomia ao dar a água, pão, guardanapos e fruta.	Irei disponibilizar e incentivar a utilização dos talheres, mostrando-lhes que os talheres apenas se utilizam para comer e não para brincar.	Observação direta: Verifico se as crianças utilizam os talheres de forma correta;

		Todas as semanas existe um grupo de crianças que distribui a água, o pão, os guardanapos e a fruta. Desta forma estão a ganhar autonomia na realização destas atividades e a aprender a viver em comunidade.	Se evitam comer com as mãos e brincar com a comida; Se realizam as atividades de forma correta.
<b>Atividades de preparação para o 1ºciclo</b>	<p>Conhecer algumas letras; Escrever o seu nome; Reconhecer algumas palavras escritas do seu quotidiano; construir a noção de número; Reconhecer os números até 10; reconhecer os números como identificação do número de objetos de um conjunto; Contar objetos utilizando gravuras, desenhos ou números para mostrar os resultados;</p>	As crianças que vão para o 1ºciclo realizam atividades de preparação, tais como: escrita do seu nome, escrita de algumas letras do alfabeto e palavras do seu quotidiano e escrita e contagem de números até 10.	<p>Observação direta: Verifico se as crianças conseguem escrever o seu nome; Se reconhecem algumas palavras do seu quotidiano; Se sabem contar os objetos de um conjunto; Se sabem representar os objetos de um conjunto através dos números.</p>

Quinta-feira 11 maio, 2017		Expressão plástica: <i>O Ramo de Girassóis</i> (Monet)	
Estagiária: Raquel Neves			
Objetivos (verificar se a criança é capaz de...)	Atividade/ Estratégia	Recursos	Avaliação
<p><b>1-Desenvolver a concentração:</b></p> <p><b>Estar atento/ motivado</b></p> <p><b>Manter a concentração durante a atividade</b></p> <p><b>3-Promover a motricidade fina:</b></p> <p><b>Fazer movimentos como: agarrar, apertar, pintar</b></p> <p><b>4-Desenvolver com confiança as suas próprias capacidades:</b></p> <p><b>Manifesta interesse em superar os seus limites</b></p> <p><b>Demonstra interesse na atividade realizada</b></p> <p><b>5-Explorar e utilizar diversos materiais</b></p> <p><b>6-Desenvolver a criatividade e capacidade expressiva e sensibilidade estética</b></p>	<p>1,5,6-Exibição de algumas pinturas ao grupo. Obras que retratam ainda a dança (contextos, diferentes géneros), e diferentes estilos de pintura. Debate sobre o que observamos (cores, sentimentos-alegria/tristeza, movimentos). Dentre as várias, encontramos “O Ramo de girassóis” (Monet). Depois, mostro o arranjo de girassóis que estão na sala, expostos numa jarra.</p> <p>3,4,5,6-Finalmente, dois a dois, as crianças dirigem-se ao cavalete, para fazerem a sua recriação/interpretação dos girassóis, enquanto o grande grupo vai brincando nas áreas.</p> <p>OBS: As crianças vão levar para casa o desenho de um girassol para pintarem com a família.</p>	<p>Físicos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Tintas de várias cores</li> <li>- Pincéis</li> <li>- Tesoura</li> <li>- Cola</li> </ul> <p>Humanos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Educadora</li> <li>- Auxiliar</li> <li>- Estagiária</li> </ul>	<p>-Observação direta do bem-estar e do envolvimento das crianças</p> <p>-Grelha de observação de comportamento</p> <p>-Fotografias</p> <p>-Exposição dos trabalhos</p>

**Anexo X-** Grelha de avaliação de 11/5/17

11 maio 2017- O Ramo de girassóis, Monet- expressão plástica				
A observar	Todas	Quase todas	Algumas	Nenhuma
Participam no debate introdutório (atento e motivado)			✓	
Relembra elementos visionados (imagens no computador de pinturas diversas)				
Consegue manipular material de pintura		✓		
Revela interesse em superar limites			✓	
Recriam e interpretam os elementos apresentados (jarra com girassóis)	✓			
Revelam bem-estar nível*	1			✓
	2			✓
	3		✓	
	4		✓	
	5			✓
<p><b>Obs:</b> As crianças ficaram logo curiosas quando me viram entrar com os girassóis e vieram perguntar o que era e para quê.</p> <p>J.M. <i>Isso é para quê?</i></p> <p>J.M.: <i>Eu sei que flor é essa, é um girassol.</i></p> <p>Est: Quem sabe o que é isto? <i>São pinturas (P.)</i></p> <p>Est: E. queres vir pintar os girassóis? <i>Não, eu não consigo (E.)</i>- olhava para o cavalete e para os girassóis. Depois de eu a encorajar a E. olhava para o arranjo e depois na tela ajudava com a mão livre, marcando o tamanho do que queria desenhar, na tela.</p>				
<p><b>Legenda:</b> 1- Muito baixo 2- Baixo 3- Médio/neutro 4- Alto 5- Muito alto (Portugal; Laevers, 2010)*</p>				

Sexta-feira 12 maio, 2017		Escrita Criativa	
Estagiária: Raquel Neves			
Objetivos (verificar se a criança é capaz de...)	Atividade/ Estratégia	Recursos	Avaliação
<p><b>1-Desenvolver a concentração:</b></p> <p><b>Ouvir as instruções</b></p> <p><b>Manter a concentração durante a atividade</b></p> <p><b>2-Desenvolver a imaginação e a criatividade:</b></p> <p><b>Imaginar personagens e/ou acontecimentos</b></p> <p><b>3-Desenvolver com confiança as suas próprias capacidades</b></p> <p><b>4-Desenvolver a consciência linguística:</b></p> <p><b>Relatar acontecimentos</b></p> <p><b>5-Promover a motivação para ler e escrever</b></p> <p><b>6-Desenvolver a motricidade fina</b></p>	<p>1- Com todo o grupo no tapete e virados para nós, começamos por lembrar o que fizemos durante a semana. Debate sobre o poema, as obras observadas (pinturas), a dança e os girassóis de Monet.</p> <p>2,3,4- Pensamos então em contruir uma história com a colaboração de todos. Depois, uma a uma, as crianças vão criando a história, partindo da temática dos girassóis e do dia da mãe. A história vai sendo recon-tada ao longo da sua construção, para relembrar o que já foi dito.</p> <p>5- As “linhas” ditas por cada criança são registadas e devidamente identificadas, sendo posteriormente impressas para a construção literal do livro.</p> <p>6- Finalmente, cada criança faz o desenho para ilustrar as suas “linhas” da história construída.</p>	<p>Físicos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Caneta</li> <li>- Papel</li> </ul> <p>Materiais</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Educadora</li> <li>- Auxiliar</li> <li>- Estagiária</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação direta do bem-estar e do envolvimento das crianças</li> <li>- Grelha de observação de comportamento</li> <li>- Fotografias</li> </ul>

**Anexo XII-** Grelha de avaliação de 12/5/17

<b>12 maio 2017- A história dos girassóis (linguagem oral e escrita)</b>				
<b>A observar</b>	<b>Todas</b>	<b>Quase todas</b>	<b>Algumas</b>	<b>Nenhuma</b>
Participam no debate introdutório (atento e motivado)			✓	
Relembra elementos visionados (imagens no computador de pinturas diversas)			✓	
Revelam interesse na atividade proposta		✓		
Imaginam personagens e acontecimentos		✓		
Recriam em desenho o que imaginaram		✓		
Revelam bem-estar nível*	1			✓
	2			✓
	3		✓	
	4	✓		
	5			✓
<p><b>Obs:</b> No momento da reunião, no tapete, lembrámos o que fizemos durante a semana e pensamos no que podíamos fazer no dia. Decidimos escrever uma história feita por todos, assim sendo, cada criança disse uma parte da história. No decorrer da atividade, que aconteceu no tapete, houve algumas crianças que imaginavam personagens e acontecimentos com alguma facilidade, por outro lado, houve algumas com alguma dificuldade. Neste caso, reproduziam alguma coisa que tinha já sido dita, ou pareciam não se lembrar de nada. A cada frase acrescentada, relia a história ao grupo, para que pudessem acompanhar e perceber a evolução a mesma.</p> <p><i>Est.: O que gostaram mais de fazer esta semana? Eu foi do passeio do menino M.L.(dança) Gostei de pintar os girassóis e de dançar M.M.</i></p>				
<p><b>Legenda:</b> 1- Muito baixo 2- Baixo 3- Médio/neutro 4- Alto 5- Muito alto (Portugal; Laevers, 2010)*</p>				

Terça-feira, 16 maio, 2017		Expressão Plástica-ilustração e construção do livro	
Estagiária: Raquel Neves			
Objetivos (verificar se a criança é capaz de...)	Atividade/ Estratégia	Recursos	Avaliação
<p><b>1-Desenvolver a criatividade e capacidades expressivas: Representar e recriar histórias</b></p> <p><b>2-Desenvolver a motricidade fina: Segurar no lápis, recortar, pintar e colar</b></p> <p><b>Manipular diferentes materiais</b></p> <p><b>3-Desenvolver a identificação das convenções da escrita: Diferenciar escrita de desenho</b></p> <p><b>4-Desenvolver a sensibilidade estética</b></p>	<p>4- Em grande grupo, relembrar o que fizemos no último dia, recontando a história para que os que não estiveram, saibam o que se fez. Leitura/visualização da Lenda do Girassol</p> <p>3,4-Debate sobre a construção do livro (o que é preciso-capa, ilustração, título e autores).D de seguida faz-se a distribuição das crianças pelas áreas, pois a ilustração será feita por 3 crianças de cada vez.</p>	<p>Materiais</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Canetas</li> <li>- Papel</li> <li>- Lápis de cor/marcadores</li> <li>- Tesoura</li> <li>- Cola</li> <li>- Lenda do Girassol</li> <li>- Computador Humanos</li> <li>- Crianças</li> <li>- Educadora</li> <li>- Auxiliar</li> <li>- Estagiária</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação direta do bem-estar e do envolvimento das crianças</li> <li>- Grelha de observação de comportamento</li> <li>- Fotografias</li> </ul>

**Anexo XIV-** Grelha de avaliação de 16/5/17

<b>16 maio 2017- A história dos girassóis (construção do livro e leitura da lenda)</b>				
<b>A observar</b>	<b>Todas</b>	<b>Quase todas</b>	<b>Algu- mas</b>	<b>Ne- nhuma</b>
Participam no debate introdutório (atento e motivado)		✓		
Escutam a lenda com interesse		✓		
Recontam alguns pormenores do poema			✓	
Recortam à volta do desenho		✓		
Distinguem escrita de desenho		✓		
Revelam bem-estar nível*	1			✓
	2			✓
	3		✓	
	4		✓	
	5			✓
<p><b>Obs:</b> No final da bolacha, em grande grupo, falámos do que tínhamos feito. Algumas crianças tinham faltado e recontou-se a história a todos, depois de ter sido explicado que tínhamos escrito uma história. De seguida, fomos perceber que a ainda faltavam algumas coisas para o nosso livro: os desenhos, a capa, o título. Então, o grande grupo foi brincar para as áreas enquanto 3 crianças de cada vez, fizeram a ilustração (um desenho) do pedaço de texto que tinha criado. No final, precedemos à montagem do livro, colando em cada página a frase e o desenho respetivo de cada criança.</p>				
<p><b>Legenda:</b> 1- Muito baixo 2- Baixo 3- Médio/neutro 4- Alto 5- Muito alto (Portugal; Laevers, 2010)*</p>				

## Anexo XV- Imagens da sequência didática “Girassóis”

### Expressão Plástica- Pintura dos girassóis e ilustração da história.



*Criança a pintar os girassóis*



*Crianças a ilustrar a sua parte da história*

### Escrita Criativa- História dos girassóis escrita pelas vozes das crianças

História do Girassol  
Era uma vez, um girassol que uma menina foi buscar ao jardim, para dar à mãe no dia da Mãe (Maria L.).  
Depois foi a casa brincar e um menino estragou o girassol quando ela estava a dormir (Francisco).  
A mãe zangou-se e pôs o menino de castigo e a mana ficou triste (Martim M.).  
O menino disse à mãe se já podia sair, porque já era hora de almoço, mas ficou sentado.  
Depois, a irmã foi buscar outro girassol para dar à mãe. A mãe foi com o pai às compras, mas o menino ficou lá sentado sozinho (Jaime).  
O pai e mãe esqueceram-se de comprar uma coisa, anumaram o carinho. Quando foram para casa, viram a menina a apanhar muitos girassóis (Francisco).  
Depois, foram todos passear à praia. Lá brincaram e o pai foi ao mar e a mãe ficou a ver o pai (João M.).

*História dos girassóis*



Depois foi a casa brincar e um menino estragou o girassol quando ela estava a dormir (Francisco).



O menino disse à mãe se já podia sair, porque já era hora de almoço, mas ficou sentado. Depois, a irmã foi buscar outro girassol para dar à mãe. A mãe foi com o pai às compras, mas o menino ficou lá sentado sozinho (Jaime).



Era uma vez, um girassol que uma menina foi buscar ao jardim, para dar à mãe no dia da Mãe (Maria L.).

Terça-feira, 23 maio, 2017		Reciclagem- Jogo da separação, desenho dos ecopontos, construção dos ecopontos da sala 1	
Estagiária: Raquel Neves			
Objetivos (verificar se a criança é capaz de...)	Atividade/ Estratégia	Recursos	Avaliação
<p><b>1-Sensibilizar as crianças para a preservação do ambiente:</b></p> <p><b>Reconhecer a importância de reciclar</b></p> <p><b>Manifestar comportamentos de preocupação com a natureza</b></p> <p><b>2-Fomentar a aquisição de Conhecimentos:</b></p> <p><b>Experimentar o processo da reciclagem</b></p> <p><b>Alargar o vocabulário referente à reciclagem (separação de lixos, ecoponto, ambiente)</b></p> <p><b>3-Motivar as crianças para a reciclagem:</b></p> <p><b>Participar na construção do ecoponto</b></p> <p><b>Revelar motivação para trazer um artigo reciclável de casa para o ecoponto da sala</b></p> <p><b>4-Promover o envolvimento familiar:</b></p>	<p>1,2-Em grande grupo, depois da bola-chá, fazemos um reforço do que falámos e vimos na sexta-feira. Durante a conversa, registar os pré-conceitos das crianças. Depois, mostrar os mini-ecopontos. Ir para o centro do tapete e mostrar um ecoponto de cada vez e a imagem do respetivo conjunto de material reciclável. Começar numa ponta do tapete e mostrar a duas crianças de cada vez, dar tempo de reconhecerem algum objeto para cada ecoponto.</p> <p>3-Posto isto, sento-me no tapete com o grupo, disponho no centro os mini-ecopontos. De seguida, tiro, de dentro de um saco que coloquei atrás das costas, algumas embalagens de cartão, papel, plástico e vidro, desordenadas à minha frente. Peço ao grupo de ajuda para separar aquele lixo que trouxe de casa. Depois vou dando, a uma criança de cada vez, um artigo para colocar no ecoponto correto. Quando terminamos de separar todo o lixo, o grupo vai fazer o desenho dos ecopontos, sendo que chamo</p>	<p>Materiais</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Mini-Ecopontos feitos em cartolina e plastificados</li> <li>- Algum material reciclável (embalagens vazias de plástico, cartão e um boião de vidro com tampa de metal)</li> <li>- Caixas de cartão</li> <li>- Tintas e esponjas</li> <li>- Folhas brancas</li> </ul> <p>Humanos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Educadora</li> <li>- Auxiliar</li> <li>-Estagiária</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação direta do bem-estar e do envolvimento das crianças</li> <li>- Grelha de observação de comportamento</li> <li>- Fotografias</li> </ul>

	<p>duas de cada vez, para pintar cada um dos ecopontos</p> <p>4-Antes de ir embora, peço ao grupo, enquanto estão no tapete, para cada um trazer no dia seguinte um artigo para colocar no ecoponto da sala.</p>		
--	--	--	--

**Anexo XVII-** Grelha de avaliação de 23/5/17

23 maio 2017- Reciclagem, construção de ecopontos da sala 1				
A observar	Todas	Quase todas	Algumas	Nenhuma
Participam no debate introdutório (atento e motivado)	✓			
Experimentam o processo de reciclagem	✓			
Associam os “recicláveis” ao ecoponto certo			✓	
Manipulam “mini-ecopontos” e material reciclável	✓			
Participam na pintura dos ecopontos	✓			
Revelam motivação para trazer “recicláveis” de casa		✓		
Revelam bem-estar nível*	1			✓
	2			✓
	3			✓
	4		✓	
	5			✓
<p><b>Obs:</b> Relembramos o que fizemos. O grupo já não se lembrava muito bem e reavivámos a memória, falando da reciclagem, da história do Xico. Fizemos de novo a mostra de imagens dos ecopontos e de seguida sento-me no tapete. O grupo fica curioso porque me vê levar um saco na mão. Do saco tiro os mini ecopontos e algum lixo para reciclar e peço-lhes ajuda para separar bem o lixo. De seguida, percebemos que aqueles ecopontos não chegam para o lixo que trouxe, surgindo assim a proposta para a construção dos ecopontos na sala 1. O grupo fica entusiasmado e depois de planearmos o que iríamos fazer, foram todos desenhar os ecopontos.</p> <p><i>M.M.: Raquel onde estão os miniecopontos?</i>  <i>Est.: Estão ali expostos, porquê M.?</i>  <i>M.M.: Eu posso levar para ao pé de mim para os desenhar?</i>  <i>Est.: Claro que sim.</i>  <i>M.: Onde está o amarelo?</i></p> <p>Apesar de estarem expostos para todos verem, algumas crianças quiseram ir buscar os mini-ecopontos para perto de si, para os “copiarem” para o seu desenho. Isto gerou uma onda interação entre as crianças, no momento do desenho, já que iam trocando os vários mini-ecopontos entre si. Conforme iam terminando o desenho, iam sendo chamadas para começar a pintar os ecopontos da sala. No final do dia, pedi ao grupo para trazer uma coisa para colocarem no ecoponto da sala.</p> <p><b>Legenda:</b> 1- Muito baixo 2- Baixo 3- Médio/neutro 4- Alto 5- Muito alto (Portugal; Laevers, 2010)*</p>				

**Anexo XVIII- Planificação 19/5/17**

Sexta-feira, 19 maio, 2017		Educação ambiental- Reciclagem	
Estagiária: Raquel Neves			
Objetivos (verificar se a criança é capaz de...)	Atividade/ Estratégia	Recursos	Avaliação
<p>1-Sensibilizar as crianças para a preservação do ambiente: Reconhecer a importância de reciclar</p> <p>2-Fomentar a Aquisição de Conhecimentos: Dar a conhecer às crianças em que consiste a reciclagem Alargar o vocabulário referente à reciclagem</p> <p>3-Motivar as crianças para a reciclagem: Manifestar comportamentos de preocupação com a natureza</p>	<p>1,2- No tapete, fazer um levantamento e registo da informação que têm acerca do que é reciclagem. Explicar o que é lixo e o que é reciclável. Visualização de imagens de ecopontos e material reciclável</p> <p>3-Depois de algum debate, visualizar a História do Xico e no final peço ao grupo que desenhe os Ecopontos</p>	<p>Materiais</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Imagens de ecopontos e materiais recicláveis</li> <li>- História " Xico, o campeão da reciclagem"</li> <li>- Computador</li> </ul> <p>Humanos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Educadora</li> <li>- Auxiliar Estagiária</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação direta do bem-estar e do envolvimento das crianças</li> <li>- Grelha de observação de comportamento</li> <li>- Fotografias</li> </ul>

Anexo XIX- Grelha de avaliação de 19/5/17

19 maio 2017- Reciclagem- Formação pessoal e social				
A observar	Todas	Quase todas	Algumas	Nenhuma
Participam no debate introdutório (atento e motivado)			✓	
Têm noção do que é reciclagem			✓	
Manifestam interesse na visualização de imagens e história		✓		
Lembram pormenores da história			✓	
Manifestam comportamentos de preocupação com a natureza			✓	
Reproduzem os ecopontos no desenho	✓			
Revelam bem-estar nível*	1			✓
	2			✓
	3		✓	
	4	✓		
	5			✓
<p><b>Obs:</b> Depois de um debate sobre o que fizemos durante a semana, introduzo o conceito da reciclagem, perguntando ao grupo quem sabe o que é, preparando assim a temática que vai ser abordada para a semana seguinte. Depois de registar os pré-conceitos do grupo, sigo mostrando imagens de ecopontos (existem diferentes formatos) e de material reciclável que deve ir para cada um. Depois de todo o grupo ter visto as imagens, identificaram na roda do ecoponto, um artigo reciclável para cada ecoponto correspondente. Todos quiseram participar, manifestando-se os que ainda não tinham identificado um artigo. Posto isto, o grupo sentou-se na zona da biblioteca, para assistir à história do “Xico, o campeão da reciclagem” no computador.</p> <p><i>Est.: Quem sabe o que é a reciclagem? É onde se põe o lixo, depois as mães levam e põe na reciclagem e tem de se saber qual é o sítio para o papel, o cartão e o vidro (F<sup>a</sup>). É onde se põe os garrações (M.L.). Deitar o lixo para o caixote do lixo, depois vai para o camião (E.) É cortar um bocadinho de papel e desenhar, depois pôr fita-cola e pôr um papel novo (M.O.)</i></p> <p><i>Est.: Quem recicla lá em casa? Tenho três caixotes, na cozinha e na casa de banho (V.). Separamos em sacos, num saco papel e cartão, e também as pilhas, é noutro caixote (F<sup>a</sup>). Eu tenho um caixote e vai tudo para o mesmo (M.). Eu tenho dois na cozinha: um que está dividido outro onde ponho tudo (M.L.).</i></p>				
<p><b>Legenda:</b> 1- Muito baixo 2- Baixo 3- Médio/neutro 4- Alto 5- Muito alto (Portugal; Laevers, 2010)*</p>				

Quarta-feira, 24 maio, 2017		Reciclagem-Construção de ecopontos da sala 1	
Estagiária: Raquel Neves			
Objetivos (verificar se a criança é capaz de...)	Atividade/ Estratégia	Recursos	Avaliação
<p>1-Sensibilizar as crianças para a preservação do ambiente: Reconhecer a importância de reciclar Manifestar comportamentos de preocupação com a natureza</p> <p>2-Fomentar a aquisição de Conhecimentos: Experimentar o processo da reciclagem Alargar o vocabulário referente à reciclagem (separação de lixos, ecoponto, ambiente)</p> <p>3-Motivar as crianças para a reciclagem: Participar na construção do ecoponto Revelar motivação para trazer um artigo reciclável de casa para o ecoponto da sala</p> <p>4-Desenvolver a motricidade fina</p>	<p>1,2-Em grande grupo, depois da brincadeira, fazemos um debate sobre o que estamos a fazer. Ver se trouxeram artigos para colocar no ecoponto da sala. Mostrar os ecopontos e ver com o grupo o que ainda falta fazer. Aproveitar para perguntar o que cada um dos ecopontos pode levar</p> <p>3-De seguida, o grande grupo vai brincar pelas áreas. Vou chamando duas ou três crianças de cada vez para ajudar a terminar os ecopontos.</p> <p>4-De folhetos, vamos procurar imagens de material reciclável. De seguida, recortar as imagens e colá-las no ecoponto certo, para que cada ecoponto fique revestido com imagens do lixo correspondente.</p> <p>-Quando terminarem, vamos colocar o lixo que trouxemos de casa no sítio correto. Vamos reciclar!</p>	<p>Materiais</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Mini-Ecopontos feitos em cartolina e plastificados</li> <li>- Algum material reciclável</li> <li>- Caixas de cartão-ecopontos</li> <li>- Tesoura</li> <li>- Folheto para recorte</li> </ul> <p>Humanos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Educadora</li> <li>- Auxiliar</li> <li>-Estagiária</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação direta do bem-estar e do envolvimento das crianças</li> <li>- Grelha de observação de comportamento</li> <li>- Fotografias</li> </ul>

**Anexo XXI-** Grelha de avaliação de 24/5/17

24 maio 2017- Reciclagem, construção de ecopontos da sala 1				
A observar	Todas	Quase todas	Algumas	Nenhuma
Participam no debate introdutório (atento e motivado)			✓	
Estão atentos à história		✓		
Demonstram a aquisição de conhecimentos			✓	
Utilizam a tesoura com facilidade		✓		
Utilizam a cola corretamente		✓		
Revelam motivação para trazer “recicláveis” de casa		✓		
Revelam bem-estar nível*	1			✓
	2			✓
	3		✓	
	4	✓		
	5		✓	
<p><b>Obs:</b> Depois da reunião da manhã, falamos sobre o que está a ser feito. As crianças entusiasmadas, referem que já trouxeram coisas de casa para colocar no ecoponto da sala. Em pequeno grupo, as crianças continuam a terminar os ecopontos, que hoje decorámos com recortes.</p>				
<p><b>Legenda:</b> 1- Muito baixo 2- Baixo 3- Médio/neutro 4- Alto 5- Muito alto (Portugal; Laevers, 2010)*</p>				

**Anexo XXII-** Planificação de 25 e 26/5/17

25 e 26 maio, 2017		Reciclagem- conclusão da construção de ecopontos e ida à rua	
Estagiária: Raquel Neves			
Objetivos <i>(verificar se a criança é capaz de...)</i>	Atividade/ Estratégia	Recursos	Avaliação
<p>1-Sensibilizar as crianças para a preservação do ambiente: Reconhecer a importância de reciclar Manifestar comportamentos de preocupação com a natureza</p> <p>2-Fomentar a aquisição de Conhecimentos: Experimentar o processo da reciclagem Alargar o vocabulário referente à reciclagem (separação de lixos, ecoponto, ambiente)</p> <p>3-Motivar as crianças para a reciclagem: Participar na construção do ecoponto Revelar motivação para trazer um artigo reciclável de casa para o ecoponto da sala</p> <p>4-Desenvolver a motricidade fina</p>	<p>1,2,3,4-Na 5ªfeira à tarde, em grande grupo, falámos sobre o que temos feito nesta semana e naquilo que nos falta terminar. De seguida, o grupo vai para as áreas, sendo que, algumas crianças vão ajudar a terminar o que falta. Depois, antes de o dia terminar, cada criança vem colocar o que trouxe de casa no ecoponto da sala.</p> <p>2,3-Já na 6ªfeira, fizemos logo de manhã, o balanço das coisas que aprendemos durante a semana: os ecopontos da sala estão terminados, o lixo foi separado. De seguida, fomos até ao Ecoponto mais próximo na rua, para despejar os ecopontos da sala, que estavam já cheios.</p>	<p>Materiais</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Mini-Ecopontos feitos em cartolina e plastificados</li> <li>- Algum material reciclável</li> <li>- Caixas de cartão-ecopontos</li> <li>- Tesoura</li> <li>- Folheto para recorte</li> </ul> <p>Humanos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Crianças</li> <li>- Educadora</li> <li>- Auxiliar</li> <li>-Estagiária</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação direta do bem-estar e do envolvimento das crianças</li> <li>- Grelha de observação de comportamento</li> <li>- Fotografias</li> </ul>

Anexo XXIII- Grelha de avaliação de 25 e 26/5/17

25 e 26 maio 2017- Reciclagem, conclusão da construção de ecopontos e ida à rua				
A observar	Todas	Quase todas	Algumas	Nenhuma
Participam no debate introdutório (atento e motivado)	✓			
Trazem “recicláveis” de casa		✓		
Reconhecem novo vocabulário (ecoponto, reciclagem)		✓		
Associam os “recicláveis” ao ecoponto certo na Roda do ecoponto		✓		
Separam o lixo no ecoponto da sala 1 corretamente		✓		
Revelam atitudes de preocupação com ambiente		✓		
Revelam bem-estar nível*	1			✓
	2			✓
	3		✓	
	4	✓		
	5			✓
<p><b>Obs:</b> Começamos o dia por falar da reciclagem e do que nos faltava fazer. O grupo diz que ainda falta colocar o lixo que trouxe no ecoponto da sala. Assim, de seguida, as crianças foram terminar a construção dos ecopontos, pintando o que falta, e no final do dia, colocaram o lixo no ecoponto da sala, finalmente pronto. Nesse momento, percebemos que a área da reciclagem ficou cheia com tanta coisa que se trouxe e decidimos que no dia seguinte iríamos à rua, colocar tudo no ecoponto “grande”. Na sexta-feira, fizemos o levantamento do que aprendemos e de seguida fomos então todos despejar o lixo reciclável à rua.</p> <p><i>Est.: O que aprendemos? Pomos o lixo em caixotes diferentes (M.M). O verde é do vidro, amarelo é do plástico e azul é do cartão (E.) No verde, ponho coisas verdes. No vermelho ponho pilhas (J.)</i></p>				
<p><b>Legenda:</b> 1- Muito baixo 2- Baixo 3- Médio/neutro 4- Alto 5- Muito alto (Portugal; Laevers, 2010)*</p>				

Anexo XXIV- Imagens da sequência didática da reciclagem

Construção do Ecoponto da sala 1



Ecoponto da sala 1 concluído



## Anexo XXV- Plano de projeto “Nós e o mundo”

PROJETO ESTAGIO- NOS E O MUNDO		
<b>Público-alvo</b>		Turma de 1º ano
<b>Problemática</b>		Dificuldades ao nível da consciência fonológica; o mutismo seletivo da aluna; a indisciplina dentro da sala; falta de atividades de expressões.
<b>Objetivos</b>	Gerais	Desenvolver a consciência fonológica dos alunos; promover a formação pessoal e social (cidadania); promover atividades de expressões e interdisciplinaridade; promover a consciencialização da turma para o mutismo seletivo.
	Específicos	Contactar com diferentes formas de expressão escrita (histórias, poemas e lengalengas); desenvolver a atenção e concentração; reconhecer diferentes formas gráficas das letras; desenvolver a ortografia; distinguir letra maiúscula e minúscula; associar fonema ao grafema; reconhecer ditongos orais e nasais; identificar sólidos e figuras geométricas; reconhecer partes planas e não planas nos objetos; manipular sólidos geométricos; efetuar contagem até 15 unidades; reconhecer que dez unidades formam a dezena; reconhecer valor posicional dos algarismos; desenvolver a noção de conjunto, elemento, pertence, não pertence e cardinal; ouvir músicas; desenhar livremente; recortar e colar; fazer composições com materiais; utilizar o corpo seguindo instruções; desenvolver o trabalho cooperativo; debater questões em grande grupo.
<b>Fundamentação teórica</b>		Pedagogia diferenciada; expressões como veículo de aprendizagens; formação pessoal e social (cidadania).
<b>Estratégias</b>		Realização de fichas adaptadas e exploração de conteúdos em grande grupo; promover o trabalho cooperativo; recurso a suportes multimédias disponíveis em sala; audição e leitura de histórias, poemas e lengalengas.
<b>Calendarização</b>	1ª Intervenção (27,28 e 29 novembro)	-Letra L; os sólidos e figuras geométricas; conjuntos; recorte, colagem e pintura.
	2ª Intervenção (5,6 e 7 dezembro)	-Consolidação das letra P,T,L e D; fichas de avaliação de Matemática e Português; contagem até 9; conjuntos.
	3ª Intervenção (10)	-Letra V; contagem até dez (a dezena); manipulação do MAB, ábaco, colar de contas.
	4ª Intervenção (16,17,18 e 19 janeiro)	-Ditongos nasais (caso de leitura an, en, in, on, un); sistema numérico decimal; reconhecer o valor posicional dos algarismos; manipulação do MAB, ábaco, colar de contas e moldura do dez; a dúzia; contagem até 15; consolidação de conjunto; as divisões da casa; trabalho cooperativo; fazer recorte, pintura e colagem; reconhecer a posição do seu corpo em relação a outros objetos.
<b>Avaliação</b>		Avaliação das crianças e avaliação do meu desempenho na sua concretização. Os alunos serão avaliados em diferentes modos: através de registos de observações diretas (listas de verificação e o caderno de observações diretas), mediante os seus desempenhos, as suas respostas, atitudes e participação nas intervenções pedagógicas, da interação com os outros colegas, do nível de autonomia no processo ensino/aprendizagem e da capacidade em trabalhar em grupo; a partir das grelhas de correção das fichas de trabalho e das grelhas de avaliação (com algumas das Metas para o 1º Ciclo do Ensino Básico). Por sua vez, a avaliação do meu desempenho na concretização do projeto será realizada através de momentos de reflexões individuais e em conjunto com a orientadora de estágio (docente da disciplina de PES II) e com a professora cooperante da escola.
<b>Apresentação</b>		O Portefólio de Estágio servirá de reflexo ao trabalho e conteúdos lecionados nos momentos de intervenção.

Anexo XXVI- Planificação de 28/11/17

1º ano Turma A		Escola EB1 dos Leões Planificação			28 de novembro Terça-feira
Disciplina	Conteúdos	Objetivos	Estratégia / Atividades	Recursos	Avaliação
Português 9h-11h30	<p><b>Compreensão do oral</b> Instruções/indicações</p> <p><b>Leitura e Escrita</b> - Letra maiúscula, minúscula, impressa, manuscrita; - Letra e palavra; - Leitura de palavras;</p> <p><b>Conhecimento explícito da língua</b> - Sons e fonemas; - Vogais e consoantes; - Ditongos.</p> <p><b>Interdisciplinaridade com Expressão Plástica:</b> <b>Descoberta e organização progressiva de superfícies</b> - Pintura;</p> <p><b>Exploração de técnicas diversas de expressão</b> - Recorte e colagem;</p>	<p>1. Prestar atenção ao que ouve de modo a tornar possível cumprir instruções;</p> <p>2. Reconhecer que a mesma letra pode ser representada de diversas formas gráficas;</p> <p>3. Distinguir letra e palavra;</p> <p>4. Ler palavras através de correspondência som/letra;</p> <p>5. Usar adequadamente os instrumentos de escrita;</p> <p>6. Usar adequadamente maiúsculas e minúsculas;</p> <p>7. Copiar palavras e/ou frases de modo legível e sem erros;</p> <p>8. Discriminar os sons da fala;</p> <p>9. Articular corretamente os sons da língua;</p> <p>10. Identificar e classificar os sons da língua;</p> <p>11. Identificar ditongos;</p> <p>12. Pintar livremente em suportes neutros;</p> <p>13. Fazer composições colando materiais recortados.</p>	<p><b>Tarefa 1: (1, 2) Leitura e repetição da lengalenga da letra L (I)</b> Depois de passarem do quadro a data, as vogais, as consoantes p e t, em escrita manuscrita maiúscula e minúscula, a professora deverá fazer a leitura da lengalenga à turma e tentar perceber se algum aluno reconhece a letra L. <i>“Ali no alto está a Lua/Linda, linda a brilhar./Lá ao fundo da rua,/Está a Luísa a brincar. /Vem o lobo e uiva à Lua./Aparece também o leão,/Trazia na pata uma luva,/Com a cor do limão.”</i> Depois a professora explica as palavras que os alunos não conheçam e questiona-os sobre as imagens que surgem (Lua, lobo, Luísa, leão..) fazendo referência à grafia das palavras. A professora deve mencionar que a letra pode ter dois sons (el/lê) e dar exemplos (lápiz, papel) e escrever as palavras no quadro, de forma minúscula e manuscrita. A professora após isto deve escrever por cima dessa letra a letra correspondente mas a letra de imprensa. Depois a professora deverá pedir um voluntário, (os alunos deverão cumprir as regras pondo o dedo no ar), para vir escrever a letra L na forma manuscrita e maiúscula. A professora após isto deve escrever por cima dessa letra a letra correspondente mas a letra de imprensa.</p> <p><b>Tarefa 2: (1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10) Facultar aos alunos um papel com a lengalenga da letra “L” para colar no caderno diário. (III) Os alunos com um lápis azul deverão circundar todos os “l” minúsculos e com um lápis vermelho deverão circundar todos os “L” maiúsculos.</b> A professora distribui os papelinhos com o texto e pede aos alunos que colem no seu caderno diário, depois pede que retirem o seu lápis azul e vermelho do estojo. A professora deve ler o texto e de seguida dar as instruções, escrevendo a legenda no quadro. A professora espera que a maioria dos alunos conclua e depois parte para a correção, utilizando o quadro interativo. A correção deve ser realizada em conjunto com os alunos, ou seja, cada aluno irá dizer à professora qual foi a letra do texto que circundou e que cor utilizou. Sempre que o aluno disser a letra que identificou a professora deverá</p>	<p><b>Humanos</b> -Professora -Alunos</p> <p><b>Materiais</b> -Papel com lengalenga do “L” transcrito (III); -Recurso simulador L,l (Anexo II) -Ficha de trabalho: «Vamos à descoberta de palavras com a letra “L”» (Anexo IV). -Caderno Diário -Recurso Poema da letra L (Anexo VI) -Manual (V) -Computador, quadro interativo e giz -Tesoura -Cola</p>	<p>A avaliação é feita sempre que a professora circula pela e sala e identifica dificuldades ou não (dando reforços positivos). Ao corrigir os exercícios a professora vai avaliando se os alunos compreenderam o exercício. Através da correção é dado o feedback aos alunos no momento a seguir à realização dos mesmos, permitindo que estes corrijam caso se tenham enganado.  É possível ainda avaliar a participação dos alunos, capacidade de lógica e associação.</p>

		<p>reforçar dizendo a letra e em que forma está e a palavra que contém a letra, como por exemplo “L, maiúsculo de <b>Luísa</b>”, a professora ainda deve pedir à turma que repita essa palavra.</p> <p><b>Tarefa 3: (1, 12, 13) Ficha de trabalho: «Vamos à procura de palavras com a letra “L”».</b></p> <p>A professora deve distribuir a folha pelos alunos e explicar que é para pintarem palavras com a letra L. De seguida, a professora vai acompanhando o trabalho dos alunos e conforme forem terminando, começam a recortar as palavras que encontraram para colar no caderno de casa.</p> <p>Assim que os alunos acabem de colar deverão pintar todas as imagens. <u>Enquanto isso, a professora desenha uma árvore (Anexo V) nos cadernos diários, onde os alunos deverão escrever as palavras descobertas, na próxima atividade.</u></p> <p><b>Tarefa 4: (1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 11) Escrever as palavras da atividade anterior no caderno diário.</b></p> <p>Assim que a maioria conclua a composição das imagens e a sua pintura, a professora em conjunto com a turma deverá escrever as palavras no quadro para que assim os alunos possam copiar para o seu caderno diário, (os alunos deverão escrever estas palavras dentro da árvore desenhada pela professora anteriormente).</p> <p><b>Tarefa 5: (1 ao 11) Realizar exercícios que envolvam a letra “l” páginas 44 e 45 do manual.</b></p> <p>Antes comecem os exercícios, a professora coloca o recurso áudio do manual, com poema da letra L. Repetir o poema com os alunos e de seguida fazer a pequena atividade respetiva. A professora deve realizar os exercícios em conjunto com os alunos recorrendo ao manual interativo. Após a discussão das respostas dos alunos a professora deverá ir completando com as corretas no quadro e os alunos no seu manual.</p>		
--	--	--	--	--

<p><b>Matemática</b> 11h45-12h15</p>	<p><b>Geometria</b> <b>Figuras Geométricas</b> Sólidos (cubo, paralelepípedo retângulo, cilindro e esfera)</p>	<p>1. Identificar os sólidos: cubo, paralelepípedo retângulo, cilindro e esfera. 2. Reconhecer partes planas e não planas de objetos em posições variadas.</p>	<p><b>Tarefa 1 (1 e 2):</b> Introdução do tema “sólidos geométricos” com a leitura do livro “Desarrumar”</p> <p><b>Tarefa 2 (1 e 2):</b> Exploração do Material A professora deve pegar em cada sólido (material real) perguntar aos alunos como é que acham que se chama este sólido (uma vez que na história anterior já ouviram o nome dos sólidos). A professora deve explorar cada sólido quanto à sua fisionomia:</p> <p><b>Tarefa 3 (1 e 2):</b> “Onde podemos encontrar os sólidos geométricos no dia-a-dia?” A professora deve perguntar aos alunos se conseguem encontrar na sala, em casa ou na rua objetos com a mesma forma. De seguida a professora deve partir para a 1ª atividade do manual, na página 69 e quando tiverem terminado, a professora usa o recurso multimédia do manual. Acederá à unidade 4, atividade pág.73, onde fará com os alunos no quadro interativo, as três atividades dos sólidos geométricos.</p>	<p><b>Humanos</b> -Professora -Alunos <b>Materiais</b> -Quadro giz e interativo -Manual (VII) -Objetos da sala -História (VI) -Recurso multimédia (VIII)</p>	<p>A avaliação é feita sempre que a professora circula pela e sala e identifica dificuldades ou não (dando reforços positivos). Ao corrigir os exercícios a professora vai avaliando se os alunos compreenderam o exercício. Através da correção é dado o feedback aos alunos no momento a seguir à realização dos mesmos, permitindo que estes corrijam caso se tenham enganado.</p> <p>É possível ainda avaliar a participação dos alunos, capacidade de lógica e associação.</p>
<p><b>Estudo do Meio</b> 13h45-15h15</p>	<p><b>À descoberta dos outros e das instituições</b> O espaço da Escola Manusear objetos em situações concretas</p>	<p>1. Reconhecer diferentes espaços da escola e suas funções. 2. Representar a sua escola. 3. Reconhecer os amigos da escola e fora da escola, a professora, outros elementos da escola e vizinhos.</p>	<p><b>Tarefa 1 (2, 3):</b> Lista Escolar A professora deverá pedir à turma para dizer palavras que se relacionem com a escola e escrevê-las no quadro a letra manuscrita minúscula. <b>Tarefa 2 (1,2,3):</b> Uma rima divertida. De seguida, propõe aos alunos, fazer uma rima, pedindo que digam palavras que rimam com escola (cola, mola, cartola, bola...). Quando tivermos reunido algumas palavras, o desafio é construir um poema</p>	<p><b>Humanos</b> -Professora -Alunos <b>Materiais</b>  -Manual -Computador</p>	<p>A avaliação é feita sempre que a professora circula pela e sala e identifica dificuldades ou não (dando reforços positivos).</p>

	<p>Outras pessoas com quem mantém relações próximas</p> <p><b>Interdisciplinaridade:</b> Expressão Plástica, Expressão Dramática e Matemática</p>	<p>4.Fazer contagem das mãos dos colegas, com ajuda (até 25)</p>	<p>visual (utilizando as imagens dessas palavras). No final, a professora desenha o poema no quadro e os alunos copiam para o caderno diário.</p> <p><b>Tarefa 3 (1,2,3): Realizar exercício da pág. 25 e 26 do manual.</b></p> <p><b>Tarefa 4 (3, 4): Construção do painel do “Quantos somos?”pág.26</b> A professora deverá distribuir folhas brancas pela turma, sendo que cada aluno irá fazer o contorno da sua mão na folha. De seguida, cada aluno deve pintar a sua mão, os meninos de verde e as meninas de laranja. Quando todos tiverem terminado, reúnem-se todas as mãos e a professora procederá à contagem de todos, depois só das mãos das meninas e finalmente dos meninos. Ao mesmo tempo, vai registando no quadro o número correspondente. No final, a professora deverá proceder à montagem do painel, de forma a que se possa contar quantos meninos (mãos verdes) e quantas meninas (mãos laranjas) existem na turma, ficando num local visível da sala se for possível (verticalmente numa parede)</p> <p><b>Tarefa 5 (3, 4 ): Jogo “Quem Falta?” pág.26</b> Regras do jogo: selecionar um aluno para sair da sala; escolher outro para se esconder na sala; os restantes trocam de lugares na sala; o aluno que ficou fora da sala regressa e tem 30 segundos para descobrir quem é que está a faltar.</p>	<p>-Quadro interativo e giz -Folhas brancas</p>	<p>Ao corrigir os exercícios a professora vai avaliando se os alunos compreenderam o exercício. Através da correção é dado o feedback aos alunos no momento a seguir à realização dos mesmos, permitindo que estes corrijam caso se tenham enganado.</p> <p>É possível ainda avaliar a participação dos alunos, capacidade de lógica e associação.</p>
<p><b>Obs:</b> Alguns conteúdos poderão não ser lecionados, respeitando a velocidade de aprendizagem de cada aluno. As tarefas que não forem realizadas passarão para a próxima sequência didática.</p>					

Anexo XXVII- Planificação de 16/1/18

1º ano Turma A	Escola EB1 dos Leí Planificação				16 de janeiro terça-feira
Disciplina	Conteúdos	Objetivos	Estratégia / Atividades	Recursos	Avaliação
<p><b>Português</b> 9h-12h15</p>	<p><b>Compreensão do oral</b> -Instruções/indicações</p> <p><b>Leitura e Escrita</b> - Letra maiúscula, minúscula, impressa, manuscrita; - Leitura de palavras;</p> <p><b>Conhecimento explícito da língua</b> - Sons e fonemas; - Vogais e consoantes; - Ditongos nasais</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Prestar atenção ao que ouve de modo a tornar possível cumprir instruções;</li> <li>2. Reconhecer que a mesma letra pode ser representada de diversas formas gráficas;</li> <li>3. Ler palavras através de correspondência som/letra;</li> <li>4. Usar adequadamente os instrumentos de escrita;</li> <li>5. Usar adequadamente maiúsculas e minúsculas;</li> <li>6. Copiar palavras e/ou frases de modo legível e sem erros;</li> <li>7. Discriminar os sons da fala;</li> <li>8. Articular corretamente os sons da língua;</li> <li>9. Identificar e classificar os sons da língua;</li> <li>10. Identificar ditongos nasais;</li> <li>11. Desenvolver o conhecimento da ortografia;</li> <li>12. Escrever corretamente os grafemas;</li> <li>13. Desenvolver a consciência fonológica;</li> <li>14. Indicar desenhos de objetos cujos nomes têm mesmo fonema;</li> <li>15. Nomear as letras do alfabeto que já aprenderam;</li> </ol>	<p><b>Tarefa 1 (1,2,3,13,15,16)</b>- A professora começa por lembrar a letra n, que aprenderam semana passada e escreve no quadro o na, ne, ni, no, nu. No sentido de consolidar o conhecimento adquirido, a professora pede aos alunos que digam palavras com a letra n e vai escrevendo no quadro as sugestões. Assim, de um lado do quadro a professora escreve as palavras que têm o som na, ne, ni, no e nu (nave, neve, ninho, nove, Nuno...) e do outro lado do quadro escreve as palavras que têm o som an, en, in, on e un (António, pente, pinto, ponto, mundo). De seguida a professora questiona os alunos sobre o porquê de as palavras estarem separadas no quadro. Depois de ouvir os alunos a professora então esclarece a turma, fazendo referência num caso, à existência de uma vogal depois da letra n, ou no outro caso, à existência de uma consoante depois da letra n (que leva ao ditongo nasal).</p> <p><b>Tarefa 2 (2,3,9,10,11)</b>- Posteriormente, a professora distribui pelos alunos o retângulo com o caso da leitura an, en, in, on e un, que os alunos devem colar no caderno diário.</p> <p><b>Tarefa 3 (3,4,5,6,7,8,10,11,12,13)</b>- De seguida, a professora distribui um outro recorte, que ilustra os cinco casos da leitura com imagens e respetivos nomes dos objetos. Os alunos deverão colar no caderno diário também, mas desta vez têm de copiar as palavras (em letra de impressa e minúscula), em letra minúscula manuscrita e depois devem rodear os ditongos nasais.</p> <p><b>Tarefa 4 (1,2,3,4,5,6,10,11,12)</b>- Finalmente, para consolidar o conhecimento, os alunos deverão realizar uma ficha, previamente concebida pela professora, sobre os casos de leitura.</p> <p><b>Tarefa 5 (2,3,7,8,9,13)</b>- A fim de praticarem a leitura em casa, a professora distribui a ficha de leitura do N, onde existem palavras</p>	<p><b>Humanos</b> -Professora -Alunos</p> <p><b>Materiais</b> - Anexos XXX, XXXI, XXXII, XXXIII</p>	<p>A avaliação é feita sempre que a professora circula pela e sala e identifica dificuldades ou não (dando reforços positivos).</p> <p>Ao corrigir os exercícios a professora vai avaliando se os alunos compreenderam o exercício.</p> <p>Através da correção é dado o feedback aos alunos no momento a seguir à realização dos mesmos, permitindo que estes corrijam caso se tenham enganado.</p> <p>É possível ainda avaliar a participação dos alunos, capacidade de lógica e associação.</p>

		16. Apropriar-se de novos vocábulos (ditongos nasais);	com as letras que os alunos já aprenderam e também com o caso da leitura lecionado hoje na sala.		
<b>Matemática</b> 13h45-15h45	<b>Números e Operações</b> -Números naturais; -Sistema de numeração decimal;	<p>1. Saber a sequência dos nomes dos números naturais até 12;</p> <p>2. Utilizar corretamente os numerais do sistema decimal para representar nºs até 10;</p> <p>3. Contar até 10 objetos;</p> <p>4. Reconhecer que o resultado final não depende da ordem de contagem escolhida;</p> <p>5. Associar pela contagem diferentes conjuntos ao mesmo número natural (10);</p> <p>6. Efetuar contagens progressivas e regressivas envolvendo números até 10;</p> <p>7. Designar dez unidades por uma dezena e reconhecer que na representação «10» o algarismo «1» se encontra numa nova posição marcada pela colocação do «0».</p> <p>8. Ler e representar qualquer número natural até 10, identificando o valor posicional dos algarismos que o compõem;</p> <p>9. Manusear o MAB e moldura do dez (pasta de recursos) para representar a dezena e a dezena mais uma, duas.</p>	<p>com as letras que os alunos já aprenderam e também com o caso da leitura lecionado hoje na sala.</p> <p><b>Tarefa 1 (1,2,3,5,7,8,9)</b>- Inicialmente a professora recorda com os alunos a dezena, lembrando as diferentes representações que a dezena pode ter. No quadro desenha o ábaco, a moldura, o colar de contas e o MAB, todos com o valor de 12 unidades (nº que ficou registado no ábaco da sala). Depois disso, professora distribui, com a ajuda dos ajudantes do dia, um envelope vazio e pede-lhes para irem buscar a pasta de materiais de matemática. Daí, os alunos devem retirar a folha que contém o material multibásico. É pedido para retirarem dez unidades e uma barra da dezena. E com esse recurso a professora pede aos alunos que mantenham na mesa uma barra e duas unidades. As restantes unidades devem ser guardadas no envelope. De seguida, pede-se aos alunos que retirem do seu portefólio a moldura, que os alunos devem completar até à dezena.</p> <p><b>Tarefa 2 (1,2,3,4,5,6,8,9)</b>- Realização de uma ficha de consolidação da unidade 5, ficha da dezena.</p>	<p><b>Humanos</b> -Professora -Alunos</p> <p><b>Materiais</b> -Envelope; -MAB e moldura pasta de recursos (anexo XXXIV); -Manual pág. 85 (anexo XXXV); -Ficha da dezena (XXXVI).</p>	<p>A avaliação é feita sempre que a professora circula pela e sala e identifica dificuldades ou não (dando reforços positivos).</p> <p>Ao corrigir os exercícios a professora vai avaliando se os alunos compreenderam o exercício.</p> <p>Através da correção é dado o feedback aos alunos no momento a seguir à realização dos mesmos, permitindo que estes corrijam caso se tenham enganado.</p> <p>É possível ainda avaliar a participação dos alunos, capacidade de lógica e associação.</p>

**Obs:** A professora sempre que tem um compasso de espera em que os outros alunos estão a resolver os exercícios deve ir circulando e auxiliando estes alunos também. Alguns conteúdos poderão não ser lecionados, respeitando a velocidade de aprendizagem de cada aluno. As tarefas que não forem realizadas passarão para a próxima sequência didática. No entanto, os alunos que estiverem mais adiantados, podem sempre fazê-las.

## Anexo XXVIII- Materiais construídos

Nome \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1- Escreve os grupos.

an \_\_\_\_\_ en \_\_\_\_\_ in \_\_\_\_\_ on \_\_\_\_\_ un \_\_\_\_\_

An \_\_\_\_\_ En \_\_\_\_\_ In \_\_\_\_\_ On \_\_\_\_\_ Un \_\_\_\_\_

2- Completa com **an, en, in, on** ou **un**.

v \_\_\_\_\_ to m \_\_\_\_\_ te t \_\_\_\_\_ ta m \_\_\_\_\_ do

\_\_\_\_\_ da p \_\_\_\_\_ te d \_\_\_\_\_ te \_\_\_\_\_ tena

3- Forma palavras e escreve.

pont	→	a _____
	→	e _____
	→	o _____

pint	→	a _____
	→	e _____
	→	o _____

Ditado recortado		
		
		
		
		
		
		

mundo	ponte	Manta
tinta	duende	pinto
avental	tenda	dente

	pente
	pinta
	vento
	banco
	manta
	dente
	ponte
	duende
	monte
	avental
	tenda
	pinto
	tinta
	mundo

## Anexo XXIX- Grelhas de avaliação

INDICADORES	PORTUGUÊS																	
	Presta atenção e cumpre instruções	Reconhece as diferentes formas gráficas ndas letras	Distingue letra e palavras	Lê palavras através de correspondência som/letra	Usa adequadamente os instrumentos da escrita	Usa adequadamente maiúscula e minúscula	Copia palavras de forma legível e sem erros	Discrimina sons da fala	Articula corretamente sons da fala	Identifica e classifica os sons da língua	Identifica ditongos	Distingue vogal de consoante	Pronuncia corretamente a maioria das palavras	Escreve o seu nome sem recurso a modelo	Diferencia números de letras	Identifica letras iguais às do seu nome	Identifica o seu nome e o de alguns colegas	Reconhece o ditongo nasal
NOMES																		
A. T.	AV	AV	AV	AV	AV	AV	AV	AV	AV	AV	AV	F	R	N	S	S	AV	R
A. S. F. L.	AV	AV	F	AV	AV	AV	AV	AV	F	AV	F	F	F	AV	S	S	F	AV
A. M.	S	S	S	F	F	F	S	F	F	S	S	S	F	S	S	S	F	S
C. D.	F	S	S	S	F	S	S	F	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
D. F. F.	F	AV	F	AV	AV	AV	AV	F	AV	AV	F	F	AV	AV	F	F	AV	AV
D. M. J. L.	S	F	F	F	F	F	F	F	F	F	S	S	F	F	S	S	F	F
D. T.	AV	R	AV	R	AV	AV	AV	R	AV	R	AV	F	R	N	AV	F	AV	R
D. V. R.	F	F	S	F	F	F	S	F	F	F	S	S	F	F	S	S	F	F
F.F.	AV	N	N	N	R	N	R	N	R	N	R	N	AV	N	AV	F	N	N
F. L.	F	F	S	F	F	F	F	F	F	F	S	S	S	F	S	S	F	F
F. M. I.	F	F	S	S	F	F	F	F	F	F	S	S	S	S	S	S	F	F
I. V. C.	F	F	S	S	F	F	F	F	F	F	S	S	S	F	S	S	F	F
J. A. G.	AV	F	F	F	F	F	AV	F	AV	AV	F	S	F	AV	S	S	AV	AV
K. M. A.	S	AV	AV	NO	F	F	AV	NO	NO	NO	F	NO	NO	F	F	NO	NO	AV
L. M. G.	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	S	S	F	F	S	S	AV	F
L. N. B.	AV	F	F	F	F	AV	F	F	F	F	S	S	F	F	S	S	AV	F
M. F. de P.	AV	R	AV	R	AV	R	AV	R	AV	R	R	AV	AV	N	F	F	R	R
M. P. S.	F	F	S	F	F	F	F	F	S	F	S	S	S	F	S	S	F	F
M. M. R. M.	F	F	S	F	F	F	F	F	F	F	S	S	S	F	S	S	F	F
M. R. G. B.	AV	AV	F	F	F	F	F	F	F	F	F	S	F	AV	S	S	F	AV
M. H. G.	AV	F	F	AV	F	F	F	F	F	AV	F	F	F	R	S	S	AV	AV
M. S. C. D.	R	R	AV	R	R	AV	AV	R	R	R	R	AV	AV	N	S	S	AV	R
R. V. F. N.	AV	AV	F	R	AV	AV	F	AV	AV	AV	AV	F	AV	N	S	S	AV	AV
S. F. S.	S	S	S	S	S	F	S	S	F	F	S	S	F	S	S	S	S	S
V. A. T.	F	F	F	F	AV	AV	F	F	F	AV	F	F	F	N	S	S	AV	AV
Observações	No caso da aluna Kyara, alguns itens não podem ser confirmados/observados, devido ao mutismo seletivo.																	

Legenda: Sempre (S) Frequentemente (F) Algumas Vezes (AV) Raramente (R) Nunca (N) Não Observado (NO)

INDICADORES	MATEMÁTICA																ESTUDO DO MEIO			
	Identifica cubo, paralelepípedo retângulo, cilindro e esfera	Reconhece partes planas e não planas nos sólidos	Reconhece sólidos que rolam	Reconhece sólidos que deslizam	Reconhece face, vértice e aresta nos sólidos	Distingue sólido e figura geométrica	Reconhece figura geométrica (retângulo, quadrado, triângulo e círculo)	Desenha o contorno dos sólidos para obter figuras geométricas	Consegue representar um conjunto	Identifica o cardinal do conjunto	Reconhece elemento que pertence e não pertence	Faz contagens até 15 unidades	Reconhece que dez unidades formam uma dezena	Faz adições de parcelas até dez	Manipula o colar de contas para auxiliar na adição	Reconhece o valor posicional dos algarismos no ábaco (dezena e unidade)	Reconhece as diferentes divisões da casa	Associa mobílias a cada divisão da casa	Associa cada divisão a uma função específica	Reconhece os espaços da sua escola
NOMES																				
A. T.	AV	R	F	AV	R	R	AV	S	AV	AV	R	F	AV	AV	R	N	S	S	S	S
A. S. F. L.	AV	AV	F	AV	AV	AV	AV	S	AV	AV	AV	AV	F	AV	AV	R	S	S	S	S
A. M.	S	F	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	F	F	S	S	S	S
C. D.	A	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	R	S	S	S	S	S
D. F. F.	F	F	F	AV	F	AV	F	S	S	F	F	F	F	AV	R	R	S	S	S	S
D. M. J. L.	F	F	S	F	F	F	F	S	S	S	S	S	S	F	AV	AV	S	S	S	S
D. T.	AV	AV	F	AV	AV	AV	F	S	S	F	F	AV	F	F	R	R	S	S	S	S
D. V. R.	F	F	F	F	F	F	S	S	S	S	S	S	S	F	S	S	S	S	S	S
F.F.	R	AV	R	R	N	N	AV	S	AV	R	R	N	N	R	NO	N	S	S	S	S
F. L.	F	S	F	F	F	F	S	S	S	S	S	S	S	F	AV	F	S	S	S	S
F. M. I.	F	S	F	F	F	F	S	S	S	S	F	S	S	S	AV	F	S	S	S	S
I. V. C.	S	S	F	S	F	F	S	S	S	S	S	S	S	S	AV	F	S	S	S	S
J. A. G.	F	F	F	F	F	F	S	S	S	S	F	S	S	S	R	F	S	S	S	S
K. M. A.	F	F	F	F	AV	AV	F	S	F	AV	AV	F	F	AV	NO	NO	S	S	NO	S
L. M. G.	F	F	F	F	AV	AV	F	S	S	F	F	S	S	F	AV	AV	S	S	S	S
L. N. B.	F	F	F	F	AV	AV	F	S	S	F	F	S	S	F	AV	AV	S	S	S	S
M. F. de P.	AV	R	R	R	R	R	AV	S	AV	AV	AV	R	AV	AV	R	N	S	S	S	S
M. P. S.	S	S	F	F	F	F	S	S	S	S	S	S	S	S	AV	F	S	S	S	S
M. M. R. M.	S	S	F	F	F	F	S	S	S	S	S	S	S	S	R	F	S	S	S	S
M. R. G. B.	F	F	F	F	F	AV	S	S	F	F	F	S	S	F	R	F	S	S	S	S
M. H. G.	F	F	F	F	AV	AV	S	S	F	F	S	S	S	F	AV	F	S	S	S	S
M. S. C. D.	AV	R	R	R	R	R	AV	S	AV	AV	AV	AV	R	R	NO	N	S	S	S	S
R. V. F. N.	AV	AV	AV	AV	R	AV	F	S	F	F	AV	AV	F	AV	R	AV	S	S	S	S
S. F. S.	S	S	F	S	F	F	S	S	S	S	S	S	S	S	NO	S	S	S	S	S
V. A. T.	F	AV	F	F	AV	AV	F	S	F	F	AV	S	F	AV	R	AV	S	S	S	S
Observações																				

Legenda: Sempre (S) Frequentemente (F) Algumas Vezes (AV) Raramente (R) Nunca (N) Não Observado (NO)

INDICADORES	EXPRESSIONÃO PLÁSTICA						EXPRESSIONÃO FÍSICO-MOTORA					
	Pinta dentro do espaço indicado	Faz composições colando materiais recortados	Recorta os materiais com facilidade	Faz representações de situações pedidas em desenho livre	Utiliza corretamente os materiais	Manuseia a tesoura com cuidado	Movimenta o corpo de acordo com instruções dadas	Cumprir as regras do jogo	Reconhece diferentes posições do seu corpo em relação a outro	Executa posições de equilíbrio	Executa fintas, mudanças de direção e velocidade	Associa pela contagem diferentes conjuntos
NOMES												
A. T.	R	F	R	F	R	R	AV	AV	AV	AV	F	R
A. S. F. L.	F	F	F	S	F	F	S	AV	F	F	F	R
A. M.	S	F	S	S	F	S	S	F	S	S	F	S
C. D.	AV	F	F	F	AV	F	S	F	S	S	F	S
D. F. F.	F	F	F	F	AV	F	S	F	F	S	F	F
D. M. J. L.	S	F	F	F	F	S	S	F	F	S	F	F
D. T.	F	F	AV	F	AV	AV	S	AV	AV	S	F	F
D. V. R.	S	F	F	S	F	S	S	F	F	S	F	S
F. F.	F	F	F	S	F	F	F	F	AV	S	F	N
F. L.	S	F	S	S	S	S	F	F	F	S	F	F
F. M. I.	F	F	F	F	F	S	F	F	F	S	F	F
I. V. C.	S	F	S	S	S	S	S	AV	S	S	F	F
J. A. G.	AV	F	S	F	AV	AV	F	F	F	S	F	F
K. M. A.	F	F	S	S	S	S	F	F	F	S	F	NO
L. M. G.	F	F	F	S	F	S	F	F	F	S	F	F
L. N. B.	F	F	F	S	F	F	F	F	F	S	F	F
M. F. de P.	F	F	F	S	AV	F	F	AV	AV	S	F	R
M. P. S.	S	F	S	S	S	S	S	F	F	S	F	F
M. M. R. M.	S	F	S	S	S	S	S	F	F	S	F	F
M. R. G. B.	S	F	S	S	S	S	S	F	F	S	F	F
M. H. G.	F	F	F	S	F	F	F	AV	F	S	F	F
M. S. C. D.	F	F	F	S	AV	F	AV	AV	F	S	F	R
R. V. F. N.	F	F	F	S	F	S	F	F	F	S	F	AV
S. F. S.	S	F	S	S	S	S	S	S	S	S	F	S
V. A. T.	F	F	F	S	F	F	F	F	F	S	F	AV
Observações												

Legenda: Sempre (S) Frequentemente (F) Algumas Vezes (AV) Raramente (R) Nunca (N) Não Observado (NO)

Anexo XXX- Planificação de 3/5/18

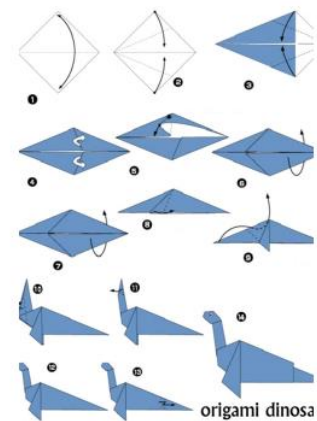
4º ano Turma 12	Planificação			3 de maio 2018 quinta-feira
Conteúdos	Objetivos	Estratégia / Atividades	Recursos	Avaliação
<p><b>Interdisciplinaridade- Confeção de pão: A receita/O ciclo do pão (setores e profissões) /Medidas de massa e capacidade</b></p> <p><b>Estudo do Meio À descoberta das inter- relações entre a Natureza e a Sociedade</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Principais atividades produtivas nacionais</li> <li>- Ciclos de produção               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Profissões</li> </ul> </li> <li>- Matérias-primas</li> </ul> <p><b>Português Oralidade</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Participar em atividades de expressão oral</li> </ul> <p><b>Leitura e escrita</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tipos de texto-ler e escrever diversos tipos de texto (a receita e banda desenhada)</li> </ul> <p><b>Matemática Geometria e Medidas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Medidas de capacidades e massa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar algumas atividades produtivas nacionais</li> <li>- Identificar e distinguir diferentes profissões</li> <li>- Identificar setores de atividades produtivas               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar unidades de medida de capacidade e massa</li> </ul> </li> <li>- Reconhecer as partes que constituem a banda desenhada e a banda desenhada</li> <li>- Escrever textos diversos (banda desenhada               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Rever textos escritos</li> <li>- Justificar opiniões</li> <li>- Retomar o assunto</li> <li>- Resumir ideias</li> </ul> </li> <li>- Reconhecer as unidades de medida de massa e capacidade na receita do pão</li> </ul>	<p><b>1.Envolver os alunos na atividade.</b> Relacionar a temática abordada em Estudo do Meio sobre as atividades produtivas com a confeção do pão, através de uma conversa inicial.</p> <p><b>2.Registar no quadro</b> uma tabela onde constam os diferentes setores de atividades económicas, profissões e produtos agrícolas envolvidos no ciclo do pão; registo no quadro e leitura da receita de pão (ingredientes e procedimentos); exercícios de conversão das medidas de massa (kg para g).</p> <p><b>3.Preparação de ingredientes</b> (pesagem) e dos recipientes necessários; preparação da massa de pão; ilustração e legendagem da banda desenhada do ciclo do pão.</p> <p><b>4.Apresentação das ilustrações</b> e legendas do ciclo do pão, feitas pelos alunos; comparação e melhoramento dos trabalhos.</p> <p><b>5. Terminar a prenda do dia da mãe.</b> Fazer íman com massa de moldar e terminar de tecer o cartão.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Forno</li> <li>- Farinha</li> <li>- Fermento</li> <li>- Água</li> <li>- Taça</li> <li>- Tabuleiros</li> <li>- Receita</li> <li>- Massa de moldar, tinta, lã e agulhas</li> <li>- Ciclo do Pão (banda desenhada)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Grelha de avaliação da sequência didática (anexo XXXIV)</li> <li>- Avaliação do envolvimento e participação</li> </ul>

**Anexo XXXI-** Escala de avaliação da sequência didática

Indicadores	Escala				
	1 (nunca)	2 (raramente)	3 (às vezes)	4 (frequentemente)	5 (sempre)
1. Participaram na discussão inicial sobre as questões envolvidas à confeção do pão					
2. Fizeram previsões acerca dos ingredientes e processos envolvidos					
3. Identificaram setores de atividades, profissões e ingredientes					
4. Experimentaram amassar o pão					
5. Legendaram de forma completa a banda desenhada					
6. Efetuaram previsões das medidas de capacidade dos recipientes					
7. Efetuaram as medições das medidas de capacidade dos recipientes					
8. Realizaram conversões entre as unidades de medida de capacidade					
9. Resolveram problemas e exercícios					
10. Comunicaram as suas previsões e compararam as conclusões					

# TEXTO INSTRUCIONAL

O CONVITE



A leitura de um texto instrucional deve proporcionar ao leitor uma série de instruções que lhe permitam concretizar corretamente uma ação, ainda que seja pela primeira vez.

## PARA QUE SERVE?

O texto instrucional destina-se a fornecer instruções, tendo por isso um caráter informativo, objetivo e claro.

Estes textos podem:

- incitar à ação;
- impor regras;
- fornecer instruções.



## ALGUMAS MARCAS TEXTUAIS

- Verbos, geralmente, de movimento (que incitam à ação);
- Formas verbais no imperativo (tome) e no Infinitivo (tomar).



## PODEM TER VÁRIAS FORMAS...

- Receitas (médicas ou culinárias);
- Leis e normas de comportamento;
- Instruções de utilização e montagem;
- Provérbios ("Entre marido e mulher ninguém mete a colher.", "Faz o que eu digo, não faças o que eu faço.");
- *Slogans* publicitários;
- Convites.

## O CONVITE

Destina-se a solicitar a presença de alguém para:

- Encontro;
- Aniversário;
- Casamento;
- Lançamento de uma obra;
- Exposição;
- Concerto;
- ...

## DEVE CONTER

- **Nome** de quem convida
- **Objetivo** do convite
- **Data** (dia e hora)
- **Local** (morada completa)
- **Assinatura** de quem convida

Nota: o nome do convidado geralmente escreve-se no envelope.

## QUE LINGUAGEM USAR?

Depende da relação que se tem com o convidado

- Formal
- Ou
- Informal

Anexo XXXIII- Planificação de 23/5/18

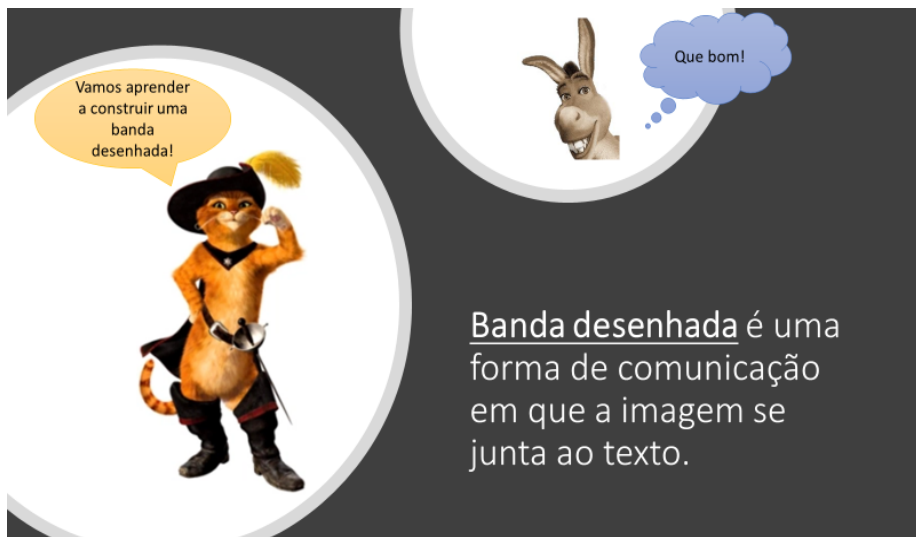
4º ano Turma 12	Planificação				23 de maio 2018 quarta-feira
Disciplina	Conteúdos	Objetivos	Estratégia / Atividades	Recursos	Avaliação
Português 9h-10h30	<b>Oralidade</b> <b>Leitura e Escrita</b> <b>Gramática</b> <b>Educação Literária</b>	- Participar em atividades de expressão oral -Promover o trabalho colaborativo -Escrever textos dialogais (falas, diálogos ou legendas para banda desenhada) -Identificar tipos de frase (frase imperativa) -Classes de palavras -Ler e ouvir ler textos literários diversos -Compreender o essencial de textos escutados e lidos	<b>1. Releitura do texto e esquema de “A princesa e a ervilha” (p. 148 à 150).</b> A est. pede aos alunos para rerelem, em voz alta o conto. Repete-se a leitura até que todos tenham lido. <b>2. Construir banda desenhada do conto.</b> Depois da leitura a est. recorda com os alunos alguns dos elementos que a banda desenhada deve respeitar e regista no quadro. De seguida, em grupos de 3, os alunos devem criar uma banda desenha com os momentos essenciais do conto, que podem consultar na p.150. Para contruírem o diálogo, os alunos devem seguir as indicações da p. 151, terminando com a revisão feita no exercício 3. À medida que terminarem os diálogos/falas, poderão começar a desenhar e criar a sua prancha. O resultado de todos os pares de trabalho será compilado num livro. <b>3. A frase imperativa-exercícios de aplicação p. 152 e 153 do manual.</b> Se houver tempo disponível far-se-á a resolução de exercícios da p. 152 e 153. Se não for possível, o próximo bloco de português começará por aqui.	Manual (p. 148 à 153) Folhas brancas Material para desenhar e colorir	Trabalho realizado em sala de aula Avaliação das bandas desenhadas Grelha de avaliação da leitura
<b>Matemática</b> 11h15-12h30	<b>Geometria e Medidas</b> -Volumes	-Reconhecer e estabelecer a relação entre as medidas de volume	<b>6. Correção de ACC:</b> caderno de fichas p.59, 62 (5), 63 (4)	Manual (p.126 à 129) Caderno de fichas (p. 59,62,63)	Trabalho realizado em sala de aula Grelha de avaliação do envolvimento e participação
<b>Matemática</b> 14h00-14h45			<b>8. Volume do cubo e paralelepípedo.</b> A est. pede que abram o manual na p.126 e 127, onde estão as indicações sobre a forma de calcular o volume do cudo e do e do paralelepípedo. A est. passa as fórmulas no quadro e explora as imagens com os alunos, alertando para a relação entre as unidades cúbicas necessárias para preencher cada figura.		
<b>AEE- Inglês</b> 14h45- 15h30	Este bloco será utilizado pela estagiária para preparar os momentos letivos seguintes.				
<b>E.A.F.M.</b> 16h30-17h30 <b>Interdisciplinaridade:</b>	-Manusear objetos em situações concretas	-Promover o trabalho colaborativo	<b>2. Terminar a banda desenhada do conto (Português)</b> <b>4. Terminar de construir dm3</b>	Cartolina/papel de cenário	Trabalho realizado em sala de aula
<b>Expressão Plástica,</b> <b>Português,</b> <b>Matemática</b>				Material para pintar/desenhar Massa de moldar Cola quente	Grelha de avaliação do envolvimento e participação
ACC (atividade de complemento curricular): Matemática-manual p.129					

## Anexo XXXIV- Apresentação digital “Banda desenhada”



### Banda Desenhada

Como se faz?



Prancha é uma página de BD.

Tira é uma faixa horizontal com uma ou mais vinhetas.

Vinheta é um quadrado ou retângulo de uma BD.



## Primeiro plano

Destaca uma personagem que surge normalmente "cortada" pela cintura



## Primeiro plano

## Plano de pormenor

Mostra um detalhe de um objeto ou do corpo de uma personagem.



## Balões



## Onomatopias

Por vezes, os autores recorrem a representações gráficas de sons ou ruídos por meio de desenho, letras ou palavras convencionais que os imitam. São as chamadas onomatopias.

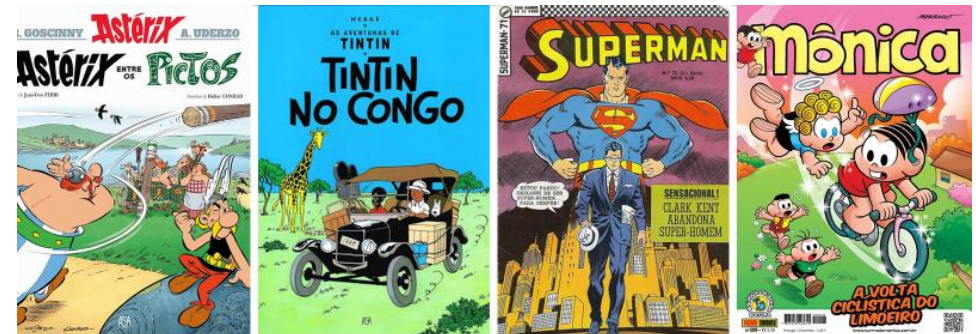
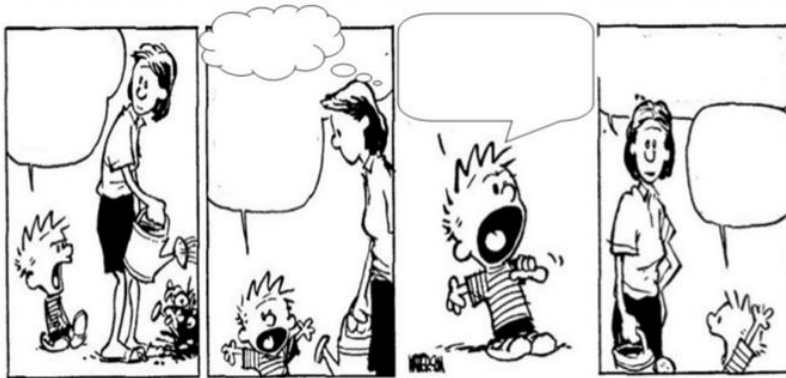




Um exemplo

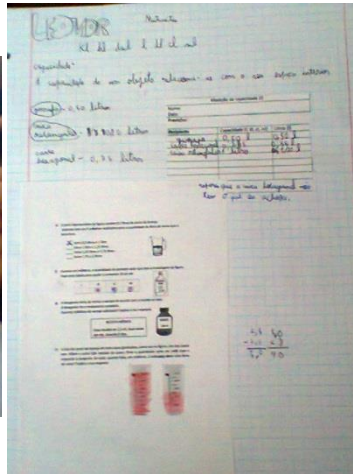


Experimenta

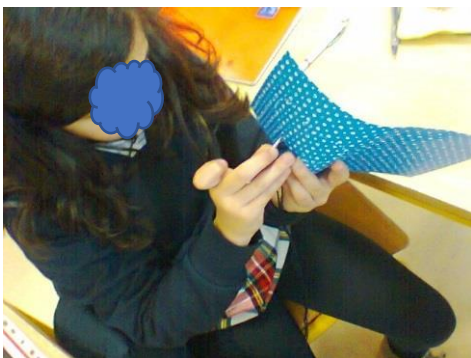


Fim

**Anexo XXXV- Imagens de outras atividades**



*Atividade de medição de capacidades. Alunos a fazerem as medições e registo das medidas de capacidade dos recipientes.*



*Atividade de Expressão Plástica, tecelagem. Aluna a tecer no cartão para o Dia da mãe e cartões feitos pelos alunos.*



*Atividade interdisciplinar de Expressão Plástica e Matemática. Construção de decímetro cúbico pelos alunos com pauzinhos e massa de moldar.*

*Atividade de construção, em grande grupo, do metro cúbico.*

## Anexo XXXVI- Apresentação digital “Qualidade do ambiente”



### A QUALIDADE DO AMBIENTE



### QUALIDADE AMBIENTAL

Qualidade ambiental é um conjunto de propriedades e características do ambiente, generalizada ou local, uma vez que afeta tanto o ser humano como outros organismos desse ambiente. Refere-se a características que dizem respeito tanto ao ambiente natural como o ambiente construído, como a qualidade do ar e qualidade da água ou do nível geral de poluição. Características essas que podem ser prejudiciais ao ser humano, direta ou indiretamente.

Poluição sonora: ruídos provocado pelo trânsito, comboios, aviões, obras de construção, música com volume alto.



Poluição do solo: acumulação de lixos domésticos em lixeiras ou nas ruas.



Poluição da água: resíduos industriais, esgotos domésticos não tratados, produtos químicos usados na agricultura(pesticidas, herbicidas, fungicidas), lixo doméstico.



Poluição do ar: libertação de gases ácidos e fumos da indústria, de automóveis, incêndios.



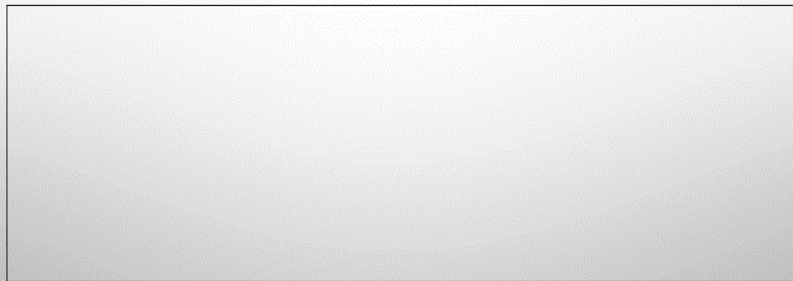
## O QUE PODEMOS FAZER?

### A POLÍTICA DOS 3 "R"

Reduzir	Reutilizar	Reciclar
Diminuir a utilização de produtos, como o plástico.	Nova utilização de produtos de vidro, como, por exemplo, as garrafas.	Com os materiais das embalagens de plástico, vidro, metal e papel, fabricar novas embalagens.



## MAIS ATITUDES PROMOTORAS DE UM AMBIENTE SAUDÁVEL





**viver almonda**

# Cross Trail

Ribeira Ruiva - Torres Novas

19 de Novembro

Prova Principal 20km  
Caminhada 10km  
Inicio 10:00 horas

12,5 passadas  
12 de Novembro (data limite)  
8 passadas Caminhada

Inscrições através FACEBOOK VIVER ALMONDA  
Limitado a 150 inscrições

## Descida de Canoas

12 e 13 Maio

# Rio Almonda

Da Nascente ao Rio das Pontes

[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/100009631387664/VIDEOS/PCB.646402472357460/646400289024345/?TYPE=3&THEATER](https://www.facebook.com/100009631387664/VIDEOS/PCB.646402472357460/646400289024345/?TYPE=3&THEATER)

[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/332193760539366/VIDEOS/434153280343413/?T=106](https://www.facebook.com/332193760539366/VIDEOS/434153280343413/?T=106)



### Protocolo ético de participação – entrevista semiestruturada

Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar de livre vontade no estudo da autoria de Raquel Maria de Carvalho Neves, aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Santarém), orientada pela Professora Doutora Maria João Cardona, no âmbito do Relatório de Estágio.

Foram-me explicados e compreendo os objetivos principais deste estudo. Assim, aceito responder a uma entrevista que explora questões sobre Expressão Plástica. A data, hora e local da realização da referida entrevista são marcados por consenso entre o entrevistador e eu, de acordo com a minha disponibilidade

A minha participação neste estudo é voluntária e fui esclarecido que, em primeiro lugar, posso desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim e, em segundo lugar, caso seja minha vontade, posso solicitar uma cópia da entrevista.

Entendo, ainda, que toda e qualquer informação obtida, neste estudo, será estritamente confidencial e que a minha identidade nunca será revelada em qualquer relatório ou publicação, ou a qualquer pessoa não relacionada diretamente com este estudo, a menos que eu o autorize por escrito.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 20\_\_\_\_\_

O/A participante:

\_\_\_\_\_



## Autorização para uso de fotografias



Eu, Raquel Maria de Carvalho Neves, estagiária de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Santarém, venho por este meio solicitar a vossa autorização para fotografar/filmar atividades onde o seu educando esteja envolvido para ser utilizadas apenas para fins de construção e avaliação do portefólio da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada I/II. É necessário documentar as atividades efetuadas durante o período de \_\_\_\_\_. Clarifico ainda o facto de que o seu educando nunca será explicitamente reconhecido, pois irei evitar a captação de imagens que evidenciem nitidamente a sua identificação.

Eu, \_\_\_\_\_, encarregado/a de educação de \_\_\_\_\_, do estabelecimento \_\_\_\_\_ (Santarém), autorizo/não autorizo (**riscar o que não interessa**) que sejam tiradas fotografias onde incluam o/a meu/minha filho/a.

Grata,

Raquel Maria de Carvalho Neves

Assinatura:

---

Anexo XXXIX- Transcrição integral das entrevistas de EA, EB, PA e PB

<b>Local da entrevista:</b> Realizada na sala de atividades
<b>Entrevistador:</b> Raquel Neves <b>Entrevistado:</b> EA <b>Data:</b> 19/11/2018 <b>Hora:</b> 15:45
<b>Condições em que se realizou a entrevista</b>
A entrevista foi realizada no local e hora acordados com o entrevistado, tendo em conta a sua opinião e disponibilidade pessoal. Assim sendo, realizou-se na sala de aula, durante um momento de intervalo. Em função da sala se encontrar vazia, não se notou qualquer ruído de fundo, o que terá permitido que as falas se tornassem perceptíveis
<b>Bloco 1– Formação e experiência profissional</b>
<b>1.1. Conhecer as razões para a escolha da profissão.</b>
<b>1.2. Qual o relevo da formação de educadores/professores para a prática da Expressão Plástica?</b>
<b>1.1.1. Há quanto tempo é educador(a) de infância?</b> Há 36 anos.
<b>1.1.2. Há quanto tempo se formou em Educação de Infância?</b> Há 36 anos.
<b>1.1.3. Há quanto tempo exerce a sua profissão neste estabelecimento?</b> Há 5 anos.
<b>1.1.4. O que o levou a escolher esta profissão?</b> <i>Sempre gostei de imitar as minhas professoras. Quando era pequena, as minhas brincadeiras incidiam sempre em ser professora, quero dos meus primos mais novos quer das bonecas. Até fazia cadernetas, testes e dava notas. Sempre sonhei ser educadora ou professora. Adoro trabalhar com crianças.</i>
<b>1.2.1. A sua formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências pedagógicas no domínio da Expressão Plástica?</b> <i>Sim. A minha formação inicial contribuiu muito para que, ao longo da minha carreira, tenha dado grande importância à expressão plástica. A formação inicial deu grande ênfase a este domínio, contribuindo para que eu valorizasse a importância do mesmo no desenvolvimento das crianças. E, por sua vez, sei que vai interferir na aquisição das competências nas várias áreas ou domínios.</i>
<b>1.2.2. Sentiu necessidade de desenvolver as referidas competências após ter terminado o curso? Se sim, onde e como?</b> <i>Não senti grande necessidade. No entanto, neste e noutros domínios, tento sempre alargar os meus conhecimentos, por forma a melhorar o meu desempenho, de forma a alcançar os meus objetivos.</i>
<b>Bloco 2- Importância da expressão Plástica nas aprendizagens das crianças</b>
<b>2.1. Quais as concepções acerca da Expressão Plástica?</b>
<b>2.1.1. Qual a importância da Expressão Plástica no Pré-Escolar?</b> <i>As atividades de expressão plásticas são de extrema importância em todas as idades, pois servem de ponte para as crianças exprimirem livremente as suas ideias, sentimentos, emoções, vivências, experiências, por vezes difíceis de se exprimirem pela linguagem verbal. E ainda estimulam a criatividade, a comunicação, contribuem para o aumento da concentração e são também fatores do desenvolvimento motor, afetivo, social e desenvolvimento da escrita</i>
<b>2.1.2. Qual a importância dada ao domínio da Expressão Plástica no “currículo” da Educação Pré-escolar?</b> <i>No jardim de infância é dada muita importância ao domínio da expressão plástica, pois favorece o desenvolvimento de competências que contribuem para o desenvolvimento global da criança. O educador fomenta a criatividade, a imaginação, guiando as crianças nas suas descobertas e abrindo caminho à experimentação de novas possibilidades e potencialidades que a expressão plástica oferece que, por sua vez, favorece o interesse e a motivação das crianças face a novas aprendizagens.</i>
<b>Bloco 3- Papel do educador/professor nas atividades de Expressão Plástica</b>
<b>3.1. Como são organizadas as atividades de Expressão Plástica?</b>
<b>3.1.1. Prepara as atividades antecipadamente?</b> <i>Preparo sempre antecipadamente o meu trabalho em todas as áreas ou domínios. Invisto muito tempo em pesquisas neste domínio e planifico com as crianças o que vamos fazer, articulando com outras áreas do saber.</i>
<b>3.1.2. Prevê atividades de Expressão Plástica?</b> <i>Todos os dias! A expressão plástica é um auxiliar técnico-pedagógico do processo ensino-aprendizagem e grande parte das crianças tem preferência por este domínio, daí todos os dias trabalhamos.</i>
<b>3.1.3. Qual a duração média de uma atividade de Expressão Plástica?</b> <i>Depende da motivação e envolvimento das crianças. E, como a crianças podem não estar todas a realizar a mesma atividade ao mesmo tempo, acontece que uma criança pode estar envolvida um tempo, por exemplo na modelagem, e outra criança pode passar dessa atividade para outra, caso assim o pretenda. Se não estiver motivada pode estar menos tempo... é flexível.</i>
<b>3.1.4. Que área de exploração costuma ser abordadas na sala de atividades (por exemplo, modelagem, pintura de expressão livre, cartazes, escultura)?</b> <i>Desenho livre ou baseado numa temática ou história. Pintura de expressão livre ou orientada, por exemplo a pintura coletiva, por exemplo a pintura do Pai Natal que está lá fora. “Vamos fazer um Pai Natal?” ou pode ser livre, cada um faz o que quer. Modelagem, dobragem (menos nestas idades), mas</i>

às vezes faço uma para eles, por exemplo...ah... faço a vela de um moinho e eles fazem o moinho... ah... rasgagem, recorte e colagem, reciclagem. Utilizamos materiais recicláveis para construir determinadas coisas, estampagem, digi-tinta, pintura com rolinhos, pintura com as mãos. Tudo um pouco, é de tudo.

**3.1.5. Que tipo de materiais costuma utilizar nas atividades de Expressão Plástica?** *Utilizo muito materiais reutilizáveis. Eles trazem rolinhos, eles trazem rolos de papel higiênico, caixas... aproveitamos tudo! Tanto podem fazer aqui nesta mesa, que é o cantinho do recorte e da colagem, como também podem fazer em grande grupo, como podem fazer ali, depende. Às vezes quando estão nas áreas fazem aqui, querem vir fazer para aqui vêm, mas também podem estar ali se preferirem. Além dos materiais reutilizáveis, das folhas, rolos de papel, tudo isso, folhas secas, utilizamos tintas, lápis de cera, de cor, marcadores, esponjas, pincéis, massa, barro, plasticina, tesouras, colas, rolinhos, lixas, giz, papel de cenário. Imensa coisa.*

**3.1.6. Na sua opinião, que critérios devem ser atendidos na formulação das estratégias de ação educativa no domínio da Expressão Plástica?** *Primeiro a educadora deve estar ciente das necessidades individuais de cada criança, para adequar mais facilmente a sua prática, de forma a favorecer aprendizagens significativas e diferenciadas. Estar atenta e conhecer bem o grupo, de forma a motivá-lo para a expressão plástica. Também deve ter uma atitude pedagógica não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades. A educadora pode transmitir sugestões diversas, apontando alternativas de estilo e fazer a criança sentir que o produto final é digno de apreço. É importante que a criança sinta que aquilo que fez é importante, foi o que ela conseguiu. A educadora não deve propor atividades direcionadas, mas sim facilitadoras em que os conteúdos e os objetivos sejam alcançados utilizando metodologias diversas e proporcionando às crianças momentos lúdicos, envolventes ao gosto da criança. É fundamental não obrigar. Por exemplo, há crianças que até nem gostam de pintar com a mão, não podemos obrigá-las, mas tentar motivá-las “Experimenta lá que é tão bom, vais ver que gostas”, porque elas a primeira vez podem não querer, mas da segunda ou da terceira vêm o trabalho dos outros e também querem fazer. “Eu ainda não fiz”, aqui na minha turma usam muito este termo “Eu ainda não fiz”.*

**3.1.7. Quais os critérios que costuma ter na planificação, desenvolvimento e avaliação das atividades de Expressão Plástica?** *Eu tento planificar de forma sistemática, integrada e aberta aos conhecimentos fundamentais que estão na base deste domínio. Proporcionar às crianças a participação ativa no processo criativo, sensibilizar para a arte. As atividades devem ser motivadoras e ao mesmo tempo devem permitir que o educador possa compreender o desenvolvimento global e a evolução da criança e do grupo. Os trabalhos realizados devem permitir uma retrospectiva do processo de evolução das crianças e do grupo. Simultaneamente, também poder transmitir aos pais e à comunidade o trabalho que fizeram. A expressão plástica desenvolve nas crianças as capacidades necessárias para interagir como meio cultural que nos circunda.*

#### **Bloco 4- Características potenciadoras de aprendizagens das crianças**

##### **4.1. Quais as potencialidades das atividades de Expressão Plástica?**

**4.1.1. As atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?** *Através da expressão plástica a criança adquire uma habilidade mental maior e uma capacidade de criar também maior originando conseqüentemente um crescimento a vários níveis. Assim como o estímulo para ter iniciativa perante diferentes situações e uma maior facilidade de comunicar com o mundo. Por sua vez, a expressão plástica desenvolve competências transversais às várias áreas e a criança pode descobrir-se a si própria e ao mundo que a rodeia.*

<b>Local da entrevista:</b> Realizada na sala de atividades
<b>Entrevistador:</b> Raquel Neves <b>Entrevistado:</b> EB <b>Data:</b> 19/11/2018 <b>Hora:</b> 16h
<b>Condições em que se realizou a entrevista</b>
A entrevista foi realizada no local e hora acordados com o entrevistado, tendo em conta a sua opinião e disponibilidade pessoal. Assim sendo, realizou-se na sala de aula, durante um momento de intervalo. Em função da sala se encontrar vazia, não se notou qualquer ruído de fundo, o que terá permitido que as falas se tornassem perceptíveis
<b>Bloco 1 – Formação e experiência profissional</b>
<b>1.1. Conhecer as razões para a escolha da profissão.</b>
<b>1.2. Qual o relevo da formação de educadores/professores para a prática da Expressão Plástica?</b>
<b>1.1.1. Há quanto tempo é educador(a) de infância?</b> <i>Há 27 anos.</i>
<b>1.1.2. Há quanto tempo se formou em Educação de Infância?</b> <i>Há 27 anos também... foi em '91. Comecei logo a trabalhar.</i>
<b>1.1.3. Há quanto tempo exerce a sua profissão neste estabelecimento?</b> <i>Nesta escola ah... deixe-me lá fazer contas. Vim para aqui em 2006, há 12 anos.</i>
<b>1.1.4. O que o levou a escolher esta profissão?</b> <i>Não foi a minha primeira opção, porque eu andava para Educação Física. Só que, entretanto, me lesionei e depois as coisas aconteceram. Não foi uma coisa que eu tivesse dito, olha vou estudar para isto, mas quando comecei a entrar no curso, pronto, deslumbrei-me claro! É mesmo isto que eu quero fazer e é realmente o que eu gosto de fazer. Não lhe vou dizer, ah quis ser educadora porque gosto mesmo de crianças, não. Não foi a minha primeira opção... a vida levou-me para isso, mas ainda bem. Acho que se calhar sou mais realizada do que se fosse professora de Educação Física.</i>
<b>1.2.1. A sua formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências pedagógicas no domínio da Expressão Plástica?</b> <i>Claro que sim! E ainda bem que na minha formação inicial, na minha licenciatura em Educação de Infância, a expressão plástica estava lá. É evidente que, ao fim de 27 anos, as coisas têm outra visão, têm outra maneira e temos que estar atualizadas. E eu, é engraçado, porque tinha aqui e deitei fora, porque com o tempo as folhas foram colando... e eu fui ver e claro que havia coisas que, no nosso dia-a-dia não se fazem. Eu falo por mim. Há técnicas, algumas difíceis, não é? E a gente vai escorando, vai pondo de parte e realmente vai buscar aquilo que os grupos pedem e aquilo que melhor vai realizar e satisfazer as ideias das crianças e o melhor também para ti, como profissional. Olha eu preciso daquela técnica porque eu quero que a criança desenvolva determinada competência, e vamos vendo ao longo do tempo. É como tudo. Não é só na plástica, é como em todas as áreas, está sempre a sofrer alterações.</i>
<b>1.2.2. Sentiu necessidade de desenvolver as referidas competências após ter terminado o curso? Se sim, onde e como?</b> <i>É assim, quando a gente está no início da nossa carreira, é aquela e às vezes não consegue fazer tudo o que está ali. Mas, depois começa a ver que há técnicas e há estratégias que realmente tu manténs ao longo do teu profissional, da tua prática pedagógica, e outras não valorizas porque ou são demasiado difíceis, ou são materiais caros. Eu tenho uma coisa, que eu, acho eu, por acaso sou muito criativa, mas eu gosto muito de pegar em coisas e criar e levá-los a criar. Uso muito material reutilizado e partir disso a gente pode fazer muita coisa e é isso que a expressão plástica permite: criar, imaginar e reproduzir!</i>
<b>Bloco 2- Importância da expressão Plástica nas aprendizagens das crianças</b>
<b>2.1. Quais as conceções acerca da Expressão Plástica?</b>
<b>2.1.1. Qual a importância da Expressão Plástica no Pré-Escolar?</b> <i>É assim, nós somos um nível de ensino que aprimoramos pela expressão plástica, as artes visuais, toda esta parte das expressões ser o nosso foco, não é? É através delas que nós conseguimos chegar a outros conteúdos e outras aprendizagens. É extremamente importante e necessário.</i>
<b>2.1.2. Qual a importância dada ao domínio da Expressão Plástica no “currículo” da Educação Pré-escolar?</b> <i>Pois, nós temos as orientações e elas realmente apontam para que, as nossas orientações, o nosso “currículo”, se abranja todas as áreas, porque todas são importantes. Mas nós, no pré-escolar, penso eu, na minha ideia, a parte da plástica, das expressões, é quase o arranque para quase tudo, para mim. É através delas que a gente chega aquilo que nós queremos, os projetos, os conceitos, os conteúdos... tudo parte, a gente vai sempre às expressões. É fundamental, é base quase. Porque tu trabalhas a matemática na expressão plástica, tu trabalhas a linguagem e a abordagem à escrita, na expressão plástica. Tudo passa pela plástica. A plástica acaba por ser a ferramenta que pode... Não pode, concretiza os projetos e as ideias das crianças. Por exemplo, se a criança diz assim, eu quero fazer um rato ou eu quero ser um rato, era mais fácil eu chegar e mostrar uma imagem de um rato. Mas, nós não queremos só isso. Nós queremos desenvolver outras coisas e que a crianças também desenvolva e a expressão plástica é um mundo que nós temos ao nosso dispor e que nos facilita muito a nossa forma de trabalhar.</i>
<b>Bloco 3- Papel do educador/professor nas atividades de Expressão Plástica</b>
<b>3.1. Como são organizadas as atividades de Expressão Plástica?</b>

**5.1.1. Prepara as atividades antecipadamente?** *Preparo, mas tenho uma coisa comigo que... tenho sempre espaço para o novo, para o improviso e temos todos de ter esse momento. Porque tu podes levar assim: aí amanhã vou fazer, imagina, agora estou a olhar para ali, vamos fazer o puzzle da pêra! Queria fazer o puzzle da pêra, mas tenho ali três coisas diferentes: meninos de 6 anos e 5 têm mais peças e os meninos de 3 têm menos peças. E tu tens de levar material preparado para o teu grupo, não é? Imagina que a criança te diz assim: "Ai eu não quero fazer assim, eu quero fazer desta maneira; Oh Ana e se fizermos com aqueles materiais?" Por isso, nós temos de ter sempre uma brecha para o improviso, aliás, é principal.*

**E- Uma planificação é uma coisa aberta, flexível.**

*Sim, aberta e flexível! Já me aconteceu pensar assim, ah, porque agora isto vais ao digital e é um mundo, não é? E tu vês assim, vou dar o exemplo deste rato. Não foi da minha ideia, eu vi. Não está igual, nunca fica. Porquê? Porque tem traços das crianças, tem outras cores. Ou seja, tu podes levar um modelo, mas depois, com a contribuição das crianças, acabas por fazer coisas diferentes. Guardas o modelo, já não interessa, já não está no contexto. Pode não ficar tão bem, mas é partir deles (crianças). Eles até podem chegar à conclusão: "Oh Ana, não ficou tão bem! Oh Ana, até ficou melhor!" Mas depois temos de os deixar. Não me interessa se ficou bonito ou feio. É o trabalho deles. O que é que é bonito e feio? O trabalho é da criança! E os pais têm de começar a ver que cada idade tem o seu ritmo, cada idade tem a sua forma de reprodução e de realização, pronto. Cada idade é o seu tempo, o seu grafismo, tem o seu recorte, a sua rasgagem, isso faz tudo parte.*

**3.1.2. Prevê atividades de Expressão Plástica?** *Sempre, sempre! E às vezes também pode acontecer, e se calhar acho que já aconteceu, tu às vezes não teres nada pronto, ah... queres... jogos, porque eu também trabalho muito a parte de expressão corporal, como tudo, dá para trabalhar tudo. E às vezes não tens uma atividade de expressão e o grupo: Ana, hoje ainda não fizemos na mesa; o que é que vamos fazer hoje? Estás a ver? Improvisas. Coisas, mesmo técnicas que tu não dominas, improvisas. Eu não domino as técnicas todas, nem tenho essa pretensão. Às vezes, surgem ideias no momento, e tu tens os materiais. Uma coisa que eu faço sempre: planeio e vejo. Tenho estes materiais, preciso destes materiais, mas às vezes não se consegue tudo, não é? Improvisas com o quê? E, às vezes, ainda fica melhor.*

**3.1.3. Qual a duração média de uma atividade de Expressão Plástica?** *Hum, não sei contabilizar... É assim, o tempo de durar a tarefa. E claro, há crianças, lá está, temos de ir ao encontro do ritmo da criança. Há crianças que são rápidas e fazem bem, outras que são mais lentas. Mas também depende das idades. Há crianças que são autónomas e fazem sozinhas até ao fim, outras precisam de ajuda. Por isso, não te vou dizer o tempo, mas é o tempo de conclusão da tarefa.*

**3.1.4. Que área de exploração costuma ser abordadas na sala de atividades (por exemplo, modelagem, pintura de expressão livre, cartazes, escultura)?** *Várias técnicas... desenho livre gosto muito. Desenho, desenho de tudo. Seja da figura humana, seja de qualquer coisa que se tenha falado. Porque é muito importante a criança conseguir reproduzir o que vivencia. Ainda hoje, tenho estas barrinhas de madeira de várias cores, e o que é que uma menina fez? Fez um corpo humano, que era o dela, com as barras, grande, e fez o nome com as barras. E ela disse: "Ana, vou pôr no papel."*

**E- Vai desenhar.**

*Sim, foi desenhar. É muito importante a criança, lá está, isto já é mais avançado, uma criança de 3 anos não teria reproduzido nem se teria lembrado de fazer isto. É o hábito, é a prática. E tu vais a ver e é fantástico como elas têm essa capacidade de reproduzir. É o desenho, gosto muito do recorte, da rasgagem, do recorte livre. Às vezes dou isto, linhas curvas e eles vão recortando, ah, tento ter sempre o material adequado, para os direitos e para os esquerdos. Rasgagem também faço, gosto muito e colagem. Gosto muito da técnica do mosaico. Digitinta faço, mas gosto muito da massa de moldar, gosto muito de fazer. Geralmente costumo ter um dia, à sexta-feira, faço e levam no fim-de-semana a massa para casa. Escolhem uma cor ou duas e fazemos a massa e depois eles criam o que quiserem com aquela massa e depois levam para o fim-de-semana, ainda dura. Lá está, os pequeninos vêm a massa e a farinha e não sabem bem ainda para o que é, mas depois vêm os mais velhos e começam a imitar.*

**E- Uma vantagem de ter uma turma mista...**

*É. Tenho de 3, tenho de 5 e de 6. Valorizo muito o desenho livre, a pintura, pintar. Tenho uma técnica, por exemplo ali, eles têm o marcador e os lápis de cor e têm os lápis de cera. Geralmente os lápis de cera até começo com os mais novinhos a pintar com os lápis de cera. Mas os grandes usam muito o marcador, para quê? Eles já sabem, não podem pintar, não podem. Por duas razões ou três: furam a folha, lá se vai o bico e depois os pais têm de trazer uma caixa de marcadores nova e sujam-se todos nas mãos. Então, o que é que nós combinámos? Marcadores para linhas abertas, fechadas e podem criar formas, estás a ver, e acho que fica de uma criatividade fantástica. E depois lápis de cor: preencher. Eles já sabem. Claro que eles gostam muito do marcador, tem as cores mais vivas, mas também temos de incutir na criança, uma coisa que gosto muito, a estética. O cuidar dos trabalhos, a apresentação dos trabalhos, as combinações. Isto é muito importante, trabalhar o sentido estético na criança. Pronto, depois tu vês que a criança faz, percebe, compreende e depois concretiza. Há alguns que já fazem as duas técnicas juntas não é. Isso porquê? Eu não sabia. Aprendi isso na minha formação, há uns 4 ou 5 anos, ao nível da expressão plástica. E acho que o meu dossier é digno de ser visto, não sei se tens tempo para ver...*

**E- Tenho, tenho.**

*Eu fiz tudo contextualizado.*

**E- É um portefólio.**

*É, é um portefólio. Pronto, estás a ver. Foi em 2011. Isto foi tudo contextualizado e estão aqui todas as técnicas. O meu molde foi sempre o golfinho, usei sempre o golfinho para tudo. Há aqui técnicas mais difíceis, mas alguns eu até aproveitava os trabalhos dos meninos porque aplicava com eles. Depois eu apliquei sempre o que estava a aprender na formação na sala de aula. A professora ficou encantada com o meu portefólio.*

**3.1.5. Que tipo de materiais costuma utilizar nas atividades de Expressão Plástica?** *Pronto, eu não me limito, aliás eu apaixono-me mais por trabalhos que têm como base outros materiais. O cartão, as embalagens do leite... temos uma forma de trabalhar que nos permite explorar muita coisa e sermos flexíveis e irmos de encontro aos projetos das crianças. Pensar... ok querem fazer. "Vamos fazer com o quê? Como podemos fazer?" Levar as crianças a esse caminho e mostrar materiais diferentes. Porque se a criança não os vir, não se vai lembrar. Agora se tiveres cartão, folhas coloridas, tintas diferentes, pincéis diferentes. Porque se a criança não tiver material diferenciado, como é que vai criar? Se a criança quer fazer e pintar de outra cor, porque é que hei-de dizer que não se a criança quer fazer doutra maneira? E porque é que não pode fazer? Temos de dar espaço e liberdade, senão estamos a castrar as crianças. A criatividade delas, que está no auge, já basta quando chegar ao 1º ciclo, que é como um cubículo e não se tem se calhar tanto espaço. Quando quero fazer numa atividade, nunca mostro só uma coisa. Ponho sempre várias coisas, várias maneiras, várias formas e pergunto sempre, por exemplo: "Só podemos fazer este trabalho recortado? E rasgado? E pintado? E pintamos com o quê? Só podemos pintar com o pincel?" Levo-os a pensar e depois recorremos a outras formas de concretizar. Pintar com os cotonetes, por exemplo, pintar com as mãos. Por exemplo, no outro dia houve a história do castanho, dum colega que faz histórias. Esta era sobre o castanho, como se faz o castanho. Então foi o verde que encontrou o vermelho, eram dois círculos, o verde caiu em cima do vermelho e ficou castanho. Então o que é nós fizemos? Levei o vermelho e levei o verde e pus uma mão vermelha e outra mão verde e depois dei as mãos e tcharan, ficaram as mãos castanhas. E são estas estratégias que tu também tens que deixar. Outra: no ano passado fiz bonecos de neve com sal fino, duraram o ano inteiro. Leva é muito sal fino.*

**3.1.6. Na sua opinião, que critérios devem ser atendidos na formulação das estratégias de ação educativa no domínio da Expressão Plástica?** *O grupo, as ideias e os projetos do grupo, as necessidades, as idades, se é uma atividade de exterior ou de interior. Temos de pensar, por exemplo, queres fazer uma atividade e o que queres conseguir com essa atividade, qual a área que queres ver retratada. Tens de ter tudo em conta e também os materiais para poderes pôr em prática a ideia.*

**3.1.7. Quais os critérios que costuma ter na planificação, desenvolvimento e avaliação das atividades de Expressão Plástica?** *Já respondi há bocado... e procuro sempre em termos de avaliação. Espera que vou buscar. Por exemplo, o que nós fizemos pelo S. Martinho e o magusto. Tem aqui as atividades que eles fizeram e eles preenchem: o como fizemos? O que fizemos? Tem aqui as várias coisas, a história do castanho, como se faz o castanho, a lenda do S. Martinho, a Maria Castanha, o ratinho, a máscara do rato a partir da forma da castanha, a adivinha da castanha, a lenga-lenga. E eles agora o que vão fazer? Se gostaram, vão pôr uma carinha verde, se não gostaram põem uma carinha vermelha. Depois também temos o jornal do 1º período, com tudo contextualizado.*

**Bloco 4- Características potenciadoras de aprendizagens das crianças**

**4.1. Quais as potencialidades das atividades de Expressão Plástica?**

**4.1.1. As atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?** *Claro, claro, claro. Por exemplo, queres trabalhar a matemática, o sentido do número. Posso por o grafema e agora quero que a criança me ponha bolas, quadrados ou pintas, ou recortes pedaços de papel de acordo com a quantidade. Por exemplo, sei lá. Com a música: ouvir sons e deixar o teu braço desenhar ao som do que está a ouvir. Outro exemplo: desenhar o som do que está a ouvir (imagina que ouves o som de um rato, então desenhavas o rato), os mais velhos desenhavam, os mais novos podem rodear a imagem do rato. Por exemplo, vamos fazer a dramatização da poesia da fruta. Então vamos fazer as imagens, fazer os fantoches. Tudo, tudo se liga à expressão plástica. É um complemento essencial das tuas atividades e potencia aprendizagens significativas.*

<b>Local da entrevista:</b> Realizada na sala de atividades
<b>Entrevistador:</b> Raquel Neves <b>Entrevistado:</b> PA <b>Data:</b> 20/11/2018 <b>Hora:</b> 14h
<b>Condições em que se realizou a entrevista</b>
A entrevista foi realizada no local e hora acordados com o entrevistado, tendo em conta a sua opinião e disponibilidade pessoal. Assim sendo, realizou-se na sala de aula, durante um momento de intervalo. Em função da sala se encontrar vazia, não se notou qualquer ruído de fundo, o que terá permitido que as falas se tornassem perceptíveis
<b>Bloco 1 – Formação e experiência profissional</b>
<b>1.1. Conhecer as razões para a escolha da profissão.</b>
<b>1.2. Qual o relevo da formação de educadores/professores para a prática da Expressão Plástica?</b>
<b>1.1.1. Há quanto tempo é professor(a) de 1º ciclo? Há 38 anos.</b>
<b>1.1.2. Há quanto tempo se formou em Ensino de 1º Ciclo? Bem, eu tirei, eu já fiz com licenciatura, já fiz com o novo curso de 3 anos e já tinha licenciatura noutras áreas.</b> <b>E- Não foi a sua primeira experiência?</b> <i>Não foi a minha primeira. Foi a minha primeira em educação. Tirei tradutora intérprete de Inglês-Alemão, ainda passei num banco, depois fui para o magistério primário em Santarém. Foi, portanto, há 38 anos.</i> <b>E- Então começou logo a lecionar?</b> <i>Sim, estive 5 anos no 1º ciclo, ahhh, uma data de anos no 2º ciclo. Fiz Educação Especial, fiz ensino de adultos, formação de adultos (formação de competências). Eram cursos complementares que davam a frequência do 1º ciclo, que davam a conclusão do 1º ciclo, para pessoas que não tinham a 4ª classe, era assim que se chamavam. Dei formação nesse âmbito, também participei em vários trabalhos na universidade. Mais tarde fiz licenciatura em História e Português e História, 2º ciclo. Depois voltei para o 1º ciclo há cerca de 15 anos, para aí.</i>
<b>1.1.3. Há quanto tempo exerce a sua profissão neste estabelecimento? Aqui neste agrupamento estou para aí há 13,14 anos.</b>
<b>1.1.4. O que o levou a escolher esta profissão? Como eu já lhe disse, eu fui para o banco. Estive no banco 3 dias. Ao fim de 3 dias desisti, aquilo para mim não era forma de trabalhar. Não tinha criatividade, era só monotonia, para mim repare. Ahh... não gostei e vim-me embora. Entretanto casei, fiquei grávida, tudo num ano, fiz concurso ao magistério primário, que na altura já era com 3 anos. Entravam 40 vagas, entre 600 entrei. Eu sem matemática do 7º ano, que era obrigatória. Não sei como fiz, mas entrei.</b>
<b>1.2.1. A sua formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências pedagógicas no domínio da Expressão Plástica? Eu tive, tive aquela área de expressão plástica. Na altura não era expressão plástica, aquilo tinha um desenvolvimento. Bem, eu sei que tinha qualquer coisa a ver com a estética, estética visual, era os modelos, mais os modelos. Na minha época, não se esqueça que eu tenho 64 anos, 64 anos, ou seja, ainda foi naqueles princípios em que havia muito os modelos. Era aquele modelo e aquele modelo é que era lindo. E eu como sou muito do contra, sempre contestei tudo, entende? Realmente houve uma coisa boa que tirei dali, acho que comecei a observar a parte estética das coisas, de tudo, pormenores. Essa parte, foi a parte que eu retirei. Agora, daqueles modelos, nada me ficou. Eu depois enveredei por um caminho, aliás, nos primeiros anos era muito explorar. Até porque os alunos, aqui há uns anos, tinham muita dificuldade em mexer, fosse em que materiais fosse. Todo o tipo de material, que não fosse a caneta e o lápis, para eles era um horror. Pronto, comecei muito por, ahh sei lá, fiz montes de atividades desse tipo de explorar.</b>
<b>1.2.2. Sentiu necessidade de desenvolver as referidas competências após ter terminado o curso? Se sim, onde e como? Sim, sim. Isso foi tudo fruto de muitas pesquisas, todos os dias. Não haja dúvida. Eu trabalhei com todas as técnicas, repare, ensinaram-nos todas as técnicas, nós tivemos acesso a várias técnicas de trabalhar. Mas pronto, dali eu comecei a indagar e fui muito para outro, para explorar esses campos mesmo, mas onde havia um pouco de criatividade, onde havia um pouco do eu pessoal. Hoje já faço diferente. Embora eles têm liberdade para pôr... nós damos o modelo não é, ajustam eles o que é que fica melhor. Agora o método é sempre, não imponho o modelo e é com materiais e recursos, porque às vezes, nem sempre temos muitos materiais, o problema está aí. Somos nós que temos que arranjar e nesse campo pronto, depois vamos fazer um modelo e depois se eles querem fazer todos igual. Às vezes variar, eu gostaria muito que eles partissem para outras... e aí é difícil. Com este grupo não, mas eu já tive vários grupos, que durante os anos que estiveram comigo... tive um grupo, aqui há uns anos, muito bom. Esse grupo utilizava, por exemplo, tinha que sair uma Maria Castanha e eu dava-lhes a cabeça e eles tinham botões, tecidos, lãs e eles optavam por construir o seu próprio modelo. Hoje também não há muito tempo para isso. Nós antes tínhamos mais tempo. Para já, porque aquilo requer também muita preparação da nossa parte. Para já, eu tinha uma sala cheia de bugigangas, tinha um armário cheio de caixas e caixinhas e caixotes, restos de tecidos e restos de lãs, restos de</b>

não sei quantos, papéis de embrulho, fitas de embrulho, de tudo! Depois, era só chegar ali e pôr numa mesa ao dispor. Eles próprios recolhiam materiais em casa, os laços, os papéis, era tudo aproveitado. Primeiro comecei por ser eu a levar, depois começaram eles a trazer. Isso tudo é muito bom para depois explorarmos essas coisas na expressão plástica. Por isso, há sempre necessidade de aprender mais. Eu nunca me sinto bem preparada, o problema é esse. Uma coisa é certa, eu acho que eles ao trabalharem a expressão plástica, com esta variante de serem eles a construir, eu acho que eles têm uma educação muito mais estética, porque eles experimentam várias coisas antes da conclusão. E pedem opinião, como é óbvio. Quer queiramos quer não, temos sempre uma palavra para dizer e eles sabem, eles reconhecem isso. Também vai variando, conforme os gostos de cada um. Há miúdos que exploram muito essa parte da criatividade e depois isso notava-se em trabalhos de grupo, que faziam de mil e uma forma de apresentar o trabalho de grupo, desde o digital à maquete. Muitas vezes até com material reciclado, as caixas, as tampas...

## **Bloco 2- Importância da expressão Plástica nas aprendizagens das crianças**

### **2.1. Quais as conceções acerca da Expressão Plástica?**

**2.1.1. Qual a importância da Expressão Plástica no 1º ciclo?** Para mim, são muito importantes. Eu vou-lhe já dizer que, principalmente no 1º ano. Nós temos que trabalhar, o 1º ano tem muito a ver com memória visual. Só para perceber, eu ensinava-os a escrever e ler frases curtas através da representação em símbolos, que eles próprios construíam e teriam que dar um... teriam que construir por exemplo... só para imaginar: um quadrado significa mãe, o triângulo significa pai, então eles diziam, o pai (e punham lá o triângulo) foi ao futebol (futebol era um círculo). Está a ver? Tudo tinha a ver com simbologia. Eles próprios reconheciam que a palavra estava lá, não estava escrita, eles ainda não sabiam escrever, mas eles conseguiam depois desenhá-la, porque eles desenhavam muito bem os símbolos. Basicamente é isso.

**2.1.2. Qual a importância dada ao domínio da Expressão Plástica no “currículo” do 1º ciclo?** É de muita importância, mas nem sempre funciona dessa forma. Isto não é novidade que eu lhe estou a dar. Ahh, há muito, no 1º ciclo há muito “Eu faço para os meninos” e não há, há pouco, os meninos constroem, realizam, mexem, criam, todas aquelas fases até à conclusão. Não. Normalmente, os professores levam as coisas já pré iniciadas e os meninos concluem. Ficam trabalhos muito mais giros, claro, mas não têm nada, de criatividade não têm nada nem de cunho próprio. Portanto, têm aquilo que a professora lhes quis dar, apenas. Se fores ver ali na porta da sala da professora X, eu estou em coadjuvação, eu só dou matemática 4 horas por semana mais 5 horas do português e essencialmente estudo do meio, porque a minha colega não gosta. Mas eu dou, como estou a coadjuvar eu dou, eu adoro estudo do meio, aliás eu adoro tudo. Mas por exemplo, nesse trabalho, foi-lhes dado o molde de uma castanha para eles recortarem, eles recortaram. Depois eu apresentei várias propostas para fazerem a cara, com vários modelos. Fizemos o rir, o estar triste, o estar contente, o formato dos olhos, desenvolver com eles o formato dos olhos, da boca e tudo, mas não queira saber o resultado que saiu. A maior parte deles são homens, levam barba, quando eu nem sequer falei na barba. Eu até faço aqueles rabiscos, tipo caricaturas, não é assim um desenho estereotipado é mais um desenho livre. Fiz expressões de olhos, expressões de boca e depois daquela trabalhadeira toda, saíram a maior parte dos rapazes com barbas. Ah, mas eles não se atrapalharam, porque eu depois perguntei “O que é que se passa aqui, que eu tenho tantas Marias Castanha com barbas?”, “Ah, elas estavam mascaradas!”. Pronto, aceitou-se e fez-se o trabalho exatamente como estava. Hoje a sociedade já não vê segundo modelos, mas perante várias, várias, temos de aceitar tudo.

#### **E- Várias realidades.**

As realidades são bem mais, são muito diferenciadas. Embora haja aquelas pessoas, assim de uma certa idade, que anulam alguns tipos de, ou outras formas de, mas eles não, eles não. Eles aceitam tudo, nós temos de fazer como eles, aceitar. Não é muito normal eu estar a dizer isto com a minha idade, pois não?

**E- Se calhar é pouco comum, mas é bom que seja assim. Era bom que existissem mais pessoas com a sua opinião.**

## **Bloco 3- Papel do educador/professor nas atividades de Expressão Plástica**

### **3.1. Como são organizadas as atividades de Expressão Plástica?**

**3.1.1. Prepara as atividades antecipadamente?** Claro. Nós temos de ter sempre as aulas preparadas, se não tivermos como é que é? Eles não vão desenhar, isso não é expressão plástica. Isso faço, por exemplo, quando estou a explorar elementos, por exemplo os elementos da época da castanha: as folhas, as castanhas, o castanheiro, os meninos no jardim a comerem castanhas. Mas isso é representar o contexto, porque se eles não tiverem um contexto, só eles a trabalhar e partir logo para, que muitas vezes é o que acontece, nem sempre os resultados são os melhores.

#### **3.1.2. Prevê atividades de Expressão Plástica?** Sim.

**3.1.3. Qual a duração média de uma atividade de Expressão Plástica?** Ai, eu faço batotice na matriz curricular. Nós temos 5 horas para as expressões todas incluídas: a dramática, a musical, expressão não sei quê, parapapa... então é assim, quando é expressão plástica procuro que seja sempre cerca de 1h30, porque menos que isso não vale a pena, não dá. Não dá e é assim, há que ter muita preparação para isso, depois há que começar a desenvolver a atividade e a atividade não é fácil. Porque eles também são muito imaturos, precisam sempre de muito apoio e estão sempre a pedir ajuda. Como são muitos, não é fácil. Por isso, menos de 1h30 não dá.

**3.1.4. Que área de exploração costuma ser abordada na sala de atividades (por exemplo, modelagem, pintura de expressão livre, cartazes, escultura)?** Olhe é assim, eu gosto muito da modelagem. Acho que é um trabalho que tem muita criatividade. Eu este ano é o primeiro aqui, mas pertenço ao agrupamento há alguns anos, e

numa escola aqui perto, nós fazemos muita modelagem, principalmente nesta altura do Natal. Ahh, pronto, a modelagem utilizo, lá está, temos de ser nós a comprar, ou seja, somos nós que temos de despender desse dinheiro para comprar aquela massa branca ou o barro. Eu gosto mais da branca, não suja tanto. E faço, pronto, faço umas três vezes por ano. Não é assim muito, muito devido a essas causas. Isso também tem consequências.

**3.1.5. Que tipo de materiais costuma utilizar nas atividades de Expressão Plástica?** *É uma pena não haver disponibilidade em vários materiais, mas nós não temos. Na Pré já é diferente. Nós só temos cartolinas, lápis de cor e pouco mais que isso. Revistas temos de trazer, colas temos de comprar ou eles trazem. Utilizo muito também os materiais recicláveis.*

**3.1.6. Na sua opinião, que critérios devem ser atendidos na formulação das estratégias de ação educativa no domínio da Expressão Plástica?** *Considerar sempre o objetivo. Neste caso, da Maria Castanha, o objetivo não era propriamente a expressão facial, o objetivo era saber enrolar uma folha em canudo. Não imagina a luta. O objetivo principal era esse, não era a parte da expressão facial. A parte da face, foram orientados também e aqui também. Dei logo os quadrados, de cores diferentes, dei as instruções e exemplifiquei como fazer um canudo a partir dali. No fundo era treinar a motricidade fina e de um quadrado, fazer um cone. Eles tiveram muita dificuldade e por isso estiveram a fazer a atividade individualmente, porque todos precisaram de ajuda no manipular, transformar e chegar a.*

**3.1.7. Quais os critérios que costuma ter na planificação, desenvolvimento e avaliação das atividades de Expressão Plástica?** *Os critérios de avaliação são tidos em conta o tempo que... estes como já são crescidos não é, tinha preparado 3 horas para esta atividade, 3 horas. Já sabemos que há meninos que tivemos que ajudar. Para já, é o tempo que demora a realizar, depois há passos no meio da, por exemplo, vamos imaginar, ser capaz de transformar o quadrado em cone, ser capaz de iniciar o processo, mas não concluiu. E depois ver se conseguiam fazer o mesmo em quadrados de vários tamanhos. Eles com o quadrado grande precisaram de ajuda, mas no pequeno ainda mais.*

#### **Bloco 4- Características potenciadoras de aprendizagens das crianças**

##### **4.1. Quais as potencialidades das atividades de Expressão Plástica?**

**4.1.1. As atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?** *Ahh, têm! Sabe porquê? Por causa da memória visual. A memória visual é um campo que pouca gente explora. o contacto físico, o elaborar, o imaginar, a criatividade... isso está ligado a n coisas. Ou seja, o incutir a responsabilidade, as regras. Isso depois passa por tudo, pela matemática (preciso de não sei quantas peças), mas pronto, isso tudo depois envolve um pensamento e um raciocínio que vai para outro campo. Portanto a memória visual e o campo estético: o estarem a ver se um campo está bem contornado, mesmo o pintar. Eles chegam aqui sem técnicas de pintura. Adoro ensinar técnicas de pintura, com café, com n coisas. Eles adoram fazer a técnica do café, é tipo aquarela. Depois, lá está, a parte da estética também é muito importante. O visual... eles nunca esquecem aquilo que fazem. E isto envolve uma série de conhecimentos. Por exemplo, só para perceber: há casos que temos de utilizar moldes ou réguas, para verem que saíram fora do traço, o que está correto, o que está feio, o que está mal... O civismo, a cidadania, a matemática, olhe partia para todas. E se eu lhe disser que é das áreas que gosto menos? O que eu mais gosto de dar é matemática.*

**E- Se nós, quando estamos a trabalhar os sólidos geométricos, juntarmos a expressão plástica e pomo-los a construir...**

*É muito fácil fazer isso com plasticina... não imagina como eles descobriram os vértices, as faces, as arestas. As noções básicas da matemática, foi através da construção dos sólidos. Eles aprenderam muito mais facilmente, mexendo. Essa parte é ótima.*

<b>Local da entrevista:</b> Realizada na sala de atividades
<b>Entrevistador:</b> Raquel Neves <b>Entrevistado:</b> : PB <b>Data:</b> 20/11/2018 <b>Hora:</b> 14:45
<b>Condições em que se realizou a entrevista</b>
A entrevista foi realizada no local e hora acordados com o entrevistado, tendo em conta a sua opinião e disponibilidade pessoal. Assim sendo, realizou-se na sala de aula, durante um momento de intervalo. Em função da sala se encontrar vazia, não se notou qualquer ruído de fundo, o que terá permitido que as falas se tornassem perceptíveis
<b>Bloco 1 – Formação e experiência profissional</b>
<b>1.1. Conhecer as razões para a escolha da profissão.</b>
<b>1.2. Qual o relevo da formação de educadores/professores para a prática da Expressão Plástica?</b>
<b>1.1.1. Há quanto tempo é professor(a) de 1º ciclo?</b> <i>Sou professora há 24 anos, a caminhar para 25.</i>
<b>1.1.2. Há quanto tempo se formou em Ensino do 1º ciclo?</b> <i>Formei-me há 24 anos. Assim que terminei o curso, comecei logo a trabalhar. Fui logo contratada em setembro.</i>
<b>1.1.3. Há quanto tempo exerce a sua profissão neste estabelecimento?</b> <i>Nesta escola, estou aqui colocada por mobilidade por doença, há 3 anos. Porque era efetiva em Benavente e consegui passar para Leiria, neste momento sou mesmo efetiva numa escola de Leiria.</i>
<b>1.1.4. O que o levou a escolher esta profissão?</b> <i>A vocação e o gosto. Sempre amei aquilo que faço, gosto muito. Desde pequenina, sempre disse gostava de ser professora, sempre gostei muito de brincar com livros e pronto, e foi. Trabalho mesmo por amor à camisola. Felizmente ainda trabalho assim.</i>
<b>1.2.1. A sua formação inicial foi importante para o desenvolvimento de competências pedagógicas no domínio da Expressão Plástica?</b> <i>Sim, foi. Porque eu, na altura até tirei o curso aqui na ESE (Torres Novas), e tínhamos mesmo a disciplina de expressão plástica, na qual tínhamos uma professora espetacular, onde construímos dossiers, elementos musicais, construímos n trabalhos e elaborei muitos materiais pedagógicos, desenvolvi metodologias de ensino.</i>
<b>1.2.2. Sentiu necessidade de desenvolver as referidas competências após ter terminado o curso? Se sim, onde e como?</b> <i>Então claro, sim. E fiz, fiz algumas formações, porque eu acho que é fundamental, ao nível da nossa carreira, aprofundarmos mais conhecimentos. Até porque vão desenvolvendo outras técnicas e acho que nós, ao tirarmos as formações, aprendemos, partilhamos com quem lá está e temos depois outro modo de ensinar, por isso, acho que é muito bom.</i>
<b>Bloco 2- Importância da expressão Plástica nas aprendizagens das crianças</b>
<b>2.1. Quais as conceções acerca da Expressão Plástica?</b>
<b>2.1.1. Qual a importância da Expressão Plástica no 1º ciclo?</b> <i>Em primeiro lugar é muito importante para o desenvolvimento da destreza manual dos alunos, da motricidade fina, além de que, através das artes, eles poderão expressar muitos sentimentos e emoções. Através dos desenhos eles falam connosco. Acho que é de extrema importância no currículo.</i>
<b>E- Acha que devia ter uma carga maior?</b>
<i>É assim, já tivemos. Já tivemos 5 horas, agora estamos com 2 horas no horário. Porque temos oferta complementar, apoio ao estudo.</i>
<b>2.1.2. Qual a importância dada ao domínio da Expressão Plástica no “currículo” de 1º ciclo?</b> <i>Esta disciplina é, para já, uma disciplina que está integrada nas expressões artísticas, que engloba a expressão plástica, a físico-motora e a dramática. Para mim, é trabalhada e avaliada tal e qual como outra disciplina do currículo. Dou-lhe a mesma importância e gosto muito que eles trabalhem, desenvolvem muito a expressão plástica.</i>
<b>Bloco 3- Papel do educador/professor nas atividades de Expressão Plástica</b>
<b>3.1. Como são organizadas as atividades de Expressão Plástica?</b>
<b>3.1.1. Prepara as atividades antecipadamente?</b> <i>Exatamente, é tudo planificado.</i>
<b>3.1.2. Prevê atividades de Expressão Plástica?</b> <i>Sim. Normalmente é uma hora. Por exemplo, a expressão plástica é uma das disciplinas que surge muito quando eu trabalho na oferta complementar, acontece trabalhar a expressão plástica logo juntamente. E pronto, é assim, muitas vezes trabalho com ela transversalmente, nas disciplinas todas.</i>
<b>3.1.3. Qual a duração média de uma atividade de Expressão Plástica?</b> <i>É assim, há 3 anos, quando eu aqui entrei, nós temos aqui uma colega mesmo formada em expressão plástica aqui a trabalhar. E a A. trabalhava comigo, então nós tínhamos mesmo, nós trabalhámos imenso os pintores, artistas, que as crianças desenvolveram, pesquisaram, trabalharam. Fizeram obras, coisas muito engraçadas. É pá, e eu também aprendi muito com ela e tento também fazer pelo menos uma hora têm. E às vezes, há expressões plásticas, sei lá, que a gente estamos aqui 2 horas a trabalhar.</i>

<p><b>3.1.4. Que área de exploração costuma ser abordadas na sala de atividades (por exemplo, modelagem, pintura de expressão livre, cartazes, escultura)?</b> <i>Olha, por exemplo gosto muito de trabalhar com a técnica do papelinho rasgado, acho que ficam trabalhos muito bonitos e ao mesmo tempo estão a trabalhar a destreza, a motricidade, a coordenação. Utilizo as tintas, o sopro, o pontilhismo, a rasgagem, o recorte, a colagem. Eu utilizo muito e eu sempre gostei de expressão plástica. Se olhares assim um bocadinho para a sala percebes. Eu gosto assim muito do outono, trabalhar com as mãos deles, ali estão. Acho que estas coisas são sempre boas para eles.</i></p>
<p><b>3.1.5. Que tipo de materiais costuma utilizar nas atividades de Expressão Plástica?</b> <i>Papel de lustro, cartolina, lápis de cera, marcadores, tintas, diversos e muitos.</i></p>
<p><b>3.1.6. Na sua opinião, que critérios devem ser atendidos na formulação das estratégias de ação educativa no domínio da Expressão Plástica?</b> <i>Eu primo muito pela envolvimento e participação dos alunos e também o apelar à imaginação deles, à criatividade deles. Coisas não muito impostas. Porque acho que é partir daí, da participação e envolvimento deles, que surgem outros trabalhos. E depois é o que te tinha dito, a transversalidade entre as diferentes áreas disciplinares. Trabalho muito a expressão plástica nesse termo.</i></p>
<p><b>3.1.7. Quais os critérios que costuma ter na planificação, desenvolvimento e avaliação das atividades de Expressão Plástica?</b> <i>A adequação da atividade à turma, as necessidades dos alunos. Que tenho alunos, uns que têm mais aptidão para uma coisa, outros para outra e tenho isso em atenção. Não quer dizer que um aluno que recorte muito mal, não saiba pintar muito bem. As avaliações estão de acordo com os níveis estabelecidos. Há critérios e eles são avaliados de acordo disso: com as atitudes, com os valores, com os domínios, tendo em conta os seus conhecimentos e as suas capacidades.</i></p>
<p><b>Bloco 4- Características potenciadoras de aprendizagens das crianças</b></p>
<p><b>4.1. Quais as potencialidades das atividades de Expressão Plástica?</b></p>
<p><b>4.1.1. As atividades de Expressão Plástica têm, ou não, potencialidades educativas facilitadoras das outras áreas do saber?</b> <i>Através das ações e experiências sistemáticas, desenvolve-se no aluno a curiosidade, a imaginação, o prazer pela investigação. Ao mesmo tempo, proporciona-lhes a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento de competências e os processos cooperativos. O facto de trabalharem muito a pares também é favorável e proporcionado pela disciplina.</i></p>

## Análise de conteúdo das entrevistas